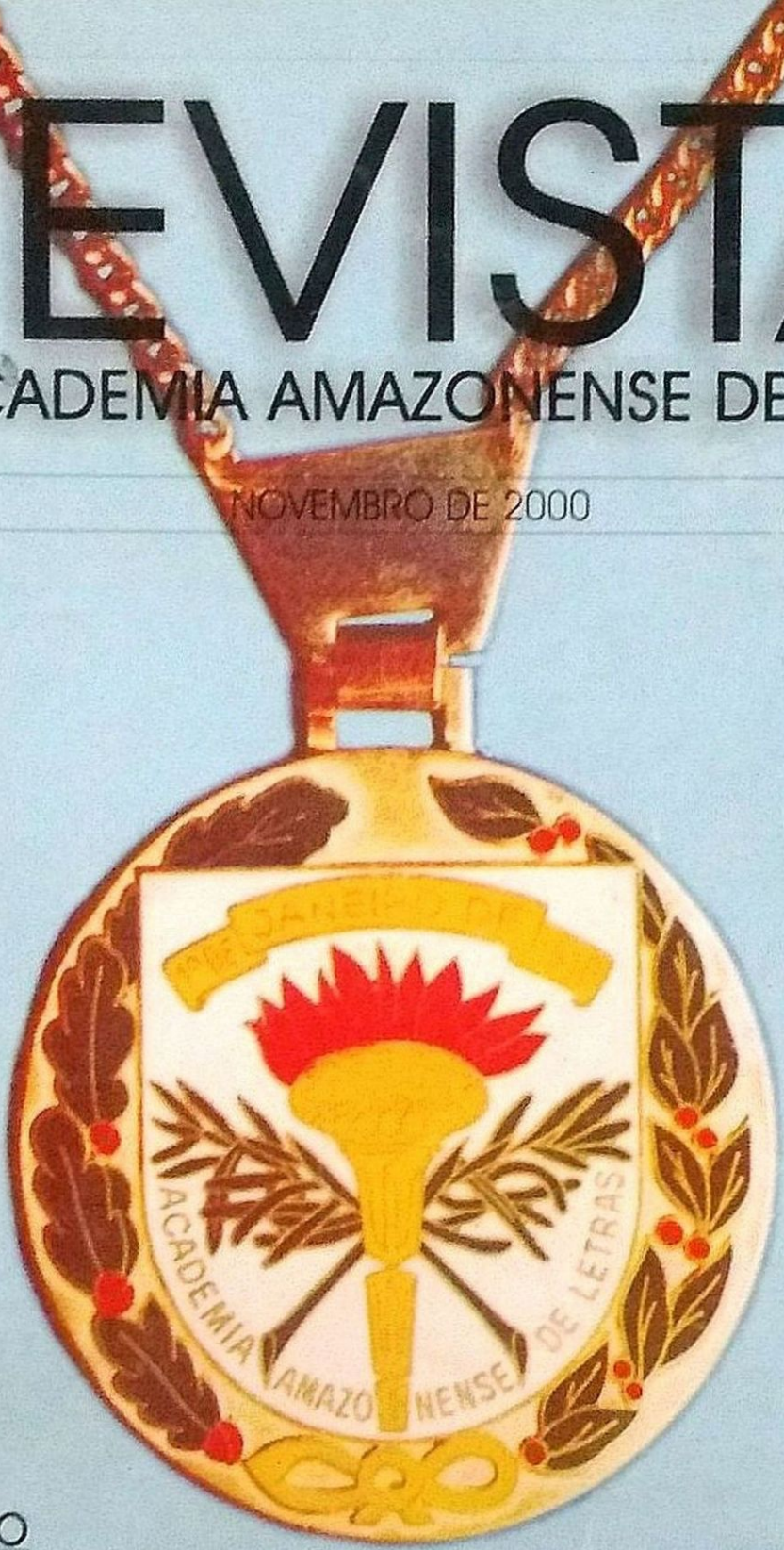
REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO LXXXII — NOVEMBRO DE 2000 — N.º 22
MANAUS — AMAZONAS



NESTE NÚMERO

Alencar e Silva
Almir Diniz de Carvalho
Arlindo Porto
Armando Andrade de Menezes
Áureo Nonato
Carmen Novoa Silva
Elson Farias
Francisco Gomes da Silva
Jorge Tufic
José Braga
Max Carphentier
Newton Sabbá Guimarães
Robério Braga
Rosa Mendonça de Brito
Ruy Lins
Thiago de Mello

Quadro de Membros Efetivos da AAL

Cadeiras	Patrono	Titular
1	Péricles de Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacir Andrade
3	Gonçalves Dias	vaga
4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	Paulo Herban Maciel Jacob
8	Torquato Tapajós	José Jefferson Carpinteiro Peres
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	vaga
12	Olavo Bilac	Elson Farias
13	Estelita Tapajós	Jauary Guimarães de Souza Marinho
14	Barão de Sant'Anna Nery	vaga
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	vaga
17	Francisco de Castro	Áureo Nonato dos Santos
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	Plínio Ramos Coêlho
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Souza	Joaquim Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	Áderson Pereira Dutra
25	Araújo Lima	Gebes de Mello Medeiros
26	Rui Barbosa	Oyama César Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	Anthístenes de Oliveira Pinto
28	Aníbal Teófilo	vaga
29	Casto Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	Ruy Alberto Costa Lins
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Nóvoa Silva
34	Ermano Stradelli	vaga
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamim Lima	vaga
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	Waldemar Baptista de Salles

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS - MANAUS - AM.
BIBLIOTECA

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXII N º 22
1993 - 2000

Diretoria da Academia Amazonense de Letras - 2000-2001

Max Carphentier Luiz da Costa
Presidente

Jauary Guimarães de Souza Marinho
Vice-Presidente

José dos Santos Pereira Braga
Secretário-Geral

Gebes de Mello Medeiros
Secretário-Adjunto

Ruy Alberto Costa Lins
Tesoureiro

Arlindo Augusto dos Santos Porto
Tesoureiro-Adjunto

Áderson Pereira Dutra
Diretor do Patrimônio

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Ano LXXXII - N.º 22
1993 - 2000

Sede Própria: Rua Ramos Ferreira, 1009
Tefefone: (92) 234-0584
CEP: 69.010-120

Manaus - Amazonas
2000

Copyright 2000 Academia Amazonense de Letras

Coordenação Editorial
Almir Diniz de Carvalho
Ruy Alberto Costa Lins

Capa e ilustrações
Marcos de Paula

Ficha Catalográfica
Elaborada pela Coordenação de Editoração da UA

Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 82, n. 22, 2000. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1993-2000.
v.: il.: 27 cm

1. Literatura - Periódicos

CDD 805 CDU 82(05)

Academia Amazonense de Letras
Fundada em 1º de Janeiro de 1918
Filiada na Federação das Academias de Letras do Brasil
Sede: Rua Ramos Ferreira, n. 1009
Fone: (92) 234 0584
Cep: 69010-120
Manaus - Amazonas - Brasil

AO LEITOR

A *Revista* ressurge, com nova feição gráfica e o âmago de sempre. Vem em duas colunas, generosa no mérito de seu brilho, sustentando a multiplicidade de seus dons e a efígie de seus colaboradores. Um longo tempo preparou-a até aqui, como os rebentos de uma floração de oásis. De fato,sabe-se que ela, relembrando o destino dos que pregam no deserto, tem o hábito de se recolher à meditação, aprimorando-se no silêncio e na aridez do cenário. Há assim, nesse ressurgimento, o ritmo da criação que se oferece em paz, imune, felizmente, à voragem que desqualifica muita produção cultural.

A *Revista* vem e volta, absorvendo e expandindo como as águas amazônicas em seu método de plenificar além das remotas cabeceiras. Ela traz a voz das fontes antigas, incansáveis sementes seculares, promove a súbita ressurreição dos álveos tradicionais. Ela não esquece, recolhe; não divide no tempo, distribui no espaço, com a vocação dos elementos vitais. Nada pode haver, com a cor do Amazonas, que não evoque, ao mesmo tempo, uma manhã do Gênese e um gesto dentro do futuro.

A Academia não depende da *Revista*, mas algo de muito duradouro e inefável habita seu corpo abstrato, sinal do espírito acadêmico. É simplesmente bem mais do que um produto literário, um feixe de faíscas para iluminação seleta. Esse *corpus* transcende a afirmação do hoje e a memória do ontem, porque se nutre da matéria intemporal que anima os cenáculos de letras e ciências diante do mistério da História.

Celebremos a sua reaparição, os seus altos véus , que vão do ensaio à crônica, do discurso à poesia, no movimento sempre renovado da verdade e da beleza.

Max Carphentier
Presidente

SUMÁRIO

Ao Leitor..... III

MEMÓRIA

Ruy Alberto Costa Lins – Uma Visita ao Tempo Passado I 1
Newton Sabbá Guimarães – Lino Miranda e o Romance Nostos..... 11

ENSAIO

Alencar e Silva – Ivan Junqueira – A Sagração dos Ossos..... 21
Alencar e Silva – Notícias do Poeta Gerardo Mello Mourão..... 25

CONTO

Elson Farias – Das Artes do Bruxo..... 31

CRÔNICA

Carmen Nóvoa Silva – Solidariedade – Irmã Gêmea da Dor..... 35
Carmen Nóvoa Silva – De Arte e de Anti-Arte..... 37

HISTÓRIA

Armando de Menezes – O Grande Certame Jurídico..... 39

CONFERÊNCIA

Arlindo Porto – Os 500 Anos do Brasil e a Realidade que Vivemos..... 47

DISCURSOS ACADÊMICOS

Almir Diniz – Palavras de um Poeta - Posse na Cadeira nº 5..... 53
José Pereira Braga – Elogio a Almir Diniz..... 71
Francisco Gomes da Silva – Posse na Cadeira nº 20..... 89
Robério Braga – Saudação a Francisco Gomes da Silva..... 101
Rosa Mendonça de Brito – Posse na Cadeira nº 6..... 109
Max Carphentier – Saudação a Rosa Mendonça de Brito..... 121

POESIA

Áureo Nonato – Ela..... 126
– Limo da Terra..... 128
– Ânsia..... 119

Jorge Tufic – Soneto para Che Guevara..... 09
– Galeria Califórnia, SP..... 24
– Zaratustra..... 46
– Romance..... 20

Thiago de Mello – De Madeira Lilás..... 10

Noticiário Acadêmico..... 131

UMA VISITA AO TEMPO PASSADO - I

Ruy Alberto Costa Lins[1]

Como não é possível conhecer o futuro, muito menos visitá-lo - graças a Deus! -, visitar o passado é uma das formas que mais contribuem para a nossa formação, formação essa tomada sob qualquer aspecto. Afinal, o passado é o relicário de todas as proezas do ser humano, quer as gloriosas quer as tétricas. Sempre estaremos, portanto, de alguma forma aprendendo bastante. O interior da alma humana contempla paixões, conflitos e mistérios, que nos sustentam, nos enriquecem, nos atormentam e nos humanizam, portanto sempre nos ensinam. E mais. O veículo transportador é o pensamento, dote especial e único dos humanos, com as suas milhares de vias, idas e voltas mais velozes que a maior velocidade conhecida pela ciência, hoje. Sobre o tempo passado é possível resgatar incontáveis reflexões e uma delas é feita, com rara sensibilidade, por Matias Aires (1705-1763) em 'Reflexões sobre a Vaidade dos Homens': *"Olhamos para o tempo passado com saudade, para o presente com desprezo, e para o futuro com esperança; do passado nunca se diz mal; do presente continuamente nos queixamos, e sempre apetecemos que o futuro chegue: o passado parece-nos que não foi mais do que um instante; o presente apenas o sentimos; e julgamos que o futuro está ainda mui distante".*

O retorno da 'Revista' da Academia Amazonense de Letras com este novo exemplar pertencente ao ano 2000, possibilita a excelente oportunidade de uma dessas visitas ao passado com o propósito de lembrar e relembrar o seu primeiro número[2], com 80 páginas de pura sabedoria em prosa e verso, que circulou em julho de 1920, lá se vão transcorridos 80 anos. Belos, longos - longos ! e saudosos oitenta anos, o que em verdade não

[1] Ruy Alberto Costa Lins ocupa a cadeira n.º 32 da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é Bernardo Ramos. Tomou posse em 29 de agosto de 1985. Economista e professor da Universidade do Amazonas, tem publicado, entre outros, os seguintes trabalhos: "Institucionalização do conceito de Amazônia Ocidental: Políticas e Estratégias para a sua Ocupação e Desenvolvimento", "Alguns momentos especiais" e "A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958/1976) - Uma contribuição para a sua história".

[2] Conta-nos o renomeado mestre Mário Ypiranga Monteiro na palestra feita durante as comemorações do cinqüentenário da Academia, a 3 de janeiro de 1968: "A revista não teve existência regular. Circulando o primeiro número, só em 1935 aparece o segundo (número especial), com o relato da festa de inauguração das novas instalações em prédio doado." Aliás, como já mencionado em outro ponto, esta palestra representa a melhor e mais séria abordagem dos primeiros tempos da Academia Amazonense de Letras.

é muito tempo para uma Instituição, é bem de notar. Para uma Nacionalidade que está a comemorar os quinhentos anos da descoberta da sua terra parece indicar não representar tanto tempo assim, o mesmo deve ocorrer com uma Instituição. Neste aspecto temporal, tudo indica que somos motivados pela duração da vida Humana. O fato é que, mesmo tendo sido fundada a 1.º de janeiro de 1918, sob a denominação de 'Sociedade Amazonense de Homens de Letras", o primeiro número da sua 'Revista', *"impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, por gentileza de Sua Excelência o Sr. Dr. Pedro de Alcantara Bacellar, Governador do Estado"*[3] só circulou mais de dois anos depois, quando a sua denominação já havia sido mudada para 'Academia Amazonense de Letras'. É este fato, portanto, a *'Revista'* no seu N.º 1, o objeto primordial de 'Uma Visita ao Tempo Passado' que pretendemos e estamos tentando realizar com esta primeira viagem a um passado relativamente recente. Deparamos logo com um sumário extremamente rico e fascinante, razão pela qual deve ser uma visita demorada, saudosa e reconfortante, mas com o pecado venial de não ser possível contar tudo o que foi visto, examinado e lido, por culpa da exigüidade do espaço disponível.

I) Ficamos sabendo que os diretores da *'Revista'* eram os acadêmicos Raul de Azevedo, Benjamin de Souza e José Chevalier. O novo estatuto, tão somente com 14 artigos, está publicado nas páginas 1 e 2, com a data de 29 de março de 1920, assinado por Adriano Jorge[4], Presidente; Ribeiro da Cunha, Vice-Presidente, e José Chevalier, Secretário, aliás a própria diretoria da Academia Amazonense de Letras. Logo no seu Art. 1.º está estipulado: *"A Sociedade Amazonense de Homens de Letras, fundada nesta capital a 1.º de janeiro de 1918, passa a denominar-se "Academia Amazonense de Letras", e tem como principal escopo o cultivo das letras pela ação coletiva ou individual dos seus membros."* Mário Ypiranga Monteiro, o respeitado mestre de muitas e muitas gerações, na sua brilhante palestra proferida em 3 de janeiro de 1968, aborda com precisão o evento, penetrando fundo em todos os meandros das vaidades humanas, a concepção das várias formas de associação, até que surgisse, como resultado final, na sua forma atual e definitiva como hoje é conhecida a Academia.

---

[3] Está anotado no verso da capa da 'Revista' este agradecimento ao Governador do Estado Dr. Pedro de Alcântara Bacellar, que autorizou a sua impressão na gráfica da Imprensa Oficial. As dificuldades eram enormes, ficando claro que sem a participação governamental, como ainda hoje, não teria sido possível esta edição. A Academia não tinha sequer sede própria e a sua secretaria funcionava no "Instituto Universitario Amazonense", na rua do Dr. Moreira n.º 36 (numeração antiga) cujo responsável e diretor foi o Dr. José Chevalier, secretário da Academia e um dos diretores da 'Revista'.

[4] Adriano Augusto de Araujo Jorge foi Presidente da Academia Amazonense de Letras durante trinta anos, de 1918 a 1948. Vale a pena ouvir o Padre Raimundo Nonato Pinheiro: "Grande Adriano ! Formais com Péricles Moraes as duas asas - serenas, pulcras e aquilinas, com que elevastes nossa Academia às suas mais vertiginosas alturas !"

II) A *'Revista'* informa os trinta membros efetivos da Academia, que eram os seguintes, com os respectivos Patronos:

Membros Efetivos	Patronos
Adriano Jorge	Euclides da Cunha
Ribeiro da Cunha	Tito Livio de Castro
José Chevalier	Affonso Arinos
Benjamin de A. Lima	Machado de Assis
Raul de Azevedo	Aluisio Azevedo
Jorge de Moraes	Oswaldo Cruz
Thaumaturgo Vaz	Raymundo Correia
Benjamin de Souza	Torquato Tapajoz
Octavio Sarmento	Tenreiro Aranha
J. F. de Araujo Lima	Francisco de Castro
M. de Nunes Pereira	Cruz e Souza
F. P. de Araujo Filho	Martins Junior
Pericles Moraes	Gonzaga Duque
Paulo Eleutherio	Joaquim Nabuco
Carlos Chauvin	Rio Branco
Raymundo Monteiro	Annibal Theóphilo
Gaspar Guimarães	Escragnolle Taunay
J. de Mendonça Junior	Eduardo Prado
Huascar de Figueiredo	Thomaz Lopes
Genésio Cavalcante	Adolpho Caminha
Aurélio Pinheiro	Raul Pompeia
Odilon Lima	Sylvio Romero
Jonas da Silva	B. Lopes
Coriolano Durant	José Verissimo
João Leda	José do Patrocinio
Dorval Porto	Souza Bandeira
Alcides Bahia	França Junior
Virgilio Barbosa	Lafayette Pereira
Alvaro Maia	Maranhão Sobrinho
Achiles Bevilaqua	Farias Britto

III) Logo em seguida aparece o discurso do acadêmico Virgilio Barbosa, na festa realizada em homenagem ao presidente da Academia Amazonense de Letras, senhor Dr. Adriano Jorge, de regresso do sul do país, em 1919. Conclui na sua fala: *"Sede bemvindo ! Vós sois para nós como o sal da terra, do evangelho de Matheus: vos estis sal terrae. Vinde, que á falta vossa, já iamos não tendo com que temperar o manjar* do *ideal. Sede bemvindo." (sic)* . Belos tempos em que o regresso de uma viagem era motivo suficiente para tanto regozijo. Adriano Jorge, naquela altura, já era merecedor de todos os encômios.

IV) A *'Revista'* é riquíssima no campo do verso. "A Bandeira" é uma homenagem de Jonas da Silva a nossa bandeira, com um belo soneto cuja última quadra *"Vendo-a passar, a alma do povo sente / Que ali vae palpitanto a nossa terra, / Mais de que a nossa terra, a nossa gente!... "*. "Pensador" é outro estupendo estrofe de quatro versos da lavra de José Chevalier, que vai publicado na página 21. Ainda no rol da poesia, temos "Laranjeira" de autoria de Genésio Cavalcante, simples e bela. Raymundo Monteiro oferece "A Dor do Bandeirante", em que a *" Cidade o acclama, enquanto, abnegado, no peito, / O heroe vencido traz, dolente, um coração / Que amou em vão, sonhou em vão, soffreu em vão... "*. Brinda-nos Octávio Sarmento com "Odio", homenageando Raul de Azevedo em 19-4-1920. "A França" (um sonho) é um magnífico épico de Th:Vaz datado de 1916, iniciando o seu sonho com a *"Noite. Lá fóra, a chuva*

impertinente, / Cortando o espaço com feroz açoite: E eu, no leito a dormir, serenamente, / a dormir e a sonhar, naquella noite. " um autêntico sonho de louvor ao insuperável país gales. É claro que não podia faltar Alvaro Maia com o seu soneto "Estéril" já despontando como um dos grandes no verso lírico.

V) Um aspecto do mais extraordinário realce da *'Revista'* é a publicação do discurso do acadêmico Raul de Azevedo, pronunciado a 21 de janeiro de 1920, sócio fundador da Academia Amazonense de Letras e que ocupou a cadeira patronada por Aluizio Azevedo. Um trabalho de fôlego, exibindo todo o seu extraordinário valor literário, tomando 15 páginas da 'Revista', cujo final vale a pena reproduzir:

> *Mocidade ! Força e Beleza, Sonho e Graça, delicioso sorriso de Mulher esplendente, encarnação da Bondade, divina Misericordia, eu te saúdo!*
>
> *Mocidade ! Minha Mocidade !... Todo um passado de alegrias que cantam, que relembram sinos festivos a bimbalhar, sorrisos desabrochando, glorias sonhadas, amôres eternos idealisados, - nuvens brancas e fugidias que se desfizeram lá muito ao alto - beijos que se desmancharam na imaginação, ambição de Arte suprema e requintada, adoração pelo nobre e cavalheiresco, culto á Fórma apurada dentro da Idéa profunda, como adivinho, como vêjo, num presentimento amargo, que pretendes de afastar de mim, minha adorada Mocidade, - e com que dôr intensa, com que mágua sentida, eu já tenho de ti uma profunda, uma grande, uma immensa, uma infinita Saudade !*
>
> *Avé, Mocidade, cheia de graça !...* " (sic).

É deveras interessante registrar, na contracapa da 'Revista', a divulgação das "novidades literarias de Raul de Azevedo 'Onde Está a Felicidade... - romance - 1 volume, e Confabulações - artigos e crônicas - 1 volume, nas livrarias Academica, Palais Royal, Classica e Internacional, em Manaus."

VI) Continuamos a nossa visita. A presença de Raymundo Moraes em "Uma lista de Intelectuais" é assim registrada: *"Quando o acadêmico Pericles Moraes esteve ultimamente no Pará, os intelectuais do Estado amigo, homenageando os seus confrades amazonenses, realizaram diversas festas em honra ao nosso colega. Em retribuição e em honra também aos confrades paraenses, muitos dos nossos intelectuais , com o auxilio da Academia Amazonense de Letras, ofereceram no salão do 'Grande Hotel', um esplendido banquete a Raymundo Moraes, escritor paraense. Adriano Jorge, presidente da Academia, pronunciou um formoso improviso que Raymundo Moraes respondeu com este lindo discurso".* Está transcrito o belo e comovente agradecimento de Raymundo Moraes.

VII) Pericles Moraes comparece com o magnífico ensaio "As controvérsias da Glória" - "Rostand e os seus comentadores", quando revive, em profundidade, os contornos da literatura francesa com invejável primor e competência. João Leda é impecável no seu "Supremacia do muque" que *"vae durigido este palavrório, em particular, ao abalisado professor Francisco Luiz Pereira, com o humanitario intuito de o demover do séstro obnóxio de ensinar os ignorantes, allumiando-lhes, condemnavelmente, o cerebro escurentado."* (sic). Dois monstros

sagrados das nossas letras, por isso mesmo sempre lembrados, portanto, imortais.

VIII) "A Marquezinha" opereta em um ato de Coriolano Durant (música de A. Sobreira Lima) com ação passada em Manaus. A opereta não é publicada por inteiro, com a promessa de continuar no próximo número da *'Revista'*. O autor apresenta a seguinte nota: *"O assumpto desta opereta foi aproveitado de uma comedia infantil italiana - quasi um longo monologo enfadonho - com dous personagens, dos quaes um só entra em scena no fim da peça, para dizer duas replicas de bondade e perdão, com os quaes a encerra. Augmentei-lhe o enredo e a contextura, puz-lhe córos, mudei-lhe o caracter moral, adaptei-a, emfim, ao gosto e á indole dos meus patriciozinhos."* (sic).

IX) "A Felicidade" é o título da palestra de Benjamin de Souza (dirigida às mulheres, pois que, no início, está a expressão 'minhas Senhoras', conquanto sem o registro da natureza do evento, local e data), sem dúvida abordando a momentosa questão que é o objetivo maior do ser humano. Já dizia o Marquês de Maricá[5]: *"Queremos todos ser felizes; mas cada um de nós define a felicidade a seu modo e diversamente dos outros: é Providência Divina que assim seja para que a felicidade chegue a todos pela variedade e diversidade dos objetos apetecidos e reputados capazes de fazer felizes pela sua posse e fruição."*

X) Aparece, então, autoria de R.A, um curioso noticiário denominado "Livros, Teatros e Mulheres", sobre a 'estação elegante do Rio de Janeiro... Maio, Junho, Julho, Agosto, ás vezes Setembro, são os mezes em que a vida carioca esplende - em livros, theatros e mulheres.' (sic). É claro, como não havia os meios de comunicação que a tecnologia moderna oferece, eram sem dúvida temas palpitantes abordados com muita perspicácia, revelando, antes de mais nada, a importância para as cidades mais distantes dos eventos culturais verificados na capital da República. Puro e saudoso romantismo, essas interessantes notícias. Em "Notas Bibliográficas" Huascar de Figueiredo, o impecável jornalista e acadêmico, aprecia os livros lançados por Raul de Azevedo, 'Onde está a felicidade...' (romance) e 'Confabulações' (cronicas). Seguem-se os registros da secretaria da Academia, cartas e telegramas recebidas e expedidas, bem assim, a ata da sessão de 20 de março de 1920.

XI) "A Poesia do Direito", conferencia de autoria de F. P. Araujo Filho aos seus confrades da Academia, é uma dessa peças que não podem ser comentadas, tal a sua grandeza e profundidade filosófica, quando estabe-

---

[5] Mariano José Pereira da Fonseca, Marquês de Maricá, político e filosofo brasileiro, autor de "Máximas, Pensamentos e Reflexões", obra da mais pura filosofia moral, de que se tem feito muitas edições. Tomou parte ativa no movimento da independência. Foi Ministro da Fazenda e Senador (1773-1848).

lece de forma magistral a íntima relação do Direito com a Poesia, desde os primórdios da Humanidade. Trata-se de uma matéria de rara beleza e que valoriza a *'Revista'*.

XII) Paulo Eleutherio registra um comovente e merecido elogio a Adriano Jorge. Diz com todas as letras: *"E em mais de uma feição caracteristica do intelectual moderno se desdobra Adriano Jorge: no jornal, é o chronista suggestivo e impressionante, grande sabedor dos segredos e subtilezas do idioma; na escola é o professor que consegue manter a sua classe em constante admiração e desvelo pelo mestre, formando em cada discipulo um espirito novo, predisposto ás suaves e encantadoras emoções do Bello; na tribuna é o explendido orador que todos applaudem e anceiam por ouvir sempre; na vida publica é a organisação inteiriça de que todos lhe reconhecem a tempera superior."* (sic).

Exatamente pelo fato de estar lembrando o sempiterno Adriano, a quem tive o privilégio de conhecer, de longe, quando presidente da Câmara Municipal de Manaus, é que transcrevo o seu escrito publicado nas páginas 65/66 da *'Revista'* ora visitada,[6] *"UM GESTO ROMANTICO - Combalido daquella vaga tristeza, que anda a bolar esparsa nos olhos bondosos e quasi humildes dos que enve-lheceram guardando integral, a phosphorejar-lhes nas lucidas pupillas eternamente moças, a intelligencia raófosa; vergado sob a cruz esmagadora daquelle profundo saber - oh! O doloroso, amargo presente dos deuses ! - de quem viu muito e muito soffreu: illuminado pelo resplendor de suas barbas brancas e transcendentalizado pelo mysterio do Além, que lhe transfundia, aos bruxoleios crepusculares da morte próxima, uma imponencia mystica de santo, o Grande Velho quis que lhe mandassem do Brasil um punhado de terra da Patria, para que sobre ella dormisse o somno supremo a sua bella cabeça prophetica e macerada.*

Ao meigo rasgo sentimental do Imperador, responde hoje o Brasil com um gesto romantico: - a Republica autoriza a repatriação das cinzas de Pedro II.

As atitudes do Imperador foram sempre magnificamente esculpturaes, desde aquelle documento immortal, que Wilson gloriosamente plagiou, até o stoicismo socratico das suas ultimas horas de Brasil.

Não surprehende, pois, o surto amoravel de sua grande alma para com a Patria desagradecida, que o repudiára.

Assombra, porém, esse gesto de belleza por parte da Republica, de cujo

---

[6] Como pode ser constatado, a reprodução do escrito de Adriano Jorge guardou a ortografia original, aliás a bela e suntuosa ortografia da língua portuguesa de então, com o propósito de valorizar os vocábulos utilizados e penetrar no espírito do autor.

espirito eminentemente pratico trinta annos de falencia moral nos tem dado as provas mais desastrosamente convincentes.

É impossivel calcular em metal sonante as consequencias dessa impeto, com que a Republica entende agora resgatar a velha ingratidão...

E o que não é, entre nós, reductivel a uma expressão monetaria qualquer é de todo em todo incomprehensivel.

A mim, que tenho a vaidade sumptuosa de já me haver desalgemado de grande parte do infinito acervo de superstições e feiticismos, que nos eivam o patrimonio mental, quasi nada interessaria o sitio em que repousam ou venham a repousar os restos mortaes do Imperador.

Já o meu delicioso Rémy de Gourmont escrevêra, quando foi da transladação dos ossos de Lamartine para o panthεon: - "Que me importa o recanto da terra onde estão as tibias de Lamartine!"

De facto, o que de um homem subsiste, através dos tempos, não é a tristissima expressão residual do arcabouço inutil nem mesmo a chimica maravilhosa, que lhe aproveita os albuminoides do organismo desfeito para a creação de novos protoplasmas...

Esses restos e essa metábole não caracterizam individualmente homem algum; não são mesmo especificos, porque assim se comportam na morte todos os seres organizados, exceptuados naturalmente, com respeito ao arcabouço, os animais destituidos de esqueleto.

O que de um homem fica, eterno e magnifico, a attestar a incontestavel superioridade cerebral da especie, é o seu espolio esperitual, isto é, a summula da actividade de sua intelligencia, de sua adaptação moral e social, de suas reacções affectivas.

Em duas palavras: A personalidade mora, expressa e synthetizada em suas acções e em suas obras, tal é o Homem.

Dahi, a inutilidade absoluta de todos os monumentos funerarios, como dolmens, kromlechs, menhirs e mansoléos, ou simplesmente allegoricos, como os arcos de triumpho e as estatuas.

Scipião conseguiu ser rediculo uma vez: foi quando lançou contra Roma a apostrophe celebre, mediante a qual desherdou a cidade eterna do legado de seus ossos.

Que fez, que tem feito a Republica da Grande Obra moral, social e politica de Pedro II?

Até hoje, nada que eu saiba, além do facto inexpiavelmente delictuoso de affirmar a existencia dessa Obra antiga pelo infeliz contraste dest'outra de agora.

E a que vem mandar repatriar os ossos do Grande Imperador ?

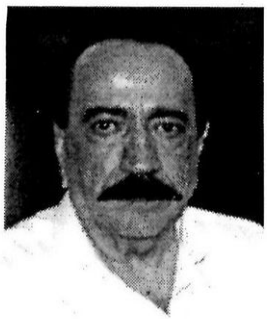
Não é possivel que os poderes públicos do Paiz se tenham deixado arroubar de velho mysticismo, para resgatar de seus er-

ros a Republica, ao contacto purificador das sagradas reliquias do nosso Santo nacional.

O meu incuravel pessimismo apenas consegue ver, nesse gesto romantico, mais uma das infinitas manifestações da vaidade insopitavel do que se querem celebrizar por uma originalidade qualquer...

O vulto heroico e suave do Grande Velho, aureolado da transcendente nobreza do martyrio, não tem necessidade, para ficar eterno dentro da alma de todos os brasileiros, dessa enscenação insignificativa."

XIII) Parece que a visita está concluída. Talvez seja esta uma apreciação que não transmita toda a riqueza e beleza de uma rica e bela *'Revista'*, um monumento resultante das nossas mais primorosas inteligências, não apenas para nós, mas também para os nossos pósteros. De qualquer modo, foi uma visita reconfortante.



SONETO PARA CHE GUEVARA

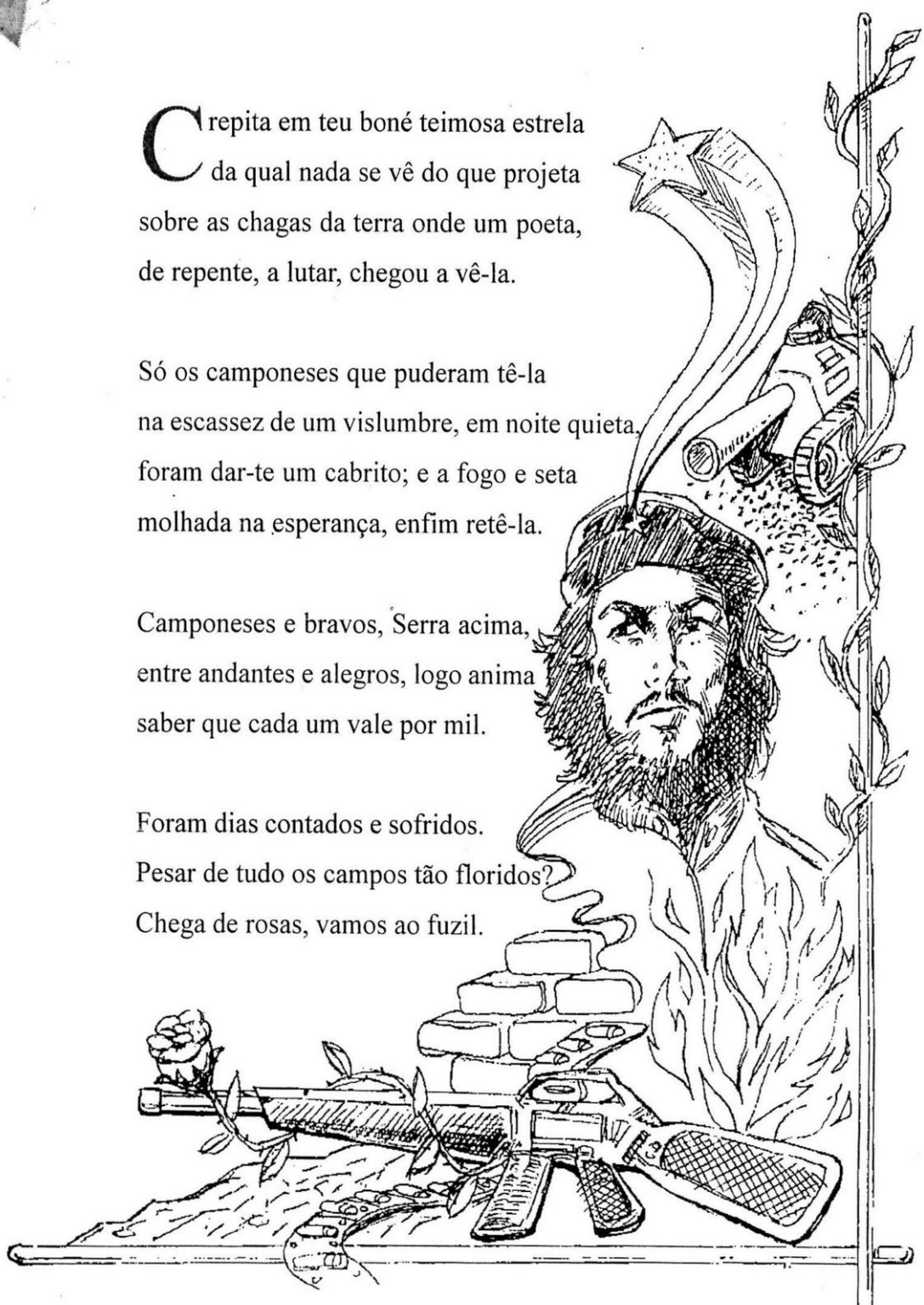
Jorge Tufic

Crepita em teu boné teimosa estrela
da qual nada se vê do que projeta
sobre as chagas da terra onde um poeta,
de repente, a lutar, chegou a vê-la.

Só os camponeses que puderam tê-la
na escassez de um vislumbre, em noite quieta,
foram dar-te um cabrito; e a fogo e seta
molhada na esperança, enfim retê-la.

Camponeses e bravos, Serra acima,
entre andantes e alegros, logo anima
saber que cada um vale por mil.

Foram dias contados e sofridos.
Pesar de tudo os campos tão floridos?
Chega de rosas, vamos ao fuzil.



DE MADEIRA LILÁS

Thiago de Mello

De madeira lilás (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e por conter
no seu âmago a morte que o ameaça.

Madeira dói?, pergunta quem me vê,
braços verdes, os olhos cheios de asas.
Por mim responde a luz do amanhecer
que recobre de escamas esmaltadas
as águas fundas que me deram raça
e cantam nas raízes do meu ser.

No crespúsculo estou na ribanceira
entre estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras.
Já não faz mal que doa,
meu bravo coração de água e madeira.

Rio Andirá
fevereiro - 2000

LINO DE MIRANDA E O ROMANCE NOSTOS(*)

Página de Saudade

Newton Sabbá Guimarães

Conheci-o em Assis, a pequenina e ensolarada cidadezinha lindeira com o chamado Norte Velho do Paraná, em cujo **campus** universitário fazíamos o Doutorado em Letras. Um sujeito forte, baixo, atarracado, com espessa barba grisalha e a fumar cigarro após cigarro. Aproximou-nos, imediatamente, o nosso amor pela Literatura Portuguesa e pelos clássicos greco-latinos, pela Monarquia e pelo Salazarismo, conservadores ambos em política e nas preferências de leituras. Morava em Londrina, com a família numerosa, em bairro afastado. A sua sala de visitas eram só livros, em estantes rústicas, possivelmente feitas por ele próprio que forravam as paredes: os bons autores portugueses do passado, alguns clássicos franceses e os greco-latinos, gramáticas de latim e grego, dicionários e muitas lembranças do velho e distante Portugal. Mostrou-me um cartapácio, pesado, de capa dura, com o emblema de realeza: era um livro de homenagem ao injustiçado Rei-mártir de Portugal, Dom Carlos I, barbaramente assassinado, com o Príncipe herdeiro, em 1908, e falou, então, longamente, sobre a morte do Rei, as conseqüências para uma das monarquias mais velhas e aparentemente mais sólidas da Europa e terminou, quase duas horas depois, por tecer severas críticas ao regime esquerdista que desgovernava Portugal naqueles dias de instabilidade, greves, ódios acirrados e muita confusão. Confessava-se muito, dizia tudo o que sentia e eu soube, então, que viera para o Brasil exatamente por não aceitar a chamada Revolução dos Cravos e por ser um salazarista leal e consciente. Ainda existem no Velho Mundo dessas lealdades que chegam ao ponto de se prejudicarem antes que traírem àqueles a quem serviram ou abandonarem sólidas idéias. Por longos anos fizera o serviço militar, chegando, parece-me, a capitão ou major, mas a sua paixão eram as letras, as leituras, os bons autores portugueses. Vivia para a literatura, a ela dedicava todas as horas em que não estava a labutar pelo pão de cada dia para sustentar esposa e muitas filhas, todas estudantes, muito vivas e alegres, contrastando um pouco com a leve melancolia de Lino de Miranda, o escritor a quem dedico estas linhas. Trabalhava muito o pobre

(*) Do livro ***Feira das Inquietações***, inédito.

homem e em atividade que nada tinha a ver com os seus estudos, com o seu culto dos clássicos, com o seu diploma de licenciado em Letras e Mestre em Literatura, o primeiro por Universidade portuguesa e o segundo já completado no Brasil: tinha um restaurante no centro da cidade, modesto mas bem arrumado, onde, ao invés das vulgaríssimas músicas populares de que esses estabelecimentos são useiros, ouvia-se Bach, Liszt, Chopin e outros grandes compositores do passado, dando um tom romântico e altamente seleto ao ambiente, onde, cuidadas flores vermelhas e amarelas, em jarrões portugueses, eram encimadas por um grande retrato, de cenho fechado, bem no centro da parede dos fundos, do falecido governante de Portugal, Dr. Antônio de Oliveira Salazar, como que vigiava aquele lugar em que tudo, faianças, guardanapos, taças, enfeites de parede, cortinas, eram cem por cento portugueses. Respirava-se ali um ar honesto e bom de casa portuguesa e eu sentia-me bem, a conversar por horas a fio, degustando vinho português - que jamais faltava! - enquanto aguardava o ônibus que me levaria a Florianóplis, para minha ilha encantada. Conversações variadas sobre letras, sobre gregos e latinos.

De origem muito humilde, como ele mesmo me confessara, estudara com sacrifício mas, desde moço, já sabia que caminhos percorrer - o das letras, o das **litterae humaniores**. Começara pelo latim, que conhecia muito bem podendo ler até mesmo os bons autores do período de ouro da latinidade e se deliciava em ler a Bíblia na tradução da Vulgata. Conversava muito, falava muito como bom filho daquele país tão caro a nós brasileiros. A meninice em Rates, os estudos primários, os tipos populares que depois retrataria em livro de recordações, o serviço militar, a queda do regime que deu paz, ordem e disciplina ao país durante quarenta anos... Achava-lhe engraçada a gesticulação um tanto abundante e eu que sempre tive profunda aversão pelos gestos exuberantes, dizia-lhe a brincar que ele mais parecia italiano, ao que contradisse que não, que os lusos também gesticulam ainda que bem menos do que os italianos. Era uma figura o meu amigo! Língua de trapo, ele se dizia. E era-o, na verdade, um tremendo maldizente, mas um maldizente sem maldade: criativa, caçoava, ironizava a rir. Conhecia a vida privada de muitos autores portugueses do presente que muita vez sintetizava em uma frase curta, ferina. Falávamos um dia de José Régio e ele comentou: um dinheirista de marca, tremendo avarento... Outra vez, a conversa recaiu sobre Miguel Torga e por ele soube que o contista e poeta de altos vôos era sujeito arrogante e inabordável. Uma tarde, em companhia de professores da Universidade Paulista, alguém citou Saramago, o hoje galardoado Nobel, o primeiro de língua portuguesa, e Lino, depois de elogiar-lhe um romance, foi cortante: vermelho até à alma, até o seu sangue é comunista. E foi assim que soube que o romancista revolucionário de uma nova estética literária no país

amigo em questão de ideologia era um fanático esquerdista, surdo a tudo aquilo que não seguisse o figurino moscovita ou havanês e lamentei do fundo do coração que um artista de tal grandeza pudesse, ao mesmo tempo, baixar tanto a ponto de comprometer a sua arte com ideologias espúrias que alimentam regimes onde o homem vive na maior escravidão e à mercê de uma burocracia petulante, brutal e desumanizadora. E hoje entendo porque a Academia Sueca o premiou... Lino era, com efeito, um tremenda língua de trapo, que falava mal de todo o mundo, acompanhando o comentário maledicente de gostosa gargalhada. Era talvez o seu lado fraco, o calcanhar de Aquiles, pois no mais um excelente colega, um amigo dos bons, um intelectual com sólidos conhecimentos humanísticos, um romancista malogrado, que não pôde levar adiante uma obra tão bem começada com **Nostos**[1], romance complexo, com riquíssima e abundante intertextualidade e de difícil classificação, também. **Nostos** resiste a uma classificação teórica, que trai remotas influências de Almeida Garrett com seu **Viagens na minha terra**[2], em que se conta uma delicada estória de amor dentro do romance, ou os romances de Virgínia Woolf, com o seu **stream of counsciusness,** tão seguido na literatura universal, atingindo o cume com James Joyce, e engrandecido no Brasil por Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Clarice Lispector, depois, infelizmente, banalizado, quando passa a ser modismo.

Lino tinha uma grande vontade na vida: vir a ensinar na Universidade, fazer parte dessa precária elite universitária, por vezes tão vaidosa e soberba e, contudo, tão vazia e arquirepetidora. Esforçou-se por isso, lutou muito. Era o seu alvo-mor e quando afinal se preparava para ingressar na Universidade do Vale do Itajaí, onde lhe conseguira entrevista e o recomendara vivamente, morreu, repentinamente. Até a morte a frustrar-lhe, de modo cruel, os seus pequenos sonhos... Repito, pequenos sonhos, pois a coisa mais fácil é o ingresso na Universidade, desde que o postulante não mostre nem muito saber, nem muita inteligência, nem muita independência. Lino ti-

---

[1] Miranda, Lino de. **Nostos**. Póvoa de Varzim, s/d. Edição possivelmente às custas do autor e penso que publicada em 1978. 246 p.

[2] Garret, Visconde de Almeida. **Viagens na minha terra**. É a obra em prosa mais conhecida do grande romântico português, com a qual inaugura uma nova estética na Literatura Portuguesa. Neste romance há uma inovação: uma intertextualidade muito forte, conta-se ali a estória da Joaninha dos olhos verdes dentro da narrativa geral das **Viagens** e, mais tarde, estudiosos conseguiram separar o texto da estória independente e, com ela, formar novo livro muitas vezes encontrado separadamente entre as obras de Almeida Garrett. As duas narrativas caminham par e passo e a de Joaninha não é um parergo como se poderia pensar, mas uma estória que se desenvolve à proporção que a narrativa axial do livro se desenrola, duas ações simultâneas que se completam, no final. Há dezenas de edições do livro famoso e cito aqui duas, recentes, a da Biblioteca Ulisséia de Autores Portugueses, da qual é o vol. 1, com esclarecedora introdução de Maria Ema Tarracha Ferreira, e a muito boa da Coleção de Clássicos Sá da Costa. Desconheço se existem traduções para outras línguas.

nha contra si exatamente a independência de pensar, os sólidos estudos adquiridos na Universidade portuguesa no campo das humanidades e... não fazia coro com as mediocridades e as esquerdas ululantes. Era um fiel seguidor do pensamento político conservador de direita e isto, no Brasil, é pior do que pecado capital ou crime capitulado no código Penal. Poderia ter trazido ótima contribuição ao ensino e à investigação universitária em nossa Pátria se não fosse a mesquinharia, a falta de visão, o facciosismo que, por desgraça, ainda nos domina. Perdeu o ensino universitário um bom mestre, um humanista sério, um homem que escrevia saborosamente a língua. Não era de igrejinhas, não era de pequeninos grupos do elogio mútuo. Por vezes rude e desabusado, era um sujeito reto, íntegro, que se não traía. Lamento pela juventude universitária nacional o que ela perdeu na sabedoria, na experiência, no "faro" para os bons autores e os bons livros de Lino de Miranda e sua investida baldada de ensinar na Universidade...

Deixou uns poucos livros, de crônicas e contos populares, coisas de pequena monta, escritos às pressas e publicados levando o nome de suas filhas e colaboradoras, obras muito aquém do que podia fazer. A luta incessante contra o meio, a pobreza, as dificuldades materiais, distorceram a obra que poderia ter sido, a inferir-se do seu romance **Nostos**, este sim, um livro superior, bem escrito, muito bem escrito, com diálogos bem estruturados e uma narrativa que se perde dentro de outra e se completam, em que traz para uma situação atual momentos sublimes da **Odisséia**[3], em uma intertextualidade magnífica e como poucas vezes tenho encontrado em autor de língua portuguesa. Livro pensando em Portugal e no Brasil, com deliciosas passagens autobiográficas e fiel caricatura de tanta gente conhecida do Amazonas[4], onde foi começado, com os seus manipanços, os seus gurus inacessíveis, os bonzos literários que se põem em altos pedestais e não se dignam de baixar os olhos aos pobres mortais lá na base, e termina-o, um ano depois, em São Paulo, em 1978, na pacata Assis. Até isto reflete a sua vida errante e inquieta.

Mas **Nostos** é um livro injustiçado, como o foi o seu autor. Ninguém o leu, jamais encontrei um artigo ou comentário sobre ele, uma citação sequer, e é um livro-orquestral, se assim se pode dizer, pois nele estão presen-

---

[3] **Odisséia**, uma das grandes epopéias do mundo ocidental que, com a **Ilíada**, é atribuída ao aedo cego da velha Grécia, Homero. Foi excelentemente traduzida em português pelo grande humanista Manuel Odorico Mendes, tradução até hoje lida com admiração pelo primor do português, riqueza vocabular e fidelidade ao texto grego original. Acha-se traduzida para todos os idiomas cultos. Em inglês é famosa a tradução de Chapman, que mereceu belo poema de Keats. Há, ainda, uma assaz elogiada por Richmond Lattimore. Em alemão, é excelente a de Johann Heinrich Voss Voss, também em verso como as outras mencionadas.

[4] Foi começado a escrever em Manaus, em 1977, como está na página final do romance.

[5] *Op. cit.*, p. 7.

tes muitos instrumentos, para continuar com a linguagem figurada. Um grande poema que conta, com a ironia, os percalços da vida de um novo Ulisses em uma nova **Odisséia,** a odisséia de Lino de Miranda em terras brasileiras, lá pelo extremo norte onde foi dar como os costados e mais os de sua família. "Este livro é uma **Odisséia;** fala, naturalmente, de um Ulisses[5]", adverte o romancista logo na primeira linha da nota prévia e dirigindo-se ao leitor potencial, lembra que este "reconhecerá facilmente os passos em que me aproximei de Homero quase até à tradução. Não pareceu necessário, por isso, assinalá-los no texto."

Denso, irregular, com passagens de extrema vivacidade e emotividade, há passagens que se lêem como se fora um vasto poema, até pedaços frouxos e que chegam a cansar o leitor, especialmente se ele não conhece bem a epopéia homérica. Aliás, **Nostos** é o que não duvidaria chamar de um livro altamente requintado, superiormente construído e que não está ao alcance de qualquer leitor e sim daqueles que passaram pelos **studia humanitatis** e possuem boas lembranças dos clássicos e da mitologia greco-latina. É preciso, igualmente, que o leitor possua conhecimentos do grande romance amazônico, A Selva, de Ferreira de Castro (é irônico que o melhor romance amazônico seja escrito por um estrangeiro, o português Ferreira de Castro, que nele tem a sua obra-prima e que jamais voltou a repetir o êxito, especialmente entre os leitores desta banda do oceano!) e tinturas de latim, pois há trechos finais inteiramente nesta língua, mesmo que seja o latim da liturgia e, portanto, mais acessível ao leitor estudado, mas inteiramente fechado ao leitor comum brasileiro que pouco ou quase nada estuda latim. Pobre Lino, tão deslocado do mundo bárbaro onde foi morar, tão distante da pobre realidade brasileira nortista, tão culto e tão preparado para aquele meio que o não reconheceu e jamais nada lhe concedeu, a não ser a indiferença com que foi galardoado, impunemente. O primeiro capítulo parece ser o mais inspirado e belo do livro, que se não lê sem funda emoção, como se fosse longo poema épico. Todas as vezes que o leio em voz alta a impressão que tenho é que estou a ler uma epopéia clássica e a beleza da descrição tão marcante que o leitor como que visualiza o descrito pelo autor:

> *Era a cavalo que gostaria de voltar. E de noite, no Outono, com um luar já frio e muito claro, os milhos colhidos, as videiras já sem folhas, e os esteios das vinhas, brancos, a brilhar como espectros amigos. Uma névoa muito fina, baixa, ao longo dos regatos, como um suor frio das nabiças de folhas prateadas. Mas sobretudo, que fosse a uma hora em que as casas brancas brilhassem dispersas na tranqüilidade já gostosa das lareiras, e que entre as nuvens brancas que devagar subissem aos céus pudesse de longe, do cume assomado da serra, parando com a silhueta projectada contra o infinito, distinguir as chaminés da minha casa, confortável e alegre com lume na lareira e as crianças aquentando-se, protegidas pela paz das coisas simples e boas"* - op. cit., p. 9.

[6] *Ibidem*, p. 7.

E por aí vai, em um **crescendo,** com frases ainda mais belas que, lidas uma única vez, penso, dificilmente se esquecem:

> *Todo o gesto tem uma partida e um regresso. Não é completo se apenas começa e fica na ansiedade do seu fim, como nas antigas tragédias, o gesto precisa de um repouso porque resulta nele. Mesmo que o final destrua a mão que faz o gesto, ou mesmo seja tudo fantasia e que não haja mais lendas nem significado nenhum nos gestos humanos*- op. cit., p. 11.

Quem teve a ventura de pisar terras do Norte de Portugal, com os seus campos verdes, as vinhas, o luar frio do Outono, as folhas que caem, as hortas no fundo das casas, os cães a ladrar, um todo quê de magia e encantamento, terá diante dos olhos a descrição que o romancista nos apresenta. Ele sonhava com o retorno vitorioso à pátria-mãe, retorno que não aconteceu. Radicando-se em definitivo na terra brasileira onde criava as filhas que, mais tarde, freqüentariam Universidades brasileiras e aqui por sua vez formariam família, confessou-me muitas vezes que gostaria de passar uma temporada em Portugal para "refazer as forças", como dizia, a sorrir. Não voltou. Está enterrado em um cemitério de Londrina e a sua morte foi um choque para os seus colegas de Doutorado e tão inesperado que nem sequer tive tempo de acompanhá-lo à última morada: quando soube em Assis da sua morte, ele já estava debaixo da terra fazia dois dias. Pobre e infeliz amigo! E lamento daqui, tantos anos decorridos, da frieza com que a sua morte foi recebida naquele nosso meio universitário, pois nem sequer o professor que dava aulas no dia do seu passamento teve um gesto de nobreza e humanidade de suspender, em gesto simbólico de pesar, o restante da aula. Não, continuou, burocraticamente, a ditá-la.

Retratou em **Nostos** algumas personalidades de Manaus e dizia-me quais. Nem precisava: a descrição física e psicológica era tão perfeita que, para quem ali viveu e conheceu a **intelligentsia** local, nem precisava citar nomes, tão facilmente reconhecíveis elas são, muitas simplesmente caricaturais como a de um colunista social, peganhanto e parasita, ou o Dr. Waldemar. Algumas descrições, como a da sessão de batuque é verdadeiramente digna de antologias, ou a manhã de reunião no Clube dos Sabiás, ironia com que mimoseia uma entidade literária local, o Clube da Madrugada e parece que, lendo-lhe as descrições, via, a meio passo de mim uma daquelas figuras, algumas delas até minhas conhecidas e muitas já falecidas como o poeta mulato dublé de político, astuto e sem a menor dignidade que vendia o voto com a maior facilidade do mundo a troco de míseros favores. Esconde as pessoas vivas sob nomes postiços, mas o retrato é tão bem feito que logo as descobrimos. Pela maneira de se saudarem, pelos cumprimentos pomposos - "E saudavam-se num exuberante

[7] Ibidem, p. 94.

respeito, em gestos de sessão solene, com platéia[7]", escreve, irônico -, pela doentia vaidade àcerca dos próprios livros e publicações. O temperamental e ridículo poeta Alves Avelar era assim mesmo como o retratou, com perfeição, o romancista. Conheci-o de perto, figuras caricatas todas elas, pequeninas, fascinadas pelo próprio talento, olhando de alto para baixo todo aquele que não fizesse parte do fechadíssimo grupo provinciano. Há uma descrição da vida e ambiente universitários locais e é de morrer de rir a descrição dos "preclaros mestres", o de literatura portuguesa e o de latim, com as suas "sebentas" e o seu imenso saber infuso que não admitia perguntas nem discordâncias. Meu Deus, parece que conversava com cada um deles e o "que se tinha por floclorista e gozava de fama local, era acadêmico e pertencia a um clube e a uma sociedade de escritores[8]", nem sei quantas vezes cruzei com ele, dentro e fora da Academia... Lino foi cruelmente real e traçou o mais perfeito retrato de uma sociedade altamente provinciana que não admite méritos em quem não seja de dentro e tanto assim que o romancista, muito mais bem aparelhado academicamente, jamais pôde fazer parte nem da Universidade, nem das sociedades literárias locais. Nada escapou aos olhares percucientes do romancista português e ele nos dá um formidável mural da vida amazônica, dos regatões, dos barcos sujos e cheios de gente feia e suarenta, do mercado público, dos vendedores de calçada que oferecem de tudo, do peixe frito às bananas, das panelas à farinha de mandioca, dos passantes miseráveis que comem peixe fazendo pequenos bocados com farinha e jogando-os como em uma pazada na boca, atirando os restos das espinhas e a cabeça do peixe aos cães lazarentos, macérrimos, que disputavam lugar e oportunidade com os caboclos da beira-rio. Um quadro terrífico, ou, como costumam dizer os jornalistas amantes dos lugares comuns e chavões hiperrepetidos, "uma cena dantesca" aquela dos mercados e beiradões de Manaus, que causa repugnância e que o leitor se pergunta, enojado: mas isto existe mesmo? Infelizmente existe, uma nesguinha da sujeira dos bairros miseráveis da China Comunista, um pedacito da asquerosa falta de higiene de muitos **slums** e **shantytowns** africanos, ali pela Serra Leoa, Nigéria e África do Sul, esta depois que passou às mãos dos governantes africanos negros e a ordem, disciplina e hierarquia foram sufocadas pelos caprichos da democradura. Nenhum escritor regional, desses que pregam um regionalismo ardentemente exagerado, conseguiu jamais dar uma descrição tão justa, tão verdadeira, tão real da vida miserável dos mercados, armazéns, das lanchas de passageiros, os célebres "gaiolas", do que Lino de Miranda no capítulo XI de **Nostos**. Tem-se a impressão de que se valeu de filmadora enorme, e, com um filme formi-

[8] Ibidem

dável, clicou tudo aquilo, em preto e branco. O leitor que andou por Manaus sabe muito bem que o romancista não mentiu nem sequer exagerou, mas foi fiel, reproduziu cada traço com exatidão e aí é que a dor e a vergonha crescem. Depois, não há raiva, não há ódio, não há amargura nas pinceladas de Lino de Miranda, mas somente os olhos de lince de quem, pela experiência de vida, pela sensibilidade de artista, pela argúcia de homem que vivera em dois mundos diferentes, sabia observar. Escrito inicialmente em primeira pessoa, quando o romancista descreve a sua vivência amazônia e quando acalenta a saudade de coisas perdidas ou da pátria distante, passa, curiosamente, à terceira pessoa quando intertextualiza, quando se põe na capa e na pele de Ulisses e conta novas aventuras que, no final das contas, são as aventuras pobres e mesquinhas de Lino de Miranda em uma região que lhe não abre as portas.

Seria um monólogo o seu? Um desabafo em que lamenta inclusive a dureza da terra natal que nada lhe concede e a da terra de adoção, que o não compreende e finca profundos espinhos na carne. Saudades da pátria distante que lhe ditam palavras pungentes no capítulo derradeiro do romance e que, até certo ponto, combinam com as palavras de abertura, quando ele sonha com o retorno, em pleno Outono, em noite de lua e beleza de cores que se espalham pelos campos cultivados. Mesmo quando falava dos fracassos em Portugal, com muita tristeza, aliás, fazia-o com saudade da terra natal. Lembrava-se da paisagem da infância. Sempre a nostalgia e, como por associação também, as palavras iniciais de **Hyperion**[9], o mais famoso livro de Friederich Hölderlin, quando a personagem central se recorda dos "letzten schönen Momenten[10]" exclama, compungidamente:

> *Ein Bruder des Frühlings war uns der Herbst, voll milden Feuers, eine Festzeit für die Erinnerung na Leiden und vergangne Freuden der Liebe. Die welkenden Blätter trugen die Farbe des Abendrots, nur die Fichte und der Lorbeer stand in ewigen Grün-* (in op. cit., p. 135).

O alemão é bem mais lírico e mais sonhador, o português mais dolorido e amargo no anseio de reencontro com a terra, mas, ainda assim, proclamando a sua profissão de fé nacional, tem uma certa resignação cristã esta mesma que parece perseguir a todos os portugueses fora da pátria:

> *Nós, que estamos longe, espalhados pelo mundo e presos nas malhas da necessidade, e nós que estamos perto, que entramos já em poder do que é nosso,* ***nem que não voltemos mais a ver a luz do sol que nos viu nascer e aluminou nossos passos incertos, nem que não voltemos a respirar a brisa da praia lusitana*** *que nos marcou para sem-*

---

[9] Hölderlin, Friedrich. **Hyperion.** Mit einer Einleitung von Karl-Heinz Ebnet. Munique, Swan Buch-vertrieb, 1993. 221p. Faz parte da coleção "Die Deutschen Klassiker".

[10] *Op. cit.* p. 135

pre de lenda e nostalgia, não esqueceremos, não, mais, conscientes da mágoa que não deixa de doer, assim mesmo perdoamos e rezamos pela pureza dos nossos corações e pela fraqueza dos homens que o orgulho destroça e a ignorância atraiçoa. (op. cit., p. 245. Grifei).

Nas últimas páginas de **Nostos,** o triste Ulisses lusitano como que se despe, retira a túnica de Nessos que o fazia sofrer e, piedosamente, reza. Pede perdão para os outros, possivelmente para aqueles que, por orgulho, vaidade, arrogância, ciúmes, despeito e ignorância, não foram capazes de compreendê-lo no que ele tinha de bom e sensível, de menino grande de barbas espessas e intonsas, de coração generoso e nobre, em meio àquela torrente de palavras irônicas, de observações ferinas, de burla.

Seus familiares encontraram em sua banca de trabalho um poema de extraordinária intensidade, em que a premonição da partida está presente em cada verso, um poema de forte emoção que não chegou talvez a corrigir e dar forma definitiva, de que possuo fotocópia: "Até um dia, Senhor!", em que abre o peito em uma confissão lancinante:

"O melhor sangue deixei-o no desterro,
Por toda a parte fiquei e estou ausente".

E, na última estrofe:

"O meu corpo pequeno dispersei,
Névoas me deve o meu Rei,
Até um dia, Senhor!"

O que terá ele querido dizer? Seria mesmo uma despedida, já que o poema é datado de 1° de julho de 1990 e, pouco tempo depois, ele fechava os olhos? Parece que tinha um pressentimento de que morreria logo, sem sequer defender a sua tese de Doutor em Letras, na qual punha tanto empenho e tanta devoção: era, do ponto de vista acadêmico, o seu **desideratum** supremo. Escrevia-a pacientemente, que comentava comigo. Tinha algo a ver com a filosofia da linguagem nos filósofos gregos. Dei-lhe alguns livros gregos e esperava estar presente no dia da defesa. Mas Lino viajou às pressas, não chegou à casa natal a cavalo, mas nas asas da Morte!

ROMANCE

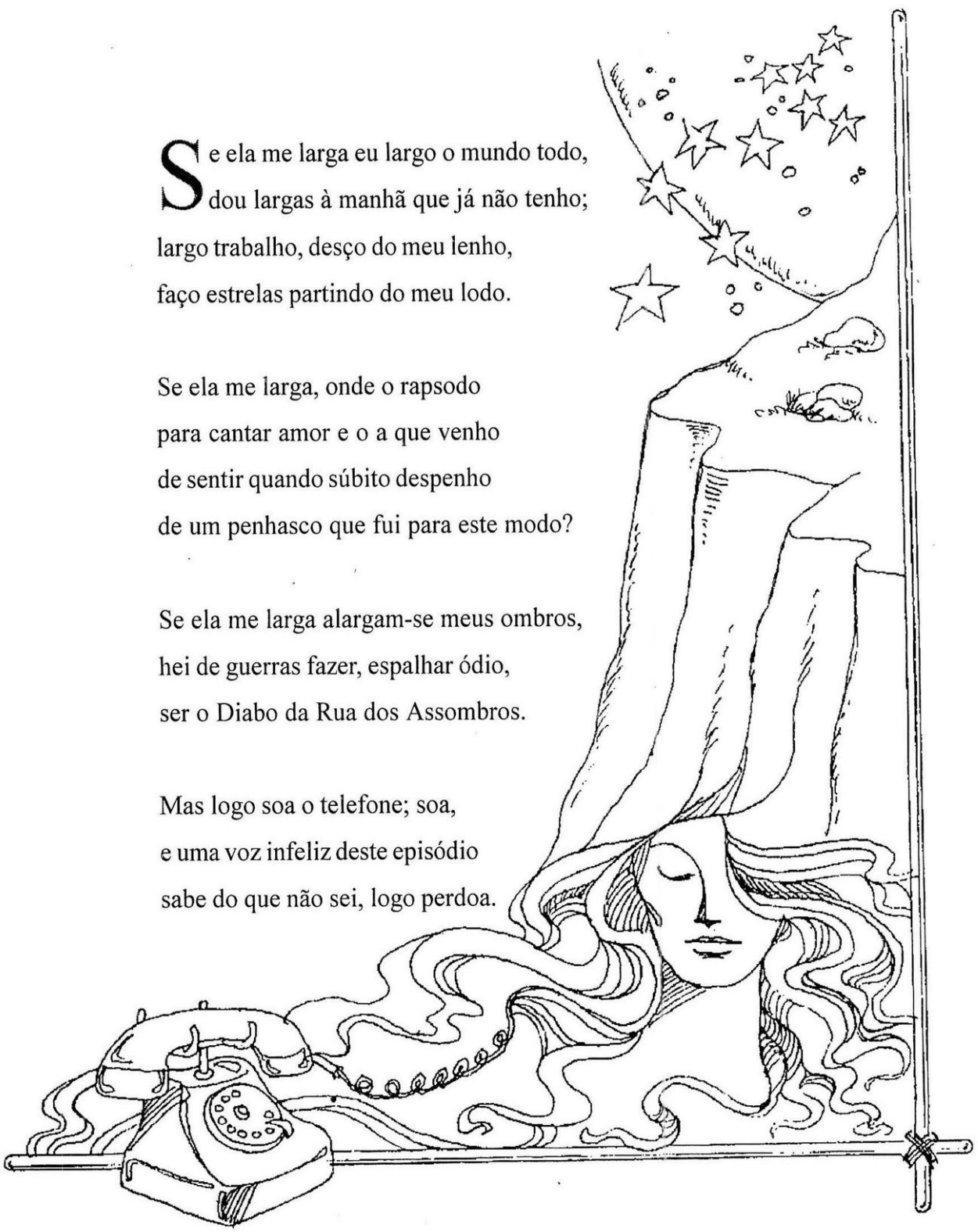
Jorge Tufic

Se ela me larga eu largo o mundo todo,
dou largas à manhã que já não tenho;
largo trabalho, desço do meu lenho,
faço estrelas partindo do meu lodo.

Se ela me larga, onde o rapsodo
para cantar amor e o a que venho
de sentir quando súbito despenho
de um penhasco que fui para este modo?

Se ela me larga alargam-se meus ombros,
hei de guerras fazer, espalhar ódio,
ser o Diabo da Rua dos Assombros.

Mas logo soa o telefone; soa,
e uma voz infeliz deste episódio
sabe do que não sei, logo perdoa.



IVAN JUNQUEIRA: A SAGRAÇÃO DOS OSSOS

Alencar e Silva

Ivan Junqueira não é só ensaísta admirável desse recentíssimo "O Fio de Dédalo", de "À Sombra de Orfeu" e outras obras de igual merecimento, suficientes, no gênero, para assegurar-lhe as palmas da posteridade. É também poeta e tradutor de poetas, da mais pronunciada importância. De sorte que, qualquer que seja o prisma pelo qual lhe observemos o desempenho, estaremos sempre diante do profissional que exerce o seu ofício com igual competência e igual senso estético e poder criador, seja como poeta, seja como crítico literário.

E o que dizer do tradutor? Todo tradutor é, por definição, um multiplicador da obra traduzida, ao ensejar o seu conhecimento aos que não a possam ler no original. E o mínimo que se poderá dizer dele, em termos de reconhecimento e louvor, é que integra uma categoria de abnegados, sem cujo concurso a cultura como um todo se desenvolveria mais lentamente e como que em departamentos estanques, sem maiores repercussões extramuros. E é a esse efeito multiplicador das traduções que se deve, em última análise, a universalidade dos grandes monumentos literários, na justa medida em que a sua difusão chega aos guetos das línguas cultas do planeta.

Deve-se, pois, a Ivan Junqueira o reconhecimento pelo que de notável tem trazido para dentro do gueto da língua portuguesa e para o aprofundamento dos nossos horizontes culturais, de povo jovem e, não obstante, tão apto a assumir os seus destinos quanto os que mais o sejam. Deve-se-lhe creditar, em verdade, como de resto a todos os abnegados da espécie, a ampliação da paisagem e concurso das vozes que vêm de longe, a fim de habituar olhos e ouvidos a verem além da paisagem e ouvirem para além da música dos próprios cantos. Contribuição essa que cresce e se agiganta, é óbvio, na exata medida da importância dos monumentos transplantados para o português, como é o caso, por exemplo, de "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, ainda estranha e gloriosamente viçosa, e das obras de T.S. Eliot e de Dylan Thomas, para ficarmos apenas nos poetas por ele traduzidos.

Outro tanto teríamos que dizer do ensaísmo de Ivan Junqueira, representante que também é de uma outra categoria de abnegados - a dos críticos literários - que só a duras penas e heroicamente sobrevive no país. Tra-

ta-se de território em que Junqueira também fincou a sua bandeira, de modo a assegurar-lhe o respeito e a admiração gerais, em razão do que há de encantatório e clarificador em sua escrita invariavelmente criativa a poética.

Não é, todavia, do tradutor nem do ensaista que nos ocuparemos agora: e, sim, do poeta.

Senhor de uma obra poética que passa por cinco títulos até chegar a "A Sagração dos Ossos", o que de pronto sobressai e nos chama a atenção em Ivan Junqueira é o tom austero - quase soturno - com que ele se entrega à contextura ou ofício do poema, sem qualquer concessão ao já de si mesmo poético e como que a buscá-lo onde menos se supõe que ele esteja. E está. E o resultado é sempre o ouro na batéia. Trata-se, de fato, de um livro agônico em que o poeta, de preferência a entreter-se com o brilho dos corpos e deixar-se seduzir pelo apogeu de suas luzes, antecipa-se na contemplação dos ossos e da tragédia da carne, a que todos estamos irrecorrívelmente condenados. E, não obstante, é daí que às mais das vezes ele extrai o ouro do poema, chama-se a isso mestria ou o nome que melhor lhe corresponda.

O certo é que "A Sagração dos Ossos" vale exatamente pelo que é: uma construção primorosa e um alto instante da atual poesia brasileira. Sua originalidade e o tom das cores encarregam-se de fazer-lhe a diferença e destacá-la flagrantemente do que há de incaracterístico, por aí, rotulado de poesia.

Dir-se-á que, como Rimbaud, um dia, ele sentou a beleza em seus joelhos e achou-a amarga... pois esse é o sentimento que se apodera de leitor diante de seus poemas. Seria assim mesmo? Como quer que seja, é exemplar a sua mestria, em fazendo luzir nas sombras as faiscações do metal precioso. E tanto quando canta a morte como quando o faz com a vida, amor e dor, Eros e Tânatos jamais se dissociam: andam perpetuamente interligados e como que conscientes de que um e outro são sempre início e fim de tudo. E é nesse território obscuro, quase sempre noturno, de horizontes fechados, onde tudo se ergue e movimenta estranhamente nimbado pelos lumes da poesia, que Ivan Junqueira reina com luz própria.

Como já ficou dito, sem fazer qualquer concessão ao fácil ou ao já de si poético, o trabalho do artesão resulta sempre perfeito quando ele sai do poema para contemplar a obra acabada e tanto mais perfeita quando sob o rigor das formas tradicionais que jamais se esgotam nem perdem a atualidade. Isso ocorre amiúde, ao longo de todo o livro, seja nas **Terzinas para Dante Milano,** seja nos sonetos que aqui e ali despotam no volume, atestando-lhe, ainda uma vez, o pleno domínio do verso, seja, enfim, em poemas como aquele curiosíssimo **Palimpsesto,** verdadeira obra de arte que nos fala por todos os ângulos e em que, por entre a perfeição rítmica, se ergue o mistério consubstancial à poesia, com suas súbitas iluminações que dizem muito mais do que

o texto em sua gráfica o expressa. Bom seria pô-lo sob os olhos do leitor, na íntegra, não fora a angústia de espaço. Mesmo seccionando-o, no entanto, dará para mostrar o que queremos destacar: "(...) Sob a grafia seca e austera/ algo aflorava, mais secreto,/ (...) tudo o que ali, durante séculos, / houvesse escrito a mão terrestre. / Sabia o sábio que o mistério / jamais emerge à flor da pele; (...) / Sabia mais: que o que se escreve, / com a sinistra ou com a destra, / uma outra mão o faz na véspera, / e que o artista, em sua inépcia, / somente o crê quando o reescreve. (...)"

Eis aí. Creio que seria ir longe demais se concordássemos que na poesia de Ivan Junqueira não há espaço para a esperança e que tudo, pois, se encerraria num círculo mortal. Ele mesmo repele, com vigor, "essa falácia que aposta / no fundo abismo sem orlas / entre o que vive e o que morre."

Sabe o poeta que só aparentemente estamos sós no grande barco. Na verdade, sós não estamos, sim, com os nossos dons e com quem no-los conferiu. E ainda com aquela mão que escreve antes de nós o que no dia seguinte reescrevemos.

Irmão sombrio dos grandes trágicos - de Poe a Augusto dos Anjos - Ivan Junqueira já cumpriu, por assim dizer, todo o seu périplo de abismos. E está pronto, assim, à reinvenção da vida, como se os mesmos ossos, por sagrados, lho estivessem reclamando, para uma outra sagração, ao dizer-lhe nos olhos: "a vida é maior que a morte".

Eia, Poeta! Após a dança sobre as orlas do abismo, a lira de Orfeu ainda te espera entre os bróqueis e as armas.

GALERIA CALIFÓRNIA, SP

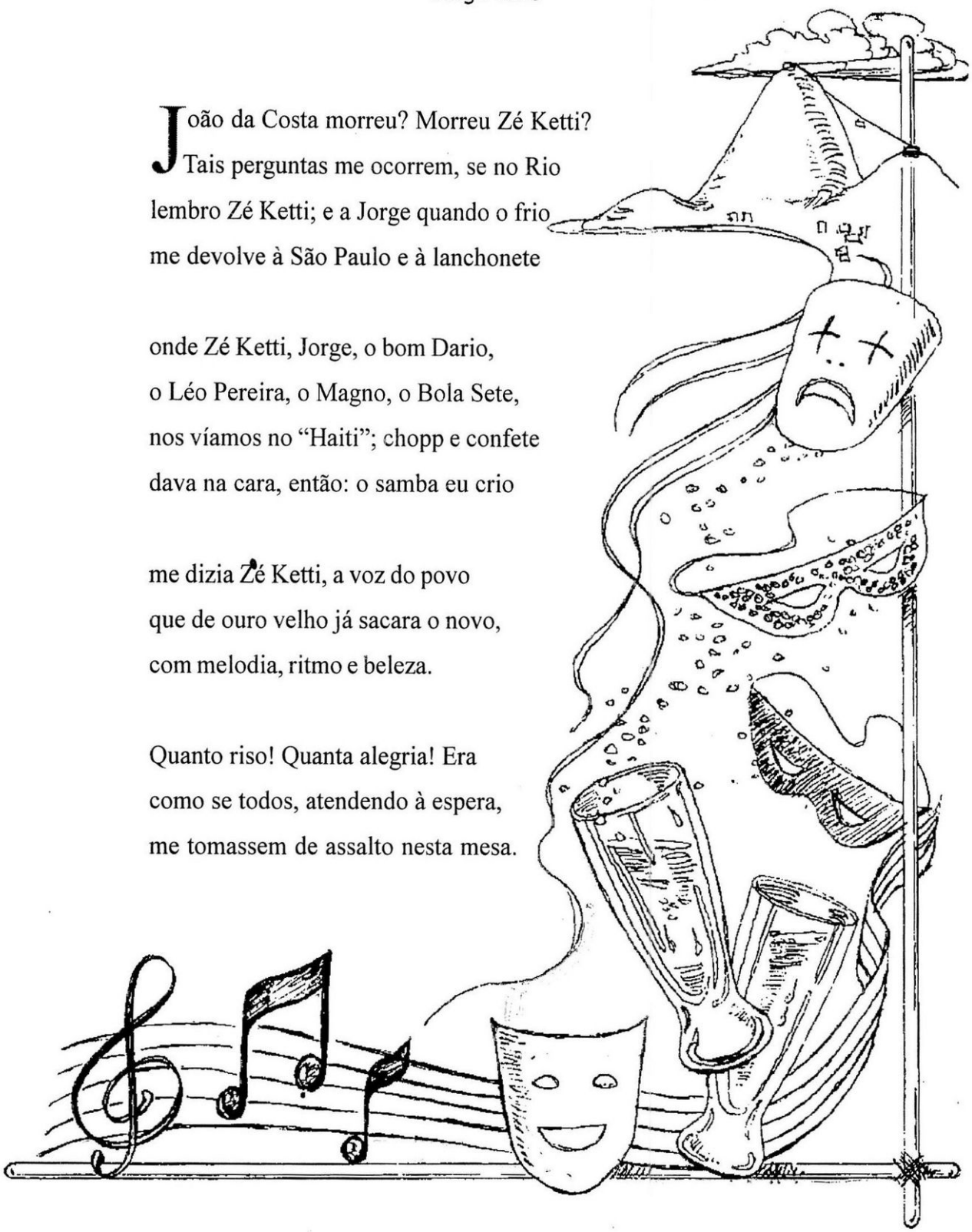
Jorge Tufic

João da Costa morreu? Morreu Zé Ketti?
Tais perguntas me ocorrem, se no Rio
lembro Zé Ketti; e a Jorge quando o frio
me devolve à São Paulo e à lanchonete

onde Zé Ketti, Jorge, o bom Dario,
o Léo Pereira, o Magno, o Bola Sete,
nos víamos no "Haiti"; chopp e confete
dava na cara, então: o samba eu crio

me dizia Zé Ketti, a voz do povo
que de ouro velho já sacara o novo,
com melodia, ritmo e beleza.

Quanto riso! Quanta alegria! Era
como se todos, atendendo à espera,
me tomassem de assalto nesta mesa.



NOTÍCIAS DO POETA GERARDO MELLO MOURÃO

Alencar e Silva

Não foi senão depois de resistir a abordar um assunto que de quando em quando se me punha à frente como um desafio, que me dei, enfim, a incumbência de escrever sobre Gerardo Mello Mourão. Seja porque todos os maiores encômios já lhe foram feitos, como as grandes palavras já lhe foram ditas, eu resistia sempre ao desafio. Eis que esse altíssimo poeta tem a singularidade de, a um tempo, ser considerado pelos melhores da espécie o "primeiro poeta planetário de sua terra e de seu tempo", e passar, todavia, para dizer-se o mínimo, como quase totalmente desconhecido entre as comunidades acadêmicas de sua pátria.

Como explicar tamanha dificuldade? Ao tentar fazê-lo quero que esta abordagem signifique ao poeta, antes de tudo, a saudação de um seu compatriota - e também dançador das Pavanas - que teima, há cinqüenta anos, em acreditar na Poesia como geratriz de um mundo que há de vir, e conserva a fé , apesar das asperezas.

Gerardo Mello Mourão é rebento ilustre da maior árvore genealógica do nordeste brasileiro. Cearense, nascido em Ipueiras, esse homem lendário e fantástico poeta, descendente dos inventores do mar e dos brasis - ele mesmo inventor e cantor oceânico das terras e povos das Américas - procede da linhagem de Camões e do escrivão Pero Vaz de Caminha e de Pessoa e Jorge de Lima. E em assim sendo, ressalta claro, daí, que à sua glória são dispensáveis estas palavras desajeitadas e rascantes, dirigidas, na verdade, menos a ele do que aos surdos e aos cegos que a si mesmo se condenam a não ouvi-lo nem vê-lo - acostumados que estão às chaturas dos rés-do-chão e à penumbra vacilante da luz de velas que mal nos deixa ver suas indecisas fisionomias.

Acordai - digo a esses. - Deixai que caiam as escamas dos vossos olhos, habituados a obscuridades e fragmentos. Não temei olhar de frente o grande sol da poesia de Gerardo. É um sol fecundo, que nos ensina a ver claro a nossa realidade no mundo: nossas origens mescladas de povos novos sobre novas terras. Nossa genealogia. Nossas ascendências. E nossas heranças genéticas e genésicas, tão bem refletidas nesse cearense rastreador de deuses, como refletidas também em gente da estirpe de um Euclides da Cunha, que tinha olhos de ver e, ao deparar-se com o país das Amazonas, viu que estava diante do que lhe parecera "(ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênese." Olhos de ver como os tinha

o escrivão da armada de Cabral, ao dar notícia ao seu rei das terras inventadas: "E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente".

Pois bem. Não obstante tratar-se de quem se trata, e apesar do que de definitivo e consagrador já lhe foi tributado, na pátria e fora dela, um espesso silêncio envolve e se faz sobre Gerardo Mello Mourão. Silêncio que conspira contra sua obra e seu nome, ainda que em vão. Silêncio vergonhoso, por isso que identificável de pronto como conspiração da mediocridade e que não deixa de ser constrangedor à intelectualidade brasileira. Como é óbvio, esse assunto tem-me preocupado crescentemente, à medida em que o desconhecimento do poeta se alastra nas universidades, a ponto de não se encontrar nos cursos de letras e literatura brasileira um só aluno que lhe conheça o nome ou a obra.

Tão espantoso quão verdadeiro, isso nos diz que, de fato, a conspirata vai colhendo e disseminando muito bem os frutos venenosos de sua demência contra o poeta - o que tenho constatado, a contragosto, em contatos eventuais com gente formadora de opinião da própria terra de GMM.

Mas, quem é Gerardo, a quem se confere tamanha importância? Como não me dirijo a sabedores de sua glória, mas de preferência aos que dela nada sabem, senão apenas por ouvir dizer, direi que se trata de um dos maiores poetas brasileiros contemporâneos. E que, em âmbito universal - faz já cinco anos - foi escolhido e consagrado "POETA DO SÉCULO 20", pela Guilda Órfica, sociedade poética criada na Europa no século 16 e que, para esse mister de escolher e consagrar o poeta mais representativo do mundo a cada 100 anos, reúne-se na última década do respectivo século.

A notícia dessa consagração do poeta cearense foi nos ensejada pela diligência do ex-ministro Armando Falcão, em solicitando e obtendo espaço no **Jornal do Brasil** para a veiculação da matéria, publicada no suplemento literário de **La Nación,** de Buenos Aires, em 9.1.1994, sob o título: "Gerardo Mello Mourão, Poeta do Século", que transcrevo, na íntegra, conforme o texto traduzido e comentado pelo conterrâneo do poeta.

"A Guilda Órfica, sociedade poética constituída no século 16, reúne-se sempre na última década de cada novo século para escolher e consagrar o poeta mais representativo do mundo a cada 100 anos.

Reunida em outubro último, em sua sede localizada numa ilha do Mar Meditarrâneo, a Guilda Órfica elegeu e consagrou, como poeta do século 20, o poeta brasileiro, de língua portuguesa, Gerardo Mello Mourão. Acompanhando os tempos, pela primeira vez a Guilda Órfica tornou pública essa honrosa eleição, sendo que, além disso, depois de meio milênio, tenha sido um poeta do continente americano o merecedor de tão alta distinção.

A consagração é atribuída, indiferente-

mente, a poetas vivos ou a poetas mortos do século. Além de um poeta europeu, foram considerados, também, os poetas Ezra Pound e T. S. Eliot, ambos nascidos nos Estados Unidos, e o poeta Vicente Huidobro, nascido no Chile.

Ao ser determinado, finalmente, o nome de Gerardo Mello Mourão, a Guilda Órfica levou em consideração o conjunto e o puro vigor poético de sua obra, na qual a poesia pura se incorpora e fulgura além do poema.

Sobre ele disse Ezra Pound: "Toda minha obra tem sido uma tentativa de escrever a epopéia da América. Não o consegui. Gerardo Mello Mourão conseguiu-o". Sobre ele também disse Robert Graves: "Com Gerardo Mello Mourão, pela primeira vez o continente americano alcança as alturas da grande voz poética universal". Um crítico brasileiro, o senhor Tristão de Athayde, escreveu: "Gerardo Mello Mourão é o primeiro poeta planetário de sua terra e de seu tempo".

Da mesma forma, um poeta brasileiro extremamente considerado em seus país, o Sr. Carlos Drummond de Andrade, escreveu: "O que eu desejaria haver escrito, que desejei toda minha vida, foi produzir uma obra com a força da poesia de Gerardo Mello Mourão. Não tive forças para isso. Ele teve-as e aí estão seus **Peanes**".

Ao lhe ser concebido o Prêmio, que também contempla seus livros de ficção **O Valete de Espadas** e **Dossiê da Destruição,** as duas maiores novelas elegíacas da literatura contemporânea, a Guilda recomendou ao poeta que termine o Quarto Canto da atual trilogia de **Os Peanes,** completando, assim, a tão esperada tetralogia épica que vem prometendo.

A Guilda Órfica fez-lhe ainda outras duas recomendações: primeira, que procure residir em qualquer cidade ou vilarejo de seu continente ou da Europa, donde não seja perturbado pelas tentações políticas ou publicitárias, evitando entrevistas a jornais ou televisão; segunda, que evite compromissos com sociedades ou entidades culturais que possam academizar ou corromper a grandeza e a pureza da expressão.

A primeira dessas recomendações é exorável, inexorável é a segunda, onde, habitualmente, a glória duradoura é sacrificada em favor das luzes efêmeras da publicidade.

Ao receber o Prêmio de Poeta do Século, o Sr. Gerardo Mello Mourão terá, também, além dos benefícios instituídos, o direito de escolher uma casa para sua morada em qualquer cidade ou vilarejo da América, ou nas costas e ilhas do Mediterrâneo, vinculadas às raízes da cultura ocidental.

Para finalizar: Gerardo Mello Mourão, por duas vezes, foi candidato à Academia Brasileira de Letras, que lhe trancou as portas, repetidamente.

Dessa forma injusta se manifestou, estranhamente, o espírito da Casa de Machado de Assis, pelo menos com referência ao excepcional merecimento de um grande poeta nascido na terra de José de Alencar".

Tais equívocos, como o da ABL, acontecem... e são como o prêmio negado ao livro

Mensagem, de Fernando Pessoa, - por pessoas que não estavam à altura sequer de ler o poeta - e atribuído, no juízo de João Gaspar Simões, a uma obra "para gentinha simples e sem cultura".

Meu primeiro contato com a escrita artística de Gerardo Mello Mourão e seu universo onírico foi a leitura de **O Valete de Espadas**, ainda na década de 60 e cujas ressonâncias acompanham-me até hoje, como, em geral, as que se desprendem, com intensidades variadas, do **Dossiê de Destruição** ou das **Três Pavanas**, das quais guardo vários trechos de cor e às quais retorno, de tempos em tempos, e leio-as em voz alta (em especial a "Palavra dos Infantes", dedicada a seus filhos Bárbara, Gonçalo e Antônio José). Vede estes passos iniciais.

Subiam nos meus joelhos e diziam:

- pai, naquele dia, entre bandeiras e clarins, tu entravas na Plaza de Toros. E depois de trinta verônicas, os teus olhos fulgurando mais do que os bordados de teu traje de toureiro, com o mesma espada e o mesmo punho com que teu avô atravessava a ilharga dos infiéis, atravessaste o coração de um touro.

E como eu lhe dissesse, espantado, que nada disso acontecera e tudo não passava de um poema de Olivério Girando,

- "claro - contestaram. De há muito te plagiam os poetas e as lendas. Desde o tempo em que as ninfas se entregavam a Orfeu e nos bosques da Grécia tua lira chorava entre flautas partidas, entre avenas, o pranto da lamentação por Linos. Não te lembras, então, dos sombreros na arena, das mantilhas, das rosas e da orelha do touro te sangrando entre os dedos? E te esqueceste do cravo e da mão que o lançou? Pois foi a mesma que te enlaçou a cintura e te levou à alcova e em troca de seu cravo lhe plantaste no ventre a rosa de teus filhos. Olha para nós!"

E como eu lhes dissesse que era fantasia aquilo,

- "claro - volveram. Tudo é fantasia em teus
olhos de feiticeiro, em tuas
mãos de taumaturgo.
Pois não te lembras que um dia eras tu mesmo
um touro
e carregaste no lombo
uma rapariga
e de sua graça e de tua
fúria
nos fizeste ainda às vezes
quando escarvas o chão enfurecido,
ela
desmaia de novo sobre ti". (...)

E o poema prossegue, em seus doze segmentos, numa dança envolvente de metáforas que roçam pelo divino e beiram o sacrílego, mas se erguem a cada passo no triunfo indisputável da poesia pura.

Depois deste, seguiram-se os encontros maiores, por assim dizer, como a obra poética de GMM: **O País dos Mourões, Peripécia de Gerardo** e **Rastro de Apolo**, que vieram a constituir a trilogia **Os Peãs,** composta ao longo dos dezessete anos transcorridos entre 1961 e 1977, e já agora transformada em tetralogia, com a vinda a lume de **Invenção**

do Mar (1997), para coroar uma obra que se singulariza e destaca no panorama da literatura brasileira pelo que há de mais genuinamente brasileiro e universal em seus vastos planejamentos épico, lírico e dramático.

Cumpre ainda, antes de intentarmos uma rápida visão do conteúdo de cada um dos Cantos que hoje compõem a tetralogia de **Os Peãs** dar ao leitor uma notícia biográfica de GMM, tão sucinta quanto possível e baseada na sua bibliografia levantada pela Editora GRD, que lhe vem publicando os livros desde a 1ª edição de **O Velete de Espadas.**

Trata-se de uma peça que, já de si mesma sintética, propicia ao leitor e ao eventual estudioso de sua vida e obra um vasto painel em cuja cronologia se faz luz, inclusive, sobre os anos de cárcere e exílio sofridos pelo poeta, em conseqüência de suas convicções políticas. É por aí, com efeito, que ficamos sabendo de toda uma vida de giros caleidoscópios, desde a infância transcorrida no cenário de "violenta beleza dos rifles papo-amarelo nas últimas estripulias sangrentas de seu clã familiar", ao tempo dos cangaceiros e da coluna Prestes. E vêm, então, seguidamente, os seis anos de seminário, em Congonhas do Campo (MG), a tomada do hábito dos Padres de Santo Afonso, o noviciado na vida claustral, o abandono do convento, aos dezoito anos, antes da proferição dos votos - e o mergulho no século, conservando-se católico, apostólico, romano, ainda que "à beira da heresia", em razão de discordâncias com as reformas litúrgicas. Versado em nove línguas, inclusive o grego, o latim e o chinês, foi professor em colégios do Rio, escreveu em jornais, publicou livros de ensaio e poesia e foi preso dezoito vezes durante a ditadura do Estado Novo, numa das quais ficou encarcerado, durante quase seis anos (de 42 a 48), no Presídio Político, na rua frei Caneca, em dois Rios, na Ilha Grande e no Campo de Concentração da Ilha das Flores, vítima de processo forjado pela ignomínia do Tribunal de Segurança, que o condenara a trinta anos de prisão, da qual só seria libertado após a ditadura, com a extinção do tribunal infame e a anulação do processo ilegal, pela unanimidade do Supremo Tribunal Federal. O que muitos não sabem - e precisa ser dito - é que, até hoje, as vozes que murmuram nas sombras contra Gerado Mello Mourão partem ainda dos mesmos subterrâneos da infâmia. E não terão outro destino que o de ficar pairando miasmaticamente sobre o lixo da história.
Encontra-se a escrita neste ponto quando tive a dita de falar ao telefone com o poeta, em oportunidade de rara emoção que me foi propiciada por seu conterrâneo, e também poeta, José Alcides Pinto. Que bom os meus ouvidos poderem ainda ouvir a voz harmoniosa, serena e bela de Gerardo Mello Mourão.

Dirijamos, pois, a nossa atenção ao que de fato mais interessa: a obra imortal de GMM. E tentemos apreender-lhe a significação, ainda que a olhando por uma fresta, que, não obstante, nos faculta vê-la, tanto no âmbito da poesia brasileira, cujos quadros extrapola, quan-

to no quadro maior da poética planetária, por onde penetram suas trilhas de descobridor e se enraízam as frondosas ramarias dos seus Cantos.

De fato, no que possa constituir uma notícia de **Os Peãs,** diria que **O País dos Mourões** é o território da genealogia do poeta, em que se funda o clã tribal de que ele procede e em que se entronca, esgalhada e robusta, toda uma humanidade afirmativa e valorosa - de cujos bagos vem o poeta, como ele próprio canta, desde quando as ninfas se entregavam a Orfeu, nos bosques da Grécia... e ele próprio - acrescento - era ainda uma lenda a que os deuses se referiam como a um dos seus celebrantes que viriam depois da multidão dos séculos. E que veio e está, aqui e agora, a imprimir novos ritmos e a emprestar novas modulações à língua de seus avós, que têm por ancestral mais ilustre - e remoto fundador - ao próprio Ulysses. E a religar-nos, enfim, às origens heróicas do Canto

DAS ARTES DO BRUXO

Elson Farias

O personagem projetou-se da página tão rápido que me assustou. Aconteceu logo a mim que me considero um leitor passivo, ao ponto de me por indiferente aos fenômenos da emoção. Afinal, a história que lia era inventada, pura ficção, e o personagem não poderia existir, fora destas imposições da irrealidade. Mas, existia. Exibia-se ali, à minha frente, incomodando, de sorte a desviar-me os olhos daquelas páginas, até então entretido estava em fascinante leitura.

Para proteger o meu conforto, solicitei-lhe que sentasse na cadeira ao lado, tão aconchegante quanto a minha. Vestia-se com indumentária antiquada, no corte e nos adereços, mostrando no perfil, geral, ares de tempos idos. Cruzou as pernas e aprumou, com expontânea delicadeza, os monóculos de aros dourados, presos à lapela do casaco por corrente tecida com o mesmo precioso metal. Olhou-me, com desdém, mas sem rancor ou ciúme, pondo, nos olhos agudos, indagações sobre a minha existência.

Contive-me, para não perder tempo falando de mim, pois os minutos daquele raro momento eu desejava que ficassem à disposição do meu inesperado conviva. Quando ele foi concebido e apreciado pelos leitores daquela idade, a literatura constituía o maior instrumento de lazer das gentes. Era "o sorriso da sociedade", no dizer polêmico de um teórico então na moda. Não havia, ainda, o rádio, nem a televisão, constituindo o atrativo maior os concertos musicais ou as montagens de teatro, que aconteciam em temporadas, a exigir do consumidor de arte, o incômodo da locomoção de casa às casas de espetáculo, para apreciá-los.

Não satisfeito em estar ali, de igual para igual, comigo, confortavelmente sentado à minha frente, começou a falar. Comentava os fatos de sua vivência no interior das letras e dos seus colegas de aventura na fabulação da prosa do mestre. Eram muitos, posto ser vasta a obra do escritor, recolhida nos bem encorpados tomos de contos, novelas, romances, poemas, afora as conferências e crônicas, discursos e cartas, estas com que analisava e comentava as figuras da história real, com tal vivacidade que chegavam a se movimentar no impulso de criaturas de ficção.

Falava, com desenvoltura, deixando-me pasmo ao ouvi-lo. Pronto pensei cuidar-se de um escritor, entre os habitantes daquele universo de profissões diversas, parlamentares, burocratas estatais, comerciantes que ele

chamava de proprietários ou capitalistas, liberais na linha dos solicitadores que eram os ajudantes de advogados, ou os provisionados, diplomatas, músicos, médicos e até, santos.

Mas santo não é a rigor uma profissão, redargüi. Santo é, no mínimo, um estado de espírito, ou a experiência desse estado, antes da assunção nos domínios do eterno. Gritava-me, aqui, o bom senso, não obastante o meu pendor para a iconoclastia, estimulando-me à afirmativa do contrário.

Lá ia o Conselheiro Aires debulhando a sua narrativa. As criaturas do meu autor, dizia ele, em regra, são arregimentadas nas altas classes ou na burguesia. O povo, quando aparece, é representado por serviçais. É que ele, pessoalmente, primava em aparentar postura requintada, no vestir-se e em tudo o mais. Só o estilo traia o brasileiro comum, mistura das três raças tristes, no dizer de um poeta da época, seu parceiro de ideais estéticos. Mas, não se ocupava com um estilo triste, ao contrário, vestia-o com as roupagens feéricas da picardia crioula. Este fato, porém, não afeta, em nada, a qualidade de sua literatura.

O indivíduo sabia fixar no texto o comportamento dos homens, no cotidiano simples ou nos eventos excepcionais, quando as circunstâncias exigem atitudes mais bem cuidadas e uma curvatura mais formal.

Nesta altura da conversa, interferi no diálogo para contar como foi o meu primeiro contacto com o autor.

Aconteceu na minha longínqua menice. A vizinha de minha casa, uma professora, preparava-se para mudar-se a outra cidade e se desfazia dos trambolhos na arrumação dos pertences. No meio dos objetos considerados imprestáveis contavam-se livros. Muitos. Brochuras alguns, outros encadernados. Todos rotos pelos maus tratos da dona e do tempo irremissível, mostrando, nas lombadas roídas e na superfície das capas, com os títulos e os nomes dos autores, em ouro ou prata, esgarçados, apagado vestígio das galas de outrora.

Dentro desses rejeitos travei conhecimento com o criador do Aires. Àquela altura olhava para os livros com o respeito incitado pela glória do escritor, de que já tinha ouvido falar, mas na indiferença de leitor imaturo, incapacitado a perceber os liames e os labirintos da alma humana, por onde andou o mestre a remexer.

Agora, só agora, cofiando os bigodes já grisalhos, degustando um excelente Porto, presente de um amigo de além-mar, tenho o privilégio de deparar-me com esta visita inusitada, morador destas páginas imortais.

Ele me olha com segurança e brilho singular, só percebido na expressão dos sábios, como que avaliando as minhas pretensões de leitor experiente, e sorri, com benevolência, pois tudo o que aqueles textos parecem dizer, depende da capacidade do leitor.

Mais de um século é passado. Mudaram-se os costumes. Vieram os anticoncepcionais. O homem conheceu a lua e pisou nela.

Abriram-se os caminhos da informática. E este personagem está aí, olhando-me, medindo as minhas reações ante a descrição dos seus semelhantes.

A volumosa produção, a qualidade da obra, na correção gramatical e na elegância do estilo, proporcionavam o prazer da leitura nas horas de folga. Que outro lazer beneficiava o cidadão daqueles idos senão a leitura, a boa leitura? Daí o trabalho deste autor, um autêntico profissional, operário da pena.

Claro que não tirava das letras o sustento, o que seria correto se acontecesse, considerando a regularidade de seu labor intelectual. Vivia, no grosso das necessidades vitais, dos seus subsídios de servidor público de alto conturno, funcionário de uma secretaria ministerial. Como não dependia do leitor para manter-se, estava livre das concessões ao público e produzia a sua literatura levando em conta o engenho e arte proclamados por Camões. Ele não perdoava as mazelas da sociedade do seu tempo. Pobre de quem escorregasse. Estaria condenado a ficar impresso, com as deformações, nas páginas eternas de sua bela prosa.

A técnica do mestre estava nas virtudes do bem escrever, respeitando a gramática, repita-se, e seguindo as determinações do raciocínio. Linguagem escorreita, cortada, por vezes, pela impulsão abrupta de um sentimento inesperado, desejo ou náusea. Em questão ficam as funduras da alma. Por isso desperta interesse ainda hoje, mais de cem anos depois. Se mudam os costumes, revelados nas roupas, na decoração dos ambientes, nos lugares de lazer, os sentimentos vão mudando com menor velocidade, sendo pouco uma centúria para transformá-los ao ponto de desinteressar os homens, no caso aqui os leitores.

E é isto que mantém acesa a lanterna do interesse na obra do mestre, afirmou o Conselheiro. A maldade, a perversidade até com que trata a decadência da matéria, a decomposição da vida em presença da morte, é menor ao lidar com os elementos constitutivos da alma, porque se aqueles passam, deixando no rastro meros fragmentos, estes permanecem por mais tempo, mantendo-se nas formas quase intactas do comportamento humano.

Na sala, servida com ar-condicionado, condição essencial para vencer o verão amazônico de agosto, aqueles raros minutos de convivência produziram-me dias. Eu já me estava acostumando com a presença daquela visita inesperada.

O Conselheiro Aires permaneceu falando sobre mil temas, da queda do Império, da República Velha, da Abolição. Tudo de passagem, muito superficialmente, porque o núcleo do seu interesse estava nos conflitos gerados pelo relacionamento entre as pessoas, o amor e o ciúme; o desprezo pela transitoriedade da vida, presa à matéria, que se consome na festa macabra dos vermes...

Lá pelas tantas, já noite, o meu nobre conviva levantou-se, com a elegância dos seus monóculos e da casaca bem lançada, não sem a graça dos homens civilizados, e se despediu

como quem volta para casa. Pensei que ele fosse retornar ao livro de onde surgiu, porque, a rigor, ali era a sua casa, mas não, ele, simplesmente, com a maior naturalidade, entrou pelo telecine do televisor que eu assistia, pois possuo o hábito de ler e assistir teledrama ao mesmo tempo, e se incorporou ao programa que se exibia na telinha.

Não divaguei mais. Adormeci. Era mais uma trama das artes do bruxo.

SOLIDARIEDADE – IRMÃ GÊMEA DO AMOR

Carmen Novoa Silva

O amparo cuidava daquela rosa. Com desvelo. Diuturnamente. Ela sempre notou isso. Hoje o jardineiro aparece com a tesoura. Vem podá-la. Para ele é festa. Para ela sacrifício iminente. A rosa então curva-se ante o vento e deixa escorregar ao caule espíneo, o orvalho da noite que borrifara suas pétalas. Este, a armadura que reveste seus espinhos protegendo as mãos do sacrificador. Doa-se, a rosa. Solidariza-se com sua alegria.

E aquela orquídea ainda em botão! Sobressaía, tão linda, debruada pela hera do alpendre! Prometia um perfeito desabrochar. Radiante em seu exotismo e venustidade. O amor então, quis enfeitar a Virgem. Mas, das sombras surgiu o egoísmo e disse: Não! Fica no lugar em que nasceu!

E a natureza solidária com quem a criou fê-la empalidecer, amofinar-se e fenecer.

Veio depois a inocência e arrancou um amor-perfeito, colocou-o aos pés da imagem que fora preterida. Tão perfeito era o amor, que o amor-perfeito pariu múltiplos botões violáceos. A magia da pureza infantil fez da água do vasinho terra fecunda.

A natureza é solidária ao amor. É grata.

A vaidade engaiolou dois canários. O orgulho exibia seus trinados. Suas belezas. O carcereiro adoeceu. E o aparecimento da promessa de liberdade. Liberto da enfermidade. Libertou os pássaros. A soberba cedeu lugar à humildade que foi premiada. A goiabeira do quintal, passou a ter dois inquilinos permanentes. Chilreantes e livres. Davam espetáculo diário ao ex-algoz convalescente.

A crueldade castigava um cão. A piedade socorreu-o. Curou suas feridas. Abrigou-o em seu lar. Certo dia o vandalismo da noite foi surpreendido pelo ganir da fidelidade. Afugentou-o. Recompensada foi pois a bondade.

Os animais irracionais são solidários ao amor. São gratos.

A paz bateu à porta do coração do homem. Desconfiado, espreitou por uma fresta. Hesitou em abrir. Paz que encerra o conjunto de sentimentos ricos. Nobres. Veste-se todavia, com simplicidade do BEM. O homem cético. Não compreendeu seu intrínseco valor. Indicou-lhe o caminho de volta. Relegou-a à sarjeta. Da rejeição. A mendigar a aceitação plena de sua benévola natureza. E o portão

principal do íntimo humano agasalhou a inconsciência. Rico adorno do MAL. O homem enxergou tão somente a riqueza da matéria. Rutilante. Palpável. A sua mercê. E o mal dominou seu espírito. Encheu-o de convivas destrutivos. A inveja, o ódio, a ganância, a hipocrisia, a injustiça e a mesquinhez, fizeram apoteótica festa em seu ego. Contaminaram-no com fluídos desagregadores da moral. Ébrio de corrosão d'alma seu rumo foi a sarjeta. A vomitar as forças alquímicas, autoras de sua corrupção. Trôpego, vive na eterna procura da paz. Esta, na escassez de homens de boa vontade e em sua sofrida peregrinação, aninhou-se no coração de um recém-nascido. Pediu-lhe a promessa de perdão. Para os insensatos. Assim a paz aliançou-se com a esperança.

E anos mais tarde, o menino já adulto, carregava e redimia numa cruz todas as culpas.

Mas a humanidade, embora tenha sido feita à imagem e semelhança do BEM SUPREMO é tentada com os pomos do MAL. E a gula vence. A qualidade do TER, é superior e essencial em relação a qualidade do SER.

Os animais racionais não são solidários ao amor. São ingratos.

DE ARTE E DE ANTI-ARTE

Carmen Novoa Silva(*)

"A força do bem refugia-se
na natureza do belo"
Platão

Os artistas de todos os tempos - construtores geniais da beleza quando admiram a obra nascida de sua genialidade (e se maravilham com o poder dos sons e das palavras, das cores e das formas!) sentem muitas vezes o eco daquele mistério da criação que Deus – único Criador – quis associá-lo.

Sentem-se reflexo de Deus: o que cria e o que dá vida.

Ao plasmar uma obra, o artista tanto da palavra escrita e oral, do teatro e da música, das artes plásticas e das modernas tecnologias de comunicação, não dá vida apenas a sua criação mas por meio dela, de certo modo, manifesta também a própria personalidade e isto aparece confirmado inúmeras vezes na história das artes e da humanidade.

Através de sua obra o artista reflete o próprio ser, daquilo que ele é e de como é. Pode ser um poeta admirável ou não. Dante Alighieri, a exemplo, era um poeta admirável ao compor o "poema sagrado para o qual concorreram o céu e a terra" como ele próprio classifica a Divina Comédia.

O importante é saber - e nisso manifesta-se para o homem o livre arbítrio de Deus - encontrar na arte uma dimensão nova e um canal estupendo de expressão para o crescimento espiritual. Daí a verdadeira vocação artística. A vocação especial a serviço da beleza. Que geraram tantas obras primas ao longo dos tempos.

Quem notar em si mesmo esta espécie de centelha divina que é a vocação artística - de poeta, escritor, pintor, escultor, arquiteto, músico, ator... Tem a obrigação de não desperdiçar este talento, de o desenvolver para o colocar ao serviço do próximo e de toda a humanidade.

A beleza é para dar entusiasmo ao trabalho, o trabalho para ressurgir (Norwid)

O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza como a verdade é a que traz alegria ao coração dos homens e este fruto precioso que resiste ao passar do tempo é o que une as gerações e as faz comungar na admiração.

(*) Baseado na leitura da Carta do Papa João Paulo II aos artistas – 10/10/1999 - *Lósservatore Romano.* Graduada em Teologia e membro da Academia Amazonense de Letras.

Os homens de hoje e do amanhã têm necessidade deste entusiasmo de Cypriano Norwid - o grande poeta polaco - para enfrentar e vencer os desafios cruciais que se prefiguram no horizonte.

Com tal entusiasmo a humanidade poderá, depois de cada extravio levantar-se de novo e retornar o seu caminho e... ressurgir. Pois só a *"beleza salvará o mundo"* (Dostoiévsqui)

"Eleve-se do caos o mundo do espírito!" (Adam Mickiewicz).

Muitos são os estímulos interiores e exteriores que podem inspirar o talento artístico porém toda autêntica inspiração encerra em si qualquer frêmito daquele sopro (ruah) do gênesis.

É a benção da iluminação interior que junta a indicação do **Bem** e do **Belo** e acorda no homem as energias da mente e do coração tornando apto para conceber a idéia de lhe dar a forma de obra de arte.

É o *"momento da graça"*, porque o ser humano tem a possibilidade de fazer a experiência do absoluto que o transcende.

"Eleve-se do caos o mundo do espírito" escreveu em aflitivas horas o poeta polonês.

E aos artistas não seja destinada a anti-arte mas seja dado aquele sopro divino que consolida a arte em epifanias do belo.

O GRANDE CERTAME JURÍDICO

Armando de Menezes

Somente depois de haver chegado, como aluno, ao Colégio Estadual do Amazonas, que posteriormente voltara a chamar-se Ginásio Amazonense Pedro II, por sinal sua denominação primitiva, isto é, desde sua inauguração no ano de 1888 (àquela época Ginásio era grafado "*Gymnasio*") é que fiquei informado sobre a figura do professor catedrático.

Não que tenha assistido a concurso público para a habilitação desses aureolados mestres, mas porque catedráticos ali eu já os encontrei.

Corria a década de 40 e lá estavam lecionando, dentre outros: Carlos Mesquita, como professor de Inglês; José Joaquim Martins Santana, de Português; cônego Manoel Monteiro da Silva, de Latim; Antônio Telles de Souza, de Matemática; e Vivaldo Palma Lima, de Física e Química, que, além de membro da Academia Amazonense de Letras, foi um dos fundadores, em 25 de março de 1917, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual se tornara Orador Perpétuo, situação em que permaneceu até o seu falecimento, ocorrido a 23 de novembro de 1949.

Por que Grande Certame Jurídico?

Tudo se deu em decorrência da federalização da Faculdade de Direito do Amazonas.

Por força da Lei nº 924, de 21 novembro de 1949, resultante de Projeto de Lei de autoria do Senador Manuel Severiano Nunes, com a adesão dos seus dois companheiros de representação, Senadores Waldemar Pedrosa e Álvaro Maia, foi a Faculdade de Direito federalizada, e que assim, de acordo com aquele diploma legal, deveria, no ano a iniciar-se, de 1950, ser regida sob os auspícios do Governo Federal.

Até então estadualizada, seus professores eram mantidos sob contratação, à exceção de dois, que eram antigos catedráticos, Aristides Rocha e Análio de Mello Resende. Um outro, também nessa condição, Waldemar Pedrosa, poderia ter retornado àquela Escola.

Esses três mestres encontravam-se em disponibilidade em uma cadeira de professor, por ocupação proibida de dois empregos, quando, na forma do art. 185, da Constituição Federal de 1946, foi, novamente, permitida a acumulação "de dois cargos de magistérios ou a de um destes com outro técnico ou científico", disso resultando a volta obrigatória à Fa-

culdade daqueles três professores catedráticos: Aristides Rocha, de Direito Judiciário Civil; Análio de Resende, de Direito Civil; e Waldemar Pedrosa, de Direito Penal. Destes, apenas Waldemar Pedrosa não retornara, porque se achava investido do mandato de Senador da República, sendo que, depois, tendo sido nomeado para Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, exonerara-se da atividade magisterial.

Com a federalização, em novembro de 1949, era Diretor da Faculdade de Direito o Prof. Aristides Rocha que teria de buscar providências junto ao Ministério da Educação para que, no início do ano letivo de 1950, em março, a Escola estivesse regularizada, administrativa e funcionalmente, com seus professores nomeados interinamente pelo Governo Federal.

Em menos de quatro meses tudo foi resolvido a contento, graças à febril e denodada luta mantida no Rio de Janeiro, ainda sede da Capital Federal, por mestre Aristides Rocha. Aliás, sobre esse seu grande e admirável desempenho, posso dar meu testemunho pessoal, já que, naquele final de 1949, sendo acadêmico de direito e Presidente da União dos Estudantes do Amazonas e porque, em nome desta, me encontrasse no Rio de Janeiro, acompanhei, o quanto me foi possível fazê-lo, aquele saudoso professor nas suas peregrinações pelo Ministério da Educação.

Esses professores nomeados, assim interinamente, logo teriam de submeter-se a concurso público, de provas e títulos além da defesa de tese, para se tornarem catedráticos das cadeiras ocupadas em caráter provisório, tornando-se, desse modo, doutores em direito.

Com o falecimento do professor Aristides Rocha, em 12 de setembro de 1950, assumira a direção da Faculdade o Doutor Análio de Rezende, a quem coube a luminosa tarefa de organizar e dar efetivação, numa primeira fase, aos concursos públicos para catedráticos, operação seguida depois por Aderson de Menezes, que o substituíra no comando daquela Casa de ensino superior.

O concurso para o preenchimento de uma cátedra dever-se-ia dar observada, sempre, a abertura de vaga, o que se constituía em procedimento normal.

No caso da Faculdade de Direito, esse procedimento não deixou de ser normal, mas assentou-se na obrigação da realização dessa porfia intelectual para todas as cadeiras, pois que se encontravam ocupadas em regime de interinidade, à exceção da 1ª cadeira de Direito Civil, da qual era titular o Doutor Análio de Rezende.

Para a realização desses concursos, foi observada, principalmente, a disponibilidade de recursos financeiros, pois houve, como não podia deixar de ser, a necessidade de trazer, para compor as bancas examinadoras, professores catedráticos de Universidades de outros Estados da Federação.

Assim, os concursos, iniciados a partir de dezembro de 1953, só foram concluídos em 1960.

Precediam à abertura dos concursos a

publicação dos respectivos editais, pelos quais eram abertas oportunidades de inscrição às diversas cadeiras não só aos professores interinos mas a quantos se dispusessem disputá-las.

Para tanto os interessados apresentavam suas teses que, naturalmente, versavam assuntos jurídicos de sua preferência ligados à matéria da cadeira a ser pleiteada.

Esses concursos obedeciam, em geral e até seu final, períodos variando entre três e quatro dias e fundamentavam-se no ritual seguinte: julgamento de títulos; organização da lista de pontos constitutivos do programa para a prova escrita; sorteio de ponto pelo candidato e, a seguir, prazo de seis horas para a respectiva prova; elaboração do programa para a prova didática e sorteio de ponto com intervalo de 24 horas para a preleção; leitura, pelo candidato, da prova escrita; defesa de tese com argüição pelos integrantes da banca examinadora; e julgamento final e proclamação dos resultados.

Quase todos os interinos inscreveram-se para a disputa, além, é claro e como adiante mostraremos, de outras personalidades do mundo intelectual e jurídico de nossa terra. Apenas um desses professores provisórios não se interessara pelo concurso e que foi Mithridates Corrêa, lente de Direito Administrativo.

Bacharel em direito desde dezembro de 1952, compareci a quase todos esses debates seletivos desenvolvidos no Salão Nobre da Faculdade de Direito, que se tornara pequeno para a constante afluência de estudantes, professores, advogados e tantos outros mais que ali se comprimiam no afã de usufruir do que ouso definir como *O Grande Certame Jurídico*.

É que a minha geração jamais havia tido oportunidade de conhecer exames seletivos para a conquista de cátedras, principalmente os de alta contextura intelectual e jurídica como aqueles que se estavam desenrolando na nossa vetusta Escola da Praça dos Remédios.

Não somente foi-nos possível admirar o brilho dos candidatos mas, e sobretudo, a cultura dos mais renomados catedráticos de outras Faculdades de Direito de Universidades do nosso país que, convidados, vieram integrar as bancas examinadoras, sendo que foram quatro para os cinco primeiros concursos, por sinal presididos por Análio de Rezende, e três para os demais, porque, nestes casos, para complemento das bancas, constituídas de cinco catedráticos, dois já pertenciam aos quadros da própria Faculdade local, pois que aprovados em embates públicos anteriores.

Entre os dias 15 e 19 de dezembro de 1953 foram realizados os três primeiros concursos para preenchimento das cadeiras de Direito Civil, sendo candidatos: Lúcio Fonte de Rezende (2ª Cadeira); Adriano Queiroz (3ª Cadeira); e João Ricardo de Araújo e Lima (4ª Cadeira).

A banca examinadora ficou assim constituída: Análio de Mello Rezende (Presidente), Augusto Rangel de Borborema, da Universidade do Pará, Joaquim Gomes de

Norões e Souza, de Pernambuco, Joaquim Pires dos Santos Lima (não foi possível identificar seu Estado de origem), e Caio Mário da Silva Pereira, de Minas Gerais.

Os três candidatos foram considerados habilitados e indicados para o cargo de professor catedrático.

De igual modo, entre 18 e 21 de dezembro daquele mesmo ano, feriram-se os debates para o preenchimento de duas cadeiras de Direito Comercial, tendo como candidatos: Viriato José de Oliveira (1ª) e David Alves de Mello (2ª).

Ambos foram aprovados e a Comissão Examinadora foi assim organizada: Análio de Mello Rezende (Presidente), Joaquim Gomes de Norões e Souza, Joaquim Pires dos Santos Lima, mais Lourenço do Vale Paiva, do Pará, e Antônio Martins Filho, do Ceará.

Entre os dias 09 e 11 de dezembro de 1954, foram preenchidas, sob aprovação das respectivas bancas examinadoras, os candidatos às cadeiras de Teoria Geral do Estado e Direito Internacional Privado, disputadas, respectivamente, por Aderson Andrade de Menezes e Abdul Sayol de Sá Peixoto.

A banca de Teoria Geral do Estado: Análio de Rezende (Presidente), Antônio Martins Filho, David Alves de Mello, Ernesto Chaves Neto, do Pará, e João Perboyre e Silva, do Ceará.

E de Direito Internacional Privado: David Alves de Mello (Presidente), João Perboyre e Silva, Antônio Martins Filho, Ernesto Chaves Neto e João Ricardo de Araújo e Lima.

Logo a seguir, entre 14 e 16 daquele mesmo mês e ano, foi também aprovado Ariosto de Rezende Rocha como professor catedrático da cadeira de Ciência das Finanças, sob argüição da banca examinadora: Adriano Queiroz (Presidente), João Ricardo de Araújo e Lima, Antônio Martins Filho, João Perboyre e Silva, e, ainda, Magdaleno Girão Barroso, do Ceará.

Naquele mesmo período – 14 e 16 de dezembro – submeteram-se ao concurso de Economia Política os candidatos Samuel Isaac Benchimol e José Bernardino Lindoso, este cumprindo interinamente o exercício da cadeira.

Ambos foram considerados habilitados, sendo que Samuel Benchimol para professor catedrático e José Lindoso para livre docente, mas os dois recebendo o grau de Doutor. Benchimol ficara com a cadeira de Economia Política e Lindoso continuou lecionando na Faculdade, porém na 1ª cadeira de Direito Civil, vaga desde a aposentadoria de Análio de Rezende, tendo inclusive nela se inscrito para o concurso de catedrático, que não mais se realizara.

A banca examinadora para o concurso de Economia Política foi constituída pelos professores: Adriano Queiroz (Presidente), David Alves de Mello, Magdaleno Girão Barroso, Antônio Martins Filho e João Perboyre e Silva.

No ano de 1955, nos dias 25, 26 e 27 de outubro, foram submetidos ao concurso para

catedráticos de Direito Constitucional e Direito Internacional Público Henoch da Silva Reis e Oyama César Ituassú da Silva.

Foram aprovados e as bancas examinadoras assim instituídas:

- Direito Constitucional – Ariosto de Rezende Rocha (Presidente), Aderson Andrade de Menezes, mais Mário Casasanta, de Minas Gerais, Osvaldo Miranda Barros, de Alagoas, e Hélio Tornaghi, da Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

- Direito Internacional Público – Abdul Sayol de Sá Peixoto (Presidente), Samuel Isaac Benchimol, Mário Casasanta, e Miguel José de Almeida Pernambuco Filho, do Pará, e Virgílio Domingues da Silva Filho, do Piauí.

Na mesma época, mas entre 26 e 28 daquele mês, José Augusto Teles de Borborema foi aprovado para reger a cadeira de Direito Industrial e Legislação do Trabalho, sendo examinado pela banca seguinte: Adriano Queiroz (Presidente), João Ricardo de Araújo e Lima, e, também, Orlando Bittar e Benedito Lobão Pereira, ambos do Pará, e Aderbal Nunes Freire, do Ceará.

Dois anos depois, entre 16 e 19 de setembro de 1957, dois candidatos sujeitaram-se ao concurso de Direito Judiciário Penal – Francisco Manoel Xavier de Albuquerque e Domingos Alves Pereira de Queiroz, sendo considerado habilitado apenas o primeiro candidato, já que Domingos Alves Pereira de Queiroz desistira do concurso quando só lhe faltava uma das últimas provas, a da preleção (de didática).

Formaram a banca julgadora: David Alves de Mello (Presidente), Oyama César Ituassú da Silva, Hélio Tornaghi, e, ainda, Aldebaro Klautau, do Pará, e Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, da Faculdade Paulista de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em seguida, entre 7 e 9 de outubro do mesmo ano, foi a vez da aprovação de Ernesto Roessing, conquistando a cadeira de Direito Romano.

Foram seus examinadores: Adriano Queiroz (Presidente), Ariosto de Rezende Rocha, mais Afonso Teixeira Lages, de Minas Gerais, Elpídio Ferreira Paes, do Rio Grande do Sul, e Alexandre Augusto Corrêa, de São Paulo.

Depois, nesse mesmo ano e mês, entre 21 e 23, foi Áderson Pereira Dutra considerado habilitado para lecionar a cadeira de Direito Administrativo, tendo a argüi-lo a banca examinadora: Aderson Andrade de Menezes (Presidente), Samuel Isaac Benchimol, e Onofre Mendes Júnior, de Minas Gerais, Lafayete de Azevedo Pondé, da Bahia, e Olavo Bilac Pinto, da Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

Para o registro dos concursos antes indicados, socorri-me das Revistas da Faculdade de Direito números 03, de 1955, e 04, de 1957.

Agora, quando cuido dos concursos para o preenchimento das cadeiras de Introdução à Ciência do Direito, Direito Judiciário

Civil (1ª e 2ª) e de Medicina Legal, valho-me do noticiário da imprensa local, principalmente dos jornais da Empresa Acher Pinto – O Jornal e Diário da Tarde, que há muitos anos não mais circulam, e de A Crítica e Jornal do Comércio.

Vale assinalar que durante essas tertúlias seletivas, os periódicos de Manaus deram-lhes grande cobertura, que começava com a elaboração dos programas para os concursos, com a chegada, de avião, dos examinadores e suas realizações propriamente ditas. Noticiário destacado, sempre acompanhado de fotos.

Pois dessas informações públicas colhi que Benjamin de Magalhães Brandão foi aprovado para reger a cadeira de Introdução à Ciência do Direito em exames prestados, entre 9 e 11 de setembro de 1958, aos catedráticos: João Ricardo de Araújo e Lima (Presidente) e Henoch da Silva Reis, contando ainda com Yerzi Zbrozek, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, Godofredo Telles Silva Júnior, de São Paulo, e Benjamin Antunes de Oliveira Filho, da Faculdade de Direito de Niterói.

Também nesse mesmo período, apenas com o acréscimo de dois dias, foi realizado o concurso para a 2ª cadeira de Direito Judiciário Civil, sendo, então, aprovado o candidato Jauary de Souza Marinho.

Foi examinado pelos professores: Abdul Sayol de Sá Peixoto (Presidente), José Augusto Teles de Borborema, e Pedro Lins Palmeira, da Universidade Nacional do Brasil, Alfredo Buzaid, da Universidade de São Paulo, e Galeno Lacerda, do Rio Grande do Sul.

O outro candidato à 1ª cadeira de Direito Judiciário Civil, João Rebello Corrêa, desistira, por motivo de saúde, de submeter-se ao concurso.

Entre 3 e 5 de dezembro ainda de 1958 foi Olavo das Neves indicado para lecionar Medicina Legal, tendo sido submetido à banca examinadora: Adriano Queiroz (Presidente), Francisco Manoel Xavier de Albuquerque, mais Napoleão Teixeira, do Paraná, Hélio Gomes, da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, e Estácio de Lima, da Bahia.

Da Revista da Faculdade de Direito n.º. 08, às fls. 277/280, tem-se notícia do concurso à 1ª Cadeira de Direito Penal, sendo candidato Paulo Pinto Nery, e às fls. 281/283 do concurso à 2ª Cadeira também de Direito Penal, com o pleiteante Vivaldo Barros Frota, disputas essas realizadas entre os dias 7 e 10 de junho de 1960.

A banca examinadora foi constituída assim: Ariosto de Rezende Rocha (Presidente), Francisco Manoel Xavier de Albuquerque, e, ainda, Francisco Oscar Penteado Stevenson, da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, Benjamin Moraes Filho e Oscar Accioly Tenório, ambos da Universidade do Distrito Federal.

Paulo Nery foi habilitado ao exercício da cátedra e Vivaldo Barros Frota desistira do concurso na sua fase final quando faltava apenas a leitura de sua prova escrita, tendo alega-

do, em comunicado, à banca examinadora, que desistia "atendendo o meu estado emotivo não comportar continuar o concurso...".

Mas esse certame não apenas ensejou aprovação, pois dois candidatos muito conhecidos no mundo jurídico e na advocacia de Manaus não lograram habilitação para o exercício da cátedra de Direito Penal (2ª Cadeira).

Como se colhe às fls. 251/256 da Revista da Faculdade de Direito n.º. 03, de 1955, os candidatos Manuel José Machado Barbuda e Raymundo Nonato de Castro, submeteram-se à banca examinadora composta por: Adriano Queiroz (Presidente), David Alves de Mello, e, também, José Salgado Martins, do Rio Grande do Sul, Desembargador João Rebello Corrêa e Promotor Domingo de Queiroz (ambos do Amazonas).

Em parecer, "a Comissão Julgadora que este subscreve propõe à douta Congregação que considere não habilitados os candidatos Manuel José Machado Barbuda e Raymundo Nonato de Castro, em virtude de nenhum deles ter alcançado de três (03) ou mais examinadores a média mínima de sete (07)"...

Os resultados finais assinalaram: Manuel José Machado Barbuda – média geral: 6,97; Raymundo Nonato de Castro – média geral: 6,42.

———————x—x———————

A conquista definitiva do grau de Doutor em Direito por quantos disputaram vitoriosos aqueles concursos na Faculdade somente se efetivara com o evento da posse na respectiva cadeira.

O procedimento dava-se diante da Congregação reunida, presentes alunos e convidados, discursando um professor para cumprimentar e receber, em nome da Escola, o novo catedrático e este para agradecer e pregar o sentimento, estimulado pela vitória, de prosseguir desenvolvendo trabalho crescente em favor do ensino jurídico, associado à projeção, cada vez maior, da Faculdade de Direito do Amazonas para que todos nós – seus ex-alunos – continuássemos, como continuamos, a admirá-la com o respeito de sempre.

ZARATUSTRA

Jorge Tufic

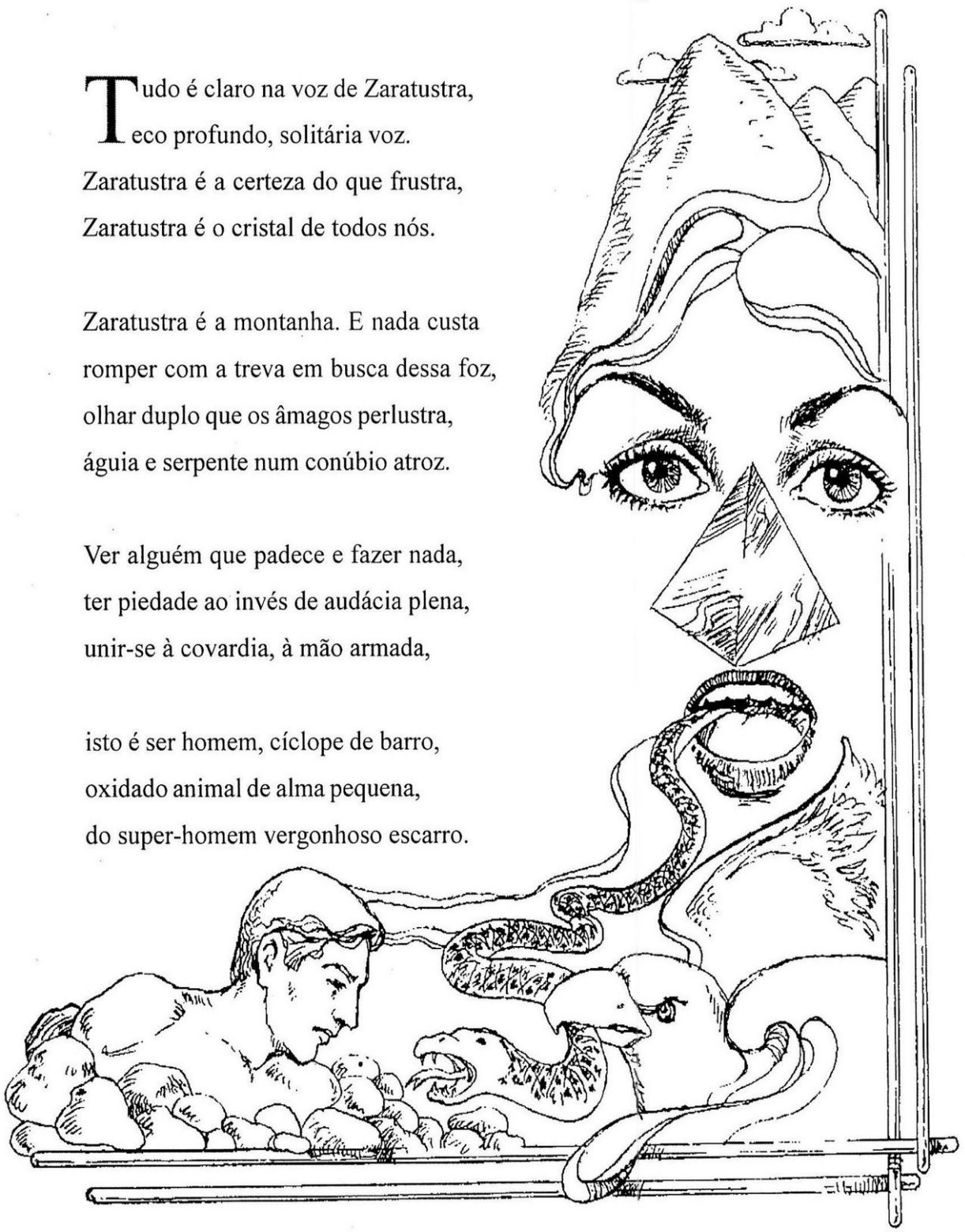
Ao gênio de Nietzsche

Tudo é claro na voz de Zaratustra,
eco profundo, solitária voz.
Zaratustra é a certeza do que frustra,
Zaratustra é o cristal de todos nós.

Zaratustra é a montanha. E nada custa
romper com a treva em busca dessa foz,
olhar duplo que os âmagos perlustra,
águia e serpente num conúbio atroz.

Ver alguém que padece e fazer nada,
ter piedade ao invés de audácia plena,
unir-se à covardia, à mão armada,

isto é ser homem, cíclope de barro,
oxidado animal de alma pequena,
do super-homem vergonhoso escarro.



OS 500 ANOS DO BRASIL E A REALIDADE QUE VIVEMOS*

Arlindo Porto

Difícil enveredar pelas trilhas históricas que levam ao chamado descobrimento do Brasil, sem cair no inevitável cipoal das dúvidas e contradições apontadas por muitos doutos que se debruçaram sobre o assunto.

Desde pequenos, quando palmilhamos os árduos abrolhos das primeiras letras, conduzidos por aquelas inesquecíveis criaturas que se constituíram nas nossas primeiras professoras na vida, aprendemos uma versão calcada na historiografia nacional, segundo a qual calmarias desviaram o rumo da frota de caravelas de um certo Pedro Alvares Cabral, almirante português ao comando de Manuel, o Venturoso, rei luso, fazendo com que os grandes barcos apontassem acidentalmente na direção da terra de Vera Cruz, quando na realidade a meta desejada seria Calicut, na Índia. Por anos e anos essa versão se cristaliza na maioria das cabeças dos brasileiros, que passam, dessa forma, a acreditar sem quaisquer restrições, que foram os portugueses os autores da "descoberta" do Brasil.

Mas a passagem dos anos e o desejo de aprender sempre um pouco mais, levam os filhos desta terra a buscar novos conhecimentos em torno daqueles acontecimentos, principalmente agora, quando a nacionalidade de forma uníssona lança-se às comemorações dos primeiros 500 anos de existência deste país. O desenvolver das pesquisas e a sede de saber de muitos que buscaram conhecer melhor o assunto, mergulhando pacientemente nos arquivos de instituições estrangeiras, trouxeram ao sol das constatações hodiernas, teses que instauram dúvidas quanto a terem sido os portugueses os primeiros a colocar pés europeus no solo hoje baiano e, concomitantemente, no que chamamos Brasil.

Citemos, como exemplo dessa hoje evidente discrepância histórica, o autor Eduardo Bueno, badaladíssimo nestes dias dos 500 anos, em seu recente trabalho "Náufragos, Traficantes e Degredados": "A praia estava deserta. Não havia ninguém ao longo da enseada e nem nas matas que as cercavam. A areia, porém, se encontrava repleta de pegadas, num

* Conferência proferida pelo Conselheiro Arlindo Porto, no auditório do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas, no dia 19 de abril de 2000)

sinal claro de que a terra era habitada. Tal evidência não impediu que os marujos recém-desembarcados gravassem seus nomes e o de seus navios nas árvores e nas rochas costeiras e, a seguir, imprimissem o dia, o mês e o ano do seu desembarque, tomando posse daquele território em nome da Coroa de Castela.

Era 26 de janeiro de 1500 e os homens chefiados pelo capitão Vicente Yañez Pinzón tinham acabado de descobrir o Brasil.

Embora polêmica, a afirmação se baseia em fontes primárias e em pesquisas confiáveis. A viagem de Pinzón foi bem documentada, e cronistas do século XVI se referem a ela em detalhes. Passados cinco séculos, porém, o local no qual os navios de Pinzón aportaram ainda divide os historiadores. Para alguns pesquisadores portugueses, os espanhóis teriam desembarcado ao norte do cabo Orange, atual fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Mas, para seus rivais castelhanos - que se basearam no depoimento do próprio Pinzón -, o desembarque se deu no cabo Santo Agostinho, em Pernambuco.

Foi apenas em 1975 que o capitão-de-mar-e-guerra Max Justo Guedes, diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha Brasileira, estabeleceu, de maneira, irrefutável, que Pinzón e seus homens chegaram à ponta de Mucuripe, cerca de dez quilômetros ao sul da atual cidade de Fortaleza, capital do Ceará – a meio caminho entre o cabo Orange e o de Santo Agostinho."

Como se vê, a celeuma é grande. Para os portugueses pende como documento de grande força a Carta que o escrivão da frota de Cabral, Pero Vaz de Caminha, encaminhou ao rei de Portugal, comunicando o feito de seus argonautas, ocorrido no dia 21 de abril de 1500. Esse documento, que por sinal vem de ser impresso, com impressionante fidelidade ao original quinhentista, em volume editado pela Academia Amazonense de Letras, sob brilhante prefácio do escritor e acadêmico Armando Andrade de Menezes, é considerado quase que como a certidão de nascimento deste país.
Mas nada disso, passados 500 anos, chega a importar e nem tira o significado do acontecimento que marca para o Brasil, o seu 5.º século de existência. Descoberto por espanhóis ou por portugueses, a presença inicial de um ou outro daqueles nacionais europeus muito pouco iria alterar na contextura sócio-histórica deste país, até porque, ao longo dos chamados anos da colonização, expedições de ambas nacionalidades se revezaram na exploração da terra, na vampirização dos seus bens naturais e no trucidamento dos índios, seus primitivos habitantes. É irrelevante, portanto, aprofundar a discussão, neste momento, sobre quem teria chegado primeiro.

A melhor demonstração dessa afirmativa foi o Tratado das Tordesilhas que, para evitar disputas ainda mais profundas sobre quem tinha mais ou menos direito de saquear as terras nestes recantos de mundo, fez a divisão pelas mãos de um Papa, do que seria português e do que seria espanhol. Gratos deve-

mos ser, isto sim, aos primeiros, os lusos, pois destes partiu iniciativa das expedições que levaram os chamados bandeirantes a empurrar o linha reta das Tordesilhas Brasil adentro, dilatando suas fronteiras na direção dos Andes e nos dando destarte um dos maiores territórios contínuos do mundo. Foi pela ação desses bandeirantes portugueses que se instalou de forma irreversível a unidade nacional, tanto territorial quanto lingüística, que faz um brasileiro do Oiapoque comunicar-se facilmente com um patrício seu do Chuí, sem maiores discrepâncias no modo de ser ou de falar.

A nacionalidade brasileira – nome este vindo mais tarde, quando já fora descoberta a abundância e a utilidade do pau-brasil -, segundo narra Caminha, teria o seu embrião na presença nas novas terras, de dois degredados, autores sabe Deus de que incorreções e de dois grumetes fugidos de bordo de alguma daquelas naus para escapar de surras ou, quem sabe, de algum tipo de assédio pouco dignificante de sua honra como homens. Foram teoricamente essas quatro figuras que, logo de início, egressa que fora a frota cabralina para novas terras, sempre ao empós das Indias, nos primeiros contatos com a indiarada pacífica e curiosa, deram início, com olhos cúpidos e ambiciosos, aos primeiros passos da formação do caráter nacional. Um crítico por demais cáustico poderia até afirmar, entre desconfiares e podesseres – escola à qual não me filio, tantos são os fatores que ao longo dos anos influenciaram no assunto -, estar ali, naquelas quatro presenças alienígenas o embrião do processo corruptivo que hoje, quinhentos anos depois, infecta o cerne da nacionalidade da exterra de Vera Cruz.

Deixemos para lá, no entanto, por meras deduções que são, tais suspeitas sem maior suporte na realidade dos fatos, posto que a roubalheira que hoje envergonha e estapeia na cara o povo brasileiro, pode ter razões até maiores para o seu desenvolver, na despudorada impunidade que é uma característica protetora dos atos malsãos de quantos, certos de que nada lhes acontecerá se delinqüirem, até porque cadeia neste país foi feita para os famosos três pês – pobre, preto e prostituta -, não hesitam em praticar atos lesivos e escandalosos contra o erário.

Daquele ponto em diante, como é natural, desenrola-se a história do Brasil. Muito do que aconteceu de lá para cá jamais chegou ao conhecimento das gentes, visto que a historiografia oficial sempre se encarregou de omitir os fatos depoentes contra as classes dominantes, preferindo fabricar versões açucaradas que melhor se adaptam às necessidades populares de acreditar em contos de fada. As invasões estrangeiras. Tentativas espanholas, francesas, holandesas e até inglesas de transformar este país em colônia obediente aos seus mandares, todas elas tendo como objetivo maior arrancar o ouro e as riquezas que sempre entupiram as veias geológicas nacionais. Lutas nativistas. Processo escravatório. Surgimento de uma classe dominante cruel,

insensível e ávida de cada vez maiores e escandalosos lucros à custa do esfomeamento de milhões. Às capitanias hereditárias sucedendo-se as dominações coronelescas. Reis mandando em cortes que soavam como imitações. A república irrompendo dos pensamentos da Revolução Francesa e chegando até aqui na exploração das inconfidências, tudo formando um mosaico desatinado em que a exploração dos marginalizados sempre foi um dos pontos altos, até se chegar àquele momento histórico do desembainhar da espada, por Pedro I, às margens do regato Ipiranga, para fazer ecoar nos ares plácidos e frase cunhada por Gonçalves Ledo: "Independência ou Morte".

Mas não tema essa ilustrada assistência que se integra, juntamente com as palavras deste palestrante bissexto, às comemorações com que o Tribunal de Contas do Estado do Amazonas se faz presente, de forma participativa, ao regozijo nacional pela passagem dos 500 anos do descobrimento destas terras em que nascemos e vivemos. Não passa pela minha cabeça enveredar pela recordação de datas e ocorrências que, mesmo importantes no contexto de nossa história, são de pleno conhecimento de quantos aqui se encontram.

Limitar-me-ei a tecer comentários a respeito do significado e da importância deste acontecimento e das conseqüências benéficas que dele poderão os brasileiros extrair, se assim o quiserem, para o aprimoramento moral da cidadania à qual pertencemos.

Sabido é que nos sessenta e um anos de Império, quando as cabeças coroadas mandaram num país de estruturas econômicas retrógadas, não muita coisa se fez, de sólido e concreto para semear uma base capaz de, senão exterminar mas de pelo menos de atenuar o campo fértil da injustiça social e do desequilíbrio gritante entre ricos e pobres que sempre encontrou no Brasil uma sementeira fácil nas vontades e nos objetivos. Os movimentos então havidos, isolados entre si, muito pouco contribuíram e chegaram a levar o país a participar de uma guerra imperialista com a qual a ambiciosa Inglaterra pulverisou os devaneios de um caudilho paraguaio que sonhava o melhor para a sua gente.

Com o advento da República, trazida pelos ventos civilistas que sopravam especialmente da Europa, aviventados pelas cabeças de pensadores franceses, igualmente muito pouco se adiantou a respeito, ampliando sim, o poder das classes dominantes, agora robustecidas pelo chamado voto-de-cabresto, capaz de coonestar a escolha dos mais insígnes espertalhões para falar e agir em nome do povo, quer dizer, do eleitorado. A fase republicana foi toda ela um suceder de oligarquias, algumas delas até baseadas na força, para manter intangível o poder dos que podem mandar sobre os que são obrigados a obedecer e, o que é pior, a aceitar as investidas da corrupção sobre os bens e o patrimônio das gentes e do país. Que não se diga ter sido esse período improdutivo para a mãe-Pátria, dado que, apesar da

canalhocracia que sempre fez atoarda de sua presença nos fatos importantes, o Brasil cresceu pela força e pelas esperanças de filhos seus que consideram o trabalho honrado uma alavanca propulsora e insubstituível capaz de erguer uma nação.

Revolução de 30, governadores nomeados. Ditadura civil. Espremida, deixa o saldo de conquistas sociais, algumas das quais ainda hoje mantidas com grandes celeumas e dificuldades. Eventos guerreiros novamente eclodindo e lá se indo os pracinhas aos campos europeus, para deixar ali vidas preciosas e gemidos inaudíveis.

Ei-nos chegando à hodiernidade, com o país redemocratizado pelos ventos libertários soprados da Europa após a dizimação do nazismo e de seus apêndices regionais através do mundo. O Brasil passa a viver os dias de uma democracia tímida e sem uma contextura maior de participação popular, o que levou forças estipendiadas por esse mesmo povo a subverter a ordem legítima estabelecida por uma Constituição, a interromper, em nome da moralidade, o curso da representatividade civil e da própria democracia incipiente.

Foram os chamados anos de chumbo, que na verdade contribuíram muito pouco para a restauração de todos os erros contra os quais a nova ordem arremetera, por se ter deixado cercar e envolver pelas mesmas maltas de cúpidos exploradores que sempre marcaram com a sua presença e a sua ação, a existência de administrações sucessivas. Isso passou, a democracia dita libertária, se por assim se entender o direito que tem o povo de comparecer de quatro em quatro anos diante de caixas – agora eletrônicas – e ali depositar os nomes de pessoas que lhe foram impostas pela propaganda paga com recursos fornecidos por empreiteiros e interessados que mais tarde descontarão tudo do erário, e , com o chamado voto, compor os executivos e legislativos que comandam os destinos da nação em que vivemos, voltou e aí está.

Chegamos afinal ao ano 2000, às comemorações dos quinhentos anos do descobrimento. E como que, por uma conjunção infernal de coincidências ou como se fosse pela vontade de Deus que assim ocorresse, para que assim o Brasil acorde e se levante do "berço esplêndido"onde parece ter sido condenado a estar "deitado eternamente", e reaja contra a "corruptocracia"em que se transformou, começam a explodir pelo país inteiro os tumores purulentos da mais deslavada prática de rapina aos dinheiros públicos, revelando uma situação triste e dolorosa que, infelizmente para todos nós, apesar de nos encher de horror e nojo, é apenas a ponta insignificante de um monstruoso iceberg. É nesse espumejar de dejetos morais, golfados pela corrupção, que se faz a festa dos 500 anos.

De qualquer modo, estou feliz por viver a data. Por isso, manifesto aqui – e creio fazê-lo em vosso nome também – o meu regozijo pelo meio milênio de vida brasílica, pelos cinco séculos de um país que, apesar de tudo,

apesar das maldades que péssimos filhos lhe fazem, conseguiu pelo trabalho honrado de uns tantos, alinhar-se como uma nação cristã que embora pobre de representatividade e repercussão por culpa de suas classes dominantes, é imensamente rica em potencialidades jacentes e muito poderá fazer pela humanidade a que pertence.

Que as preces, que nesta hora evolam dos corações bondosos dos brasileiros que não pertencem à **cleptocracia** mas que, pelo contrário, querem o melhor para a sua Pátria, cheguem a Deus todo poderoso e que Ele as transforme em bênçãos que se derramem sobre a nação, trazendo-nos paz, prosperidade, dignidade, correção de atos públicos, decência e moralidade. São as minhas e creio que, também as vossas fervorosas esperanças. MUITO OBRIGADO.

PALAVRAS DE UM POETA

Discurso de Posse

Almir Diniz de Carvalho

Senhor Presidente,

Senhores Acadêmicos:

Conferistes-me a honra – e que honra! – de estar ao vosso lado; trouxestes-me, pelas mãos da bondade, a compor esta assembléia de homens do Saber e da Cultura; colocastes-me entre reconhecidos expoentes da Inteligência e de excelsos cultores do Pensamento; oferecestes-me a oportunidade – garimpeiros que sois da arte literária – de bater pepitas e garimpar gemas na aluvião das idéias e nos cascalhos da memória; fizestes-me um dos vossos e, sem dúvida, o de menor expressão cultural. E eu vos sou eternamente grato por haverdes descoberto nos meus versos e outros escritos alguma centelha oculta que teria ateado nos vossos corações a chama da benevolência, responsável pelo meu chamamento a este Silogeu. E me pergunto se não teríeis exagerado, convocando a este modesto artesão das letras a participar de vosso convívio. Porque, meus senhores, nesta Casa de aurifulgências, repleta de estrelas de brilho próprio e esplendor continuado, reside a essência da força mental da aristocracia cultural de nosso povo; porque, aqui, neste Cenáculo, reúnem-se os mais preeminentes, lúcidos e lídimos representantes do condomínio estelar da intelectualidade cabocla; porque, aqui, neste condado de estetas, os vocábulos adquirem poder de magia; as frases ganham reverberações solares; os textos iluminam-se de cintilas de oiro; os discursos forram-se de ressonâncias apostolares; os poemas enfeitam-se com as cores do encantamento, revelando sutilezas de místicos trovadores e profetas; as crônicas revestem-se de fulgurações e de levezas poéticas; os contos sintetizam e dramatizam atos e sentimentos de personagens, quase sempre imaginários mas providos de indiscutível espiritualidade; os romances, partindo de incrível natureza panteista desaguam numa ficção de contornos e de matizes próprios; os ensaios erigem-se em peças documentais de extraordinário valor científico; os bosquejos históricos e as obras prontas constituem-se em fontes perenes de pesquisas. E, pela força criativa de tantos e tão renomados apóstolos da estesia, os sonhos, a ficção e a realidade ganham foros de requintado labor literário e científico. Aqui, meus senhores, respira-se o oxigênio da criação e a nobreza da forma. Aqui, neste ambiente de sabedoria, sobrenada a aura da imortalidade!

E, o que é, afinal, a imortalidade?

O imenso Huascar de Figueiredo, sem dúvida uma das mais alcandoradas e cintilantes estruturas mentais que preliaram nesta Academia, estava enfermo. Preocupado com a saúde do eminente pensador, o presidente desta augusta Casa, naqueles idos o inesquecível Péricles Moraes, designa comissão integrada dos acadêmicos Genesino Braga e André Araújo para levar ao portentoso jornalista os votos de pleno e completo restabelecimento, deste Areópago. Genesino esmera-se na formalização da mensagem, ele que era mestre deusificado no cultivo da beleza vocabular.

Alquebrado, fisicamente, mas espiritualmente são, Huascar fita aos visitantes e, fazendo-se objeto de sua própria verve, cultor refinado que era do humor e da sátira, retruca:

- É, Genesino, esta nossa imortalidade é tão frágil...

E nesta frase de queixa sutil laborava o mestre, talvez, no seu maior engano. Porque a imortalidade acadêmica nada tem de frágil. Muito pelo contrário! e o melhor exemplo desta verdade é a própria narração do episódio, agora revivido neste plenário. E, a partir deste momento e para sempre, integrado aos anais da Academia. Porque é no livro das recordações continuadas, ciclicamente repetidas, num lavor contínuo e permanente que se afirma e, na prática se confirma a teoria abstrata da perenidade acadêmica.

Na verdade, a imortalidade paira, intangível mas presente nas nossas lembranças, guardiãs serenas que são dos feitos culturais de tantos preliadores, de tantos gentis-homens que nos precederam, insculpindo na perpetuidade desta Casa marcas indeléveis, antes de se irem semear delícias nas místicas províncias do desconhecido. Êi-la que sobrevoa este severo recinto, transpondo arcadas e vencendo vácuos, indo, enfim, por desígnio da ciência, materializar-se entre estáticas molduras, ressumbrando eternidade!

Olhai, com atenção, e vereis nossos campeões do saber, como que liberados do cárcere dos quadros, exsurgindo de nossa galeria e voando rumo às obras que nos deixaram e em cujas páginas e em cada pensamento, havereis de encontrá-los, eternamente vivos, porque os livros não morrem, sendo-lhes deferido o poder de transmitir à posteridade, a essência de seus criadores.

O patrono da poltrona n.° 5

1° Patrono: Martins Júnior:
N.24.11.1860 (Recife, Pe)
F. 28.8.1904 (Rio de Janeiro-RJ)

2° Patrono: Araújo Filho:
N. 9.9.1870 (Goiana, Pe).
F. 18.5.1931 (Manaus, AM).

Martins Júnior

Ao tempo da fundação da Academia Amazonense de Letras, no dia 18.1.1918, com

a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, foi escolhido patrono da cadeira n.° 5 o eminente José Izidoro Martins Júnior, nascido no Recife a 24.11.1860. Diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola do Recife, Martins Júnior, de cultura multifária, sobressaiu-se como prosador e poeta, jornalista, tribuno e abolicionista, além de professor catedrático das Escolas do Recife e do Rio de Janeiro. Prestou inestimáveis serviços à luta pela libertação dos escravos e pela proclamação da República. Escreveu: *Vigílias Literárias* (1879) em colaboração com Clóvis Beviláqua; *O Crime da Vitória (*1880); *A Propósito da Conversão de Littré e Visões de Hoje* (1881); *A Poesia Científica* (1883); Retalhos (1884); *Estilhaços* (1885)... O Partido Republicano de Pernambuco elegeu-o deputado estadual (1892/94) e federal (1894/1900). Eleito para a Academia Brasileira de Letras, poltrona n.° 13, não chegou a ocupá-la. Faleceu no Rio de Janeiro dia 22.8.1904.

Araújo Filho

(Patrono e 1° ocupante da cadeira n.° 5)

Francisco Pedro d'Araújo Filho ou Araújo Filho, é o atual patrono da cadeira n.° 05 da Academia Amazonense de Letras. Nasceu dia 9.9.1870, em Goiana, Pe, de Francisco Pedro de Araújo e Cândida Marreiros de Araújo. Fez o curso primário na escola do prof. Honório da Costa Monteiro e o secundário no Ginásio Pernambucano do Recife. Muito cedo abraçou a causa abolicionista ao lado de José Mariano, Joaquim Nabuco e Leonor Porto, entre outros; e o ideal republicano, ombreado a Martins Júnior e Maciel Pinheiro. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, em julho de 1887. Depois de muitas vicissitudes foi armado cavaleiro do saber jurídico na arena histórica da távola do Recife, a 12.5.1892. Nomeado Juiz Municipal de Goiana, meses depois deixava o cargo, inconformado com o ato arbitrário do governador Barbosa Lima que determinara a ocupação, à mão armada, do Conselho Municipal de Goiana. Voltou à advocacia. Exerceu o jornalismo com raro brilho. A 22.4.1897, vamos encontrá-lo assumindo o cargo de Juiz de Direito de S. Joaquim da Costa, Santa Catarina, em cuja Comarca se demoraria pouco, a exemplo do que acontecera em Goiana. Em vilegiatura jurídica andou pela Bahia, Espírito Santo e Pará. No ano de 1904 visitou, pela primeira vez, a Capital amazonense, demorando-se alguns meses a serviço da advocacia. Dois anos depois, no dia 6.1.1906, chegava a Manaus, com a família, viajando pelo navio ALAGOAS, do extinto Loide Brasileiro, para fixar residência definitiva em nossa Capital, onde exerceu, com proficiência a advocacia e o jornalismo. Colaborou em todos os jornais e revistas da Manaus cultural daquela época. Professor, já o era, desde Recife onde lecionava Português, Francês e Latim. Aqui, porém, ampliou o seu curriculum, ministrando aulas de Direito das

Obrigações, Direito Romano, Direito Penal, Direito das Coisas e Filosofia do Direito, no período compreendido entre 1913 e 1930, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Livre de Manaus. Em 1916 foi eleito deputado Estadual e, em 1918, com uma plêiade de intelectuais, fundava a Sociedade Amazonense de Homens de Letras, ocupando a cadeira de Martins Júnior cujo patronato fora por ele reivindicado. Faleceu às 23 horas e 40 minutos do dia 18.5.1931, com apenas 61 anos de idade.

De seu consórcio com d. Francelina Barbosa de Araújo, realizado em Goiana deixou, entre outros, dois nobres varões: o dr. Ruy Araújo que chegou à vice-gorvenança do Estado e a Governador interino, e o desembargador André Vidal de Araújo, misto de jurista, professor, sociólogo e escritor. Este sucedeu ao seu pai na poltrona n.º 5 que, com a reforma estatutária da Academia ganhou o patronato de Araújo Filho.

É bem modesto, infelizmente, o legado de Araújo Filho, à literatura amazonense, em forma de livros, se compararmos este legado ao esplendor de sua cultura polímata que abrangia desde o conhecimento das diversas disciplinas do Direito e das antigüidades clássicas, em especial o Direito Romano e a Filosofia do Direito, além do Latim e do Grego dos quais se fizera mestre respeitado em todo o País. Sobre falar e escrever com correção essas duas línguas mortas, dominava, com autoridade, o inglês, o francês, o italiano, o alemão e o espanhol, e suas respectivas literaturas. Contudo, é bastante significativo o volume de trabalhos jurídicos (aos quais imprimia, sempre, uma notada feição literária) deixados pelo magnífico, pelo assombroso tribuno, destacando-se discursos, pareceres, defesas, embargos, apelações, razões finais, enfim, uma gama preciosa de procedimentos advocacionais.

Vale ressaltada, por seu conteúdo histórico-filosófico, uma de suas notáveis conferências intitulada *A Poesia do Direito*, considerada síntese maravilhosa e perfeita da História do Direito. Por si só, ela resume a obra e eleva o meu patrono aos píncaros da glória. Mas, há que se referir, por ser de inteira justiça, a obra inacabada, infelizmente inacabada: a *Origem e Formação do Idioma Latino* e muitos opúsculos de alto valor literário e jurídico, entre os quais: *Ad memoriam* (estudo sobre o seu modelo político, o notável José Izidoro Martins Júnior); *ação de reivindicação na defesa do município de Manaus*, contra a Manaos Markets, ensaio que mereceu de Ruy Barbosa fundados elogios em razão de seu elevado conteúdo jurídico-histórico; *Na Seara da Arte* (discurso no Teatro Amazonas, saudando a musicista Pátria Ramos); *Pinheiro Machado* (discurso na antiga Sociedade Amazonense de Homens de Letras); discurso como paraninfo da 1ª turma de bacharéis da Universidade de Manaus; Ruy Barbosa (discurso em sessão solene da Academia Amazonense de Letras); discurso, em nome do Corpo de

Advogados de Manaus, saudando o dr. Alfredo Sá, interventor federal do Amazonas; discurso na Academia, de saudação a Nilo Peçanha quando este, em vilegiatura política, visitava Manaus; Defesa do cel. Raul de Azevedo; Defesa do ten. José Calazans Parahyba; e mais, Estudo sobre a História (1919); Estudo sobre a Enfiteuse; Filosofia da História (1919)...

A Vida Luminosa de Araújo Filho

Por ocasião do primeiro centenário de nascimento de Araújo Filho a Academia Amazonense de Letras homenageou-o, dedicando-lhe o n.º 15 da Revista da Entidade, que circulou em dezembro de 1970. Manifestações outras, no mesmo sentido, integram o mágico florilégio.

Na oportunidade, vários acadêmicos que conviveram com o tribuno e outros que tomaram conhecimento de sua prodigiosa cultura através da tradição oral ou da leitura e estudo de seus trabalhos, dedicaram-lhe páginas imorredouras de reconhecimento, de louvor e de ternura. Esse referencial constitutivo de autêntica poliantéia, merece ser divulgado e conhecido para que não se perca "na noite dos tempos" a história de mais um dos nossos pró-homens.

Aos mestres que pontificaram neste Silogeu e aos que, mercê de Deus, ainda pontificam, empresto o fulgor de seus depoimentos – gemas extraídas de seus inesgotáveis filões mentais – para, juntos, reverenciarmos a memória do meu extraordinário patrono, sem dúvida uma das maiores cerebrações desta Academia.

Depuseram para a História os eminentes acadêmicos:

Dicionarista Agnello Bittencourt para quem Araújo Filho era um polímata, baseando sua cultura no latinismo e no helenismo, tendo dado provas "no tirocínio da advocacia e do magistério superior de que era profundo conhecedor do Direito Romano: as Institutas não lhe passavam de coisas triviais, como um lastro de erudição jurídica." (Dic. Amaz. de Biografias. Conquista, Rio, 1973).

O inesquecível Genesino Braga, em seu depoimento, diz, comovido: "Agora, que cem anos decorrem do seu nascimento, agora que seu centenário no-lo devolve à reverência, o homem-luz que ele foi, ficou mais vívido entre nós, no seu rastro luminoso, com lampejos para todas as épocas nas páginas que ele nos deixou, assinalando a plenitude de sua cultura clássica, de seu profundo humanismo, de seu pensamento estético. Toda a sua existência – e que existência tão curta para um gênio! – constituiu-se de um só apostolado para a conquista do aspecto formoso da vida, – o seu ambicionado Santo Graal: a Justiça!"

O desembargador Sadoc Pereira revela o seu impacto ao conhecer o mestre: "Voltei-me – e vi a minha frente a figura do grande tribuno. Senti-me abalado e confuso (...) Não sei dizer se me afigurava, naquele momento, um liliputiano em frente de Guliver,

ou próprio Guliver em face de um daqueles gigantes de Brobdignac. (...) Duas cousas sempre me impressionaram nos trabalhos de Araújo Filho: o estilo claro, vibrante, cheio de harmonia, e a sua dialética, que era irretorquível e esmagadora. (...) Não conheci orador que o pudesse exceder ou igualar na tribuna judiciária, quer pela eloquência, quer pela cultura e erudição".

O escritor Anísio Jobim (in *A Intelectualidade no Extremo Norte*), depondo para a posteridade, diz, do jurista: "Peregrina cerebração, forrada de classicismo. Tribuno fogoso e jurisconsulto, havendo sustentado prélios memoráveis. Tinha a linguagem rigorosamente vernácula enroupando pensamentos profundos. Sempre desprezou riqueza, e manteve-se, em todos os lances dramáticos de sua vida, altivo como um semi-deus".

O portentoso Ramayana de Chevalier, lembra: "Quando assomava a tribuna do Fórum era como se tivesse "baixado" Demósthenes no "terreiro" da Justiça. A sua habilidade, os seus argumentos, o fulgor de sua explicação jurídica, o manejo de sua lógica, o vigor de suas provas, o ilusionismo provocado pelo seu talento clássico entre os jurados boquiabertos, tudo isso arrastava multidões para a Casa da Justiça, a ouvir uma explosão de inteligência".

O admirável Adriano Jorge, apesar da teimosia de manter-se incógnito, como se isso fosse possível a um gênio, escreveu, na hora da despedida final: "O esplendor solar desse formoso e nobre espírito, que foi Araújo Filho, crepusculou numa apoteose (...) Humanista eminente, revelava em sua formação intelectual, aquele carinho zeloso, aquele permanente cuidado com que requintam na vida os verdadeiros aristocratas mentais. Assim, todos o chamavam (...) – Mestre! Mestre, sim; porém muito mais do que um simples transmissor de conhecimentos humanos purificados através do filtro de seu espírito, porque ele foi sobretudo um grande, um surpreendente, um maravilhoso Professor de Bondade".

O acadêmico Raul de Azevedo, em artigo publicado no Jornal do Brasil, no dia 2.1.1932, lamentando a perda do seu defensor e amigo, recorda: "Ruy Barbosa tinha, em Araújo Filho uma consagração permanente, vívida" – e lembra: – "Duma feita ele ditou oito horas seguidas e eu escrevia. Passeava pelo Gabinete, cortando-o em meio. Fazia citações de Horácio, de Virgílio, de Dante, de Carlyle, de Ruy (...) Citava os originais sem compulsá-los".

Genésio Cavalcante, brilhante e esquecido filho do Juruá, autor de *Oiro E Cinzas*, em artigo publicado no *Diário Do Povo*, de Belém, dia 1.7.1931, relata, emocionado, o último encontro com o mestre num bar da rua João Alfredo, na Capital paraense, lembrando que o amigo "de filósofo a criminalista, é um versado em todos os ramos do pensamento. Ao trato afável junta a sutileza de esteta. Ama a eloquência. Envolto na beca do causídico e pelos gestos comedidos acentuando as idéias claras, dá a impressão de que em outras ida-

des freqüentou o recinto de Ágora ou, contemporâneo de Cícero, pleiteou no Fórum..."

O saudoso prof. de Teoria Geral do Estado dr. Aderson Andrade de Menezes (A História da Faculdade de Direito do Amazonas), refere o sacerdócio professoral de Araújo Filho como lente de nossa Escola de Direito, de 1913 a 1930 quando, por sua morte, "abriu um claro imenso na Congregação da Escola".

Newton Sabbá Guimarães, renomado lingüista, traça o perfil de Araújo Filho, lembrando: "Tal foi o nosso Araújo Filho, amazonense de escolha e de coração. Foi jurista, advogado, orador, jornalista, professor e literato. Membro da Academia Amazonense de Letras, formou ao lado de Péricles Moraes, a dupla mais celebrada daquele grêmio cultural. Em tudo saiu-se vencedor, em todos os ramos do Saber, fez-se admirado".

Todas as facetas da vida prodigiosa de Araújo Filho foram analisadas e esmiuçadas pelos seus ilustres pares, componentes desta Academia.

O filólogo padre Nonato Pinheiro aborda, com precisão, o lado poético do tribuno: "Araújo Filho não ficou só na prosa e na oratória, aquela genuinamente vernácula e esta triunfalmente demostênica. Também bebeu as águas de Hipocrene. A Notícia, jornal que circulou em Manaus no início do século XIX (...), em sua edição de 21 de fevereiro de 1914, publicou o soneto PAPHNUCE, que merece uma introdução para os novos. Diz a lenda que a famosa cortesã Taís, supinamente devassa, foi convertida pelo anacorreta São Pafúncio. Isso foi objeto de um romance de Anatole France e de um drama lírico de L. Gallet, musicado por Massenet."

Araújo Filho abre o soneto com este quarteto:

Taís: – Servo de Deus, por um influxo divino
Sonhei que a tua alma errava às tontas, triste e só!
– Era mister opor barreira ao teu destino
e afastar-te da Treva e a elevar-te do Pó!

E o encerra com a concisão contida neste terceto de oiro:

Monstro! A carne venceu-me à espiritualidade!
Meu desejo foi tanto e o Pecado foi tanto!
Que é até mesmo humilhante aceitar o Perdão!..."

Traçando o caráter e analisando a cultura de Araújo Filho, meu pranteado amigo e mestre João Chrysóstomo de Oliveira ensina: "Há homens e há caminhos. Há caminhos para homens e há homens para caminhos. Os homens para os caminhos são os pioneiros e desbravadores que, assestando o teodolito dos seus sonhos e idéias sobre o desconhecido, rasgam clareiras, rompem barreiras e cortam o ignoto com esteiras de rastros de gigante (...) Araújo Filho, simplesmente, foi um destes pioneiros abridores de caminhos."

O seríssimo e insuspeito filólogo, enfocando, também, o lado boêmio do tribuno narra, ter ouvido, do dr. Alberto Corrêa, mes

tre de matemática, um fato demonstrativo de sua boêmia. Havia o citado mestre encontrado "em uma demonstração de teorema, ao final, a expressão latina REGULA CAECI. Recorrera aos latinistas da cidade, tanto religiosos quanto seculares, sem sucesso. Faltava procurar Araújo Filho que não fora encontrado na tentativa inicial de consulta.

– Doutor Aráujo Filho, eu preciso fazer-lhe uma consulta sobre uma expressão latina – declarou, ao encontrá-lo na avenida Eduardo Ribeiro.

– Paga primeiro um chope e venha depois a consulta – respondeu o jurista que nas explosões de seu talento entregava-se à boêmia. – Alberto, esta expressão é muito encontradiça nas demonstrações de teoremas de matemática dos tratadistas. Pode ser traduzida como REGRA DE CEGO para exprimir a clareza e a simplicidade da demonstração que até um cego pode compreender.

O poeta Jorge Tufic, em crônica publicada em seu livro TIO JOSÉ (Ed. Gov. Amazonas, 1977), enfoca, igualmente, o lado boêmio do tribuno e explica: "Evidentemente, torna-se difícil para um moderno reconstituir os passos dessa admirável figura de sábio e boêmio (...) Mas, era nas suas folgas, longe dos prélios tribunícios que o filósofo e o poeta se realizavam nessas horas de boêmia tranqüila e edificante."

A Poesia do Direito

Nas poucas páginas de uma conferência a que Araújo Filho intitulou *A Poesia do Direito*, está sintetizada, de forma lúcida e cabal, clara e completa, a perene obra do mestre.

A Poesia do Direito é um passeio erudito, uma peregrinação histórica pelos caminhos das épocas. Nela, Araújo Filho traça, com agudeza, o roteiro do Direito irmanado à poesia desde os hebreus, os caldeus, seítas, fenícios, gregos e romanos em seu caminhar incessante para a formulação de preceitos morais, gerados na imensa placenta do tempo, com raízes na religião, desaguando na argamassa jurídica, na lei insculpida em versos.

Fora, por esses tempos – ensina Araújo Filho –, por aquelas eras perdidas na História – o verbo, a linguagem puramente, exclusivamente poética – não porque simplesmente simbólica, – mas, sim, poética porque rítmica, – e, às vezes conscrita em formas métricas (...) Naquele caliginoso sincretismo, o verso se confundira com a lei, porque no verso se promulgava a Lei.

No antigo Oriente o Direito "era como um vasto poema de fundo religioso e moral "onde o verso, trabalhado com simetria, traçava os dogmas e estabelecia as fórmulas indispensáveis à solução dos conflitos.

A poesia, pura e autêntica, tem por fulcro, base e fundamento, a mágica do amor. Mas, desse subjetivismo que aformoseia a vida e os anseios humanos, derivam conseqüências materiais como o dote e o casamento, a constituição da família, a sucessão, e tantas outras manifestações que ao direito cabe abrigar.

No consórcio de Semíramis com o

príncipe Nino – ela, filha de uma deusa e o fundador de Nínive, um simples mortal mas que, para a donzela se revestia da aura de poeta, sacerdote e legislador –, já aparece o dote estipulado para a formalização do himeneu.

Em versos e em primitiva manifestação heráldica foi inscrita a Lei das Doze Tábuas, a chamada magnum aeternum carmen (o grande e eterno poema) – primeira real codificação de normas do Direito, alicerçada em princípios morais de fundo religioso.

"A jurisprudência foi um poema e todo o direito dos romanos foi uma severa poesia" – defende o tribuno.

O jurista pervagueia pelo mundo todo, desde os primeiros tempos, estudando as raízes remotíssimas do direito consuetudinário, visita os livros sagrados, atravessa o Mediterrâneo, irrompe pelo mare magnum ignotum (o Atlântico), caminha do Oriente ao Ocidente e em tudo e em todos os lugares ele vê poesia. E termina a magna conferência, perguntando:

> – *"Para que perquirir minúcias e pesquisar origens, para demonstrar-vos que o Direito, a Religião e a Poesia nasceram no mesmo dia, modelando, na mesma espontaneidade, o caráter e o coração?"*

A Poesia do Direito para o eminente acadêmico Mendonça de Souza "é um verdadeiro colar de viva espiritualidade. Melhor diríamos: genial! Perfeição! Perfeição de portentosa inteligência! Lucidez, força, graça, entusiasmo em lições eternas (...) Admirável no modo épico, na imagem sincera, verídica de impressionante e forte beleza."

Os que tiveram a felicidade de ouvir o tribuno são unânimes em afirmar que o eco das vergastadas de seu látego de fogo ressoava, altissonante, pelas cúpulas dos tribunais aonde o levassem os anseios de Justiça. E ia, num crescendo assustador, miraculoso, em ondas candentes, derramar-se pelas arcadas vetustas e todos os recantos, inclusive os pátios da Casa de Themis e Astréia, atraindo multidões de admiradores e adeptos de sua extraordinária oratória, de sua peregrina inteligência, despejando à mancheias, o fulgor de rara perspicácia, sagacidade e sutileza.

Fora daquele ambiente de luz, longe das tertúlias magníficas do espírito com outros notáveis mestres da retórica de seu tempo, escondia-se o paladino da eloqüência nas vestes sagradas da simplicidade e do companheirismo, sem distinção, transformado num "professor de bondade", num poeta ou num boêmio.

O enciclopédico Mário Ypiranga Monteiro que ilumina esta Casa com o brilho de sua gloriosa inteligência, analisando *A Poesia do Direito* (Rev. da AAL, n.º 15, cit.), observa:

– "Lê-se Araújo Filho não como se lê uma tese erudita de Direito. Lê-se o jurista na sua humana simpatia pela cultura geral, e, lendo-o, nos assombramos do seu vasto conhecimento de História da Civilização, de Literatura Greco-romana, de Filosofia, de Retórica, de Linguas."

E lamenta que as belas palavras do

tribuno, ardentes e atuais não constem de uma "Antologia escolar amazonense, se houvesse essa Antologia, ou melhor, se não houvesse tanta alienação e tanto desamor pelos altos predicados morais e intelectuais."

Leopoldo Peres (O Jornal, de 11.9.1931), referindo-se à obra *A Vida Luminosa de Araújo Filho*, declara: – "que bom poderia ser, integrando uma galeria de ínclitas existências romanceadas – 'gloriosa' como a de Victor Hugo, 'procelosa' e fagulhante como a de Mirabeau, 'reflexiva' e 'profunda' como a Descartes, 'prodigiosa' como a de Balzac, amargurada e 'dolorosa' como a de Charles Baudelaire..."

Mas foi Péricles Moraes o arquiteto mental, por excelência que unindo e tecendo os fios de ouro dispersos de uma inteligência privilegiada e uma cultura multifária e polimorfa conseguiu reconstituir *A Vida Luminosa de Aráujo Filho*, porque, segundo Santa Cruz Machado, citado por Sabbá Guimarães, "Foi ele um perdulário em várias províncias do saber humano, jamais preocupado em bibliografar o que produzia a sua coruscante inteligência".

Era preciso, portanto, recompor aquela exuberância vulcânica que brotava espontânea da formação telúrica do mestre. Lendo Péricles é como se víssemos o extraordinário orador assomando a tribuna, ou a cátedra, ou o palanque, a esbanjar vigor e sapiência e como por efeito de mágica, transmudado em paladino da Justiça, ou em intérprete do pensamento estético ou, em mestre do Direito ou, ainda, em arauto das aspirações das minorias, era como vê-lo redivivo, ensinando, ensinando...

Sim, era preciso! E ninguém melhor do que Péricles para nos trazer à memória, a vida e as idéias geniais de Araújo Filho.

O próprio tribuno sabia disso. E tanto sabia que, no último encontro com seu futuro biógrafo, horas antes da partida rumo à eternidade, já a voz meio sumida, balbuciou:

"–Ah! meu velho, é irremediável. Estou no fim..."

E num estertorante murmúrio, quase inaudível, como que lhe segredou:

"– Olha, não exageres o necrológio..."

Inspirado em André Maurois, nome de pena do escritor francês Emílio Salomão Guilherme Herzog, mestre da biografia romanceada, autor, entre outras dos romances biográficos: "A Vida de Shelley", "A Vida de Byron", "A Vida de Chateaubriand", o proeminente autor de "Figuras e Sensações", "Legendas e Água Fortes", "Confidências Literárias", "Coelho Neto e sua Obra"..., o nosso eterno Péricles, glória perene desta Academia, produziu essa obra-prima que é *A Vida Luminosa de Araújo Filho.*

Péricles, de fato, não exagerou. Nem era preciso fazê-lo. Bastava lembrar seu biografado "nos seus grandes frêmitos, nas suas magníficas exaltações."

A certa altura do seu formoso romance, confessa:

"– Vivi-lhe na intimidade cativante e lhe fui confidente das horas atormentadas, por

longos anos sucessivos. Conheci-lhe e admirei-lhe o espírito no seu esplendor solar, a pino, e compartilhei da tristeza daquele ocaso, enevoado de melancólicos desalentos.

Araújo Filho foi um arquétipo de energias, uma consciência em ação, uma alma que se cristalizou nas mais puras indulgências, uma sensibilidade que se requintou no cadinho de todos os sofrimentos, um homem, em suma, na acepção nobre do vocábulo."

E recorda momentos sublimes desse apóstolo do saber jurídico e esteta do pensamento:

Quando ele "Fala, estremece, vibra e emociona na contextura de suas perspectivas estéticas (...) levando às consciências transviadas os eflúvios balsâmicos de suas prédicas apostolares."

André Araújo

(2° Ocupante da Poltrona N.° 5)
N.15.10.1899 (Goiana, Pe).
F. 11.3.1975 (Manaus, Am).

André Vidal de Aráujo, nasceu em Goiana, Pernambuco, dia 15.10.1899, filho de Francisco Pedro de Araújo Filho e Francelina Barbosa de Araújo. Chegou a Manaus, dia 6.1.1906, com 6 anos e meses de idade. Estudou nos Colégios: Ateneu Amazonense, Santana Nery, Ginásio Amazonense Pedro II, Escola de Comércio Solon de Lucena e Faculdade de Direito do Amazonas. Sucedeu a Araújo Filho, seu pai, na poltrona n.° 5, que tinha como patrono Martins Júnior, depois o próprio tribuno. Figura carismática, misto de educador, sociólogo, pedagogo, escritor e jurista, André Araújo é, sem dúvida, o maior filantropo que esta terra já conheceu.

Cientista social por vocação, concebendo a educação como ciência ligada à antropologia, o mestre, ainda na mocidade, transformou-se em apóstolo da criança abandonada, realizando, mais tarde, obra admirável como titular, por 10 anos, do Juizado Privativo de Menores. Especializou-se professor de crianças excepcionais, dedicando parte de sua vida à educação de cegos, débeis mentais e paralíticos para o que fundou o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, com a exclusiva finalidade de abrigar e acompanhar o aprendizado especial desses deficientes.

Preocupado em formar uma elite de educadores dedicada ao estudo e solução dos graves problemas sociais criou e manteve a Escola de Serviço Social, em grau superior, dirigindo-a durante muitos anos.

Criou, ainda, o Instituto Melo Matos, a Escola Premunitória do Bom Pastor, depois Instituto Maria Madalena; fundou a Cruz Vermelha Brasileira do Amazonas; o Círculo Operário de Manaus; Serviço Social de Amparo à Mãe Solteira; a Escola José do Patrocínio, para gazeteiros; a Creche Circulista Menino Jesus; o Posto de Puericultura; o Conselho de Proteção aos Menores; a Clínica Pedagógica de Conduta Infantil "Araújo Filho"; e, como presiden-

te da Cruzada Nacional de Educação, fundou 92 escolas de Alfabetização, não estatais, no interior do Estado.

Foi promotor, Juiz de Direito, Desembargador, Procurador Geral do Estado, presidente do Tribunal de Justiça, Secretário de Educação, Deputado Federal. Pertenceu a dezenas de entidades nacionais e internacionais, inclusive ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e à Academia Amazonense de Letras. Foi colaborador de diversos jornais e revistas de Manaus.

Deixou diversas obras publicadas: Pedagogia Social de Combate ao Alcoolismo (1936); A Função Docente do Estado Novo (1938); A Ociosidade e o Furto na Predeliquência de Menores (1939); Proteção à Infância e à Juventude do Amazonas (1940); Serviço Social (1942); Estudos de Sociologia (1947); Bases Sociais da Pedagogia Curativa (1951); Ensaio de uma Tecnologia Política para Transformação do Mundo (1952); Introdução à Sociologia da Amazônia (1956); A Predelinquência Infantil em Manaus (1966); Estudos de Antropologia e Pedagogia Sociais (1967), entre outros.

Paulo Nery

(3° Ocupante da Poltrona n.° 5)
N. 27.12.1915, Manaus, Am.
F. 15.11.95, em Manaus, Am.

Filho do engenheiro Abílio Nery e d. Deolinda Pinto Nery, tendo nascido em Manaus, no dia 27.12.1915, o dr. Paulo Nery fez o seu curso elementar no Grupo Escolar José Paranaguá e Colégio D. Bosco, o secundário no Ginásio Amazonense Pedro II e o superior na Faculdade de Direito do Amazonas, além de um curso de Administração na Alemanha. Exerceu vários cargos e funções no Estado: Juiz Substituto da Vara de Menores da Capital, Delegado Geral de Polícia, Vereador à Câmara Municipal de Manaus, Deputado à Assembléia Constituinte do Amazonas, Deputado Federal (autor das leis criando a Companhia de Eletricidade de Manaus - CEM), a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Aprendizes de Marinheiro etc. Chefe de Polícia (1964), Prefeito de Manaus (1965/72), Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e seu Presidente, Vice-Governador e Governador do Estado do Amazonas (empossado a 14.5.1982). Presidiu a Companhia Industrial Amazonense (CIA), foi Diretor da Associação Comercial do Amazonas, Presidente da Cruz Vermelha Brasileira do Amazonas, Professor Catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito do Amazonas e membro da Academia Amazonense de Letras e Academia Amazonense de Letras Jurídicas.

Confesso-vos que é este o instante mais difícil de minha missão. É que neste, momento, a alegria de ingressar neste Cenáculo de Letras, o júbilo de participar convosco desta Casa de Luz, o contentamento de ver, de perto, estrelas que fulgiam à distância no céu da Literatura, a satisfação de ouvir-vos e de

falar-vos neste recinto de sabedoria, contrasta com o dever de relembrar o mestre querido que a convivência transformou em amigo leal. Por isso, uma névoa de saudade imensa empana a limpidez desta hora.

Conheci Paulo Nery quando ele ainda não despontara como político, nem eu como estudante urbano. Foi lá pelas barrancas da ilha do Careiro. Tempos depois iria encontrá-lo no Parlamento Estadual, ele na qualidade de deputado constituinte, eu como repórter parlamentar, representando o jornal A CRÍTICA, nos seus primórdios. Um dia, as engrenagens do tempo, no seu eterno quefazer de promover encontros e desencontros, haveria de colocar-nos, de novo, frente a frente, numa sala de nossa vetusta Faculdade de Direito do Amazonas, ele, como professor de Direito Penal, eu, na qualidade de seu aluno. Então, conheci o homem, no seu dia a dia: sério, comedido, conceituado, respeitador e respeitado. E, competente, sem dúvida. Jamais, em suas aulas, fez qualquer tipo de abordagem político-partidária, apesar de envolvido com ela, àquela altura. Quando subia os degraus da escadaria da Casa de Astrolábio Passos, despia-se da roupagem de político. Na Faculdade era o mestre, exclusivamente o mestre, sereno e imparcial.

Se, como repórter, mantivera contacto constante com o Juiz de Menores André Araújo, na busca do noticiário que alimenta os jornais de seu prato predileto e apetitoso de todos os dias – delitos, maldades e escândalos e, de notas boas, também, claro, que tanto satisfaz a curiosidade dos leitores, e, dos leitores vivem as folhas noticiosas –, como aluno do curso de Direito convivi, quase diariamente, com o professor Paulo Nery.

Foi, exatamente, durante aquela convivência de tantas e tão gratas recordações, que o meu antecessor se apresentou à comissão de alto nível, para defender tese de concurso à cátedra de Direito Penal da Faculdade Direito do Amazonas.

Diante de austera Mesa Examinadora integrada por professores catedráticos, lentes de Direito Penal das principais Universidades Brasileiras, Paulo Nery se impôs pela sua sapiência jurídica e, ao final vitoriou-se, conquistando a cátedra, com a substanciosa tese: *Humanização da Pena.*

Armado de paciência beneditina meu ilustrado antecessor mergulha nas origens históricas do Direito Criminal, estudando-lhe os conceitos e modalidades, na antigüidade; envereda pela era medieval; examina, com rigor as doutrinas; disseca as escolas e seus fundamentos para, depois de longa e brilhante caminhada, através dos tempos chegar à modernidade. Nessa caminhada de séculos, traça o perfil das penas e sua evolução, até chegar aos nossos dias.

Citando Albert de Du Boys, em História do Direito Criminal (Paris, 1845) refere que, no Egito, a pena funcionava como expiação – "o sangue do culpado deve purificar a família, a tribu e a nação".

Na Índia Bramânica vai encontrar o Código de Manu que, segundo Asúa "foi a Codificação mais perfeita que nos legou o Antigo Oriente".

Na China, a punição tinha caráter sagrado e as cominações projetavam-se além da vida, de acordo com os estudos de T. T. Thonissen.

Em certa época remota foi deferida ao povo chinês pelo imperador Seinu, o livro das "Cinco Penas" com destaque para a vingança e o talião. Na impossibilidade da execução do talião, era ele aplicado de forma simbólica. Em tal caso, ao ladrão amputavam-se-lhe as pernas porque, no idioma chinês, o mesmo vocábulo significa ladrão e fugitivo. A pena, pois, tinha por objetivo evitar a fuga do delinqüente. Como medida de purificação do criminoso e ao mesmo tempo para servir de exemplo, a pena de morte era cumprida em praça pública e consistia na decapitação ou nas variáveis: forca, esquartejamento e no enterro com vida. E as mais amenas: mutilação e marca a fogo.

Na Pérsia, predominava a vingança e o talião. Cabia ao rei a aplicação das penas, que se revestiam de crueldades extremas e eram executadas por meios abomináveis. Destacavam-se a morte por lapidação, crucificação, esquartejamento, scafismo e as amenas: mutilações corporais.

Na Assíria, predominava como monumento de sabedoria, o Código de Hamurábi, contendo admiráveis avanços. Desconhecia a vingança e embora abrigasse o talião, era este diferenciado. Exemplo: "Se um arquiteto constrói mal uma casa e esta desmorona, o filho deve morrer; também será morta a filha do que houver ferido a uma mulher livre, ocasionando a sua morte ou a feito abortar". Os castigos não deixaram de ser menos cruéis como "o afogamento e a tortura da fogueira específicos para os condenados à morte. Eram admitidas, além das penas extremas, as de mutilação, marca e deportação" (Asúa). Fornecia, ainda, as bases para a "distinção entre os delitos voluntários e os causados por negligência e atos conseqüentes de caso fortuito.

Em Israel predominavam os ensinamentos do sábio Moisés que alicerçaram as colunas basilares do grande edifício do Direito, assimilado pelos povos mais cultos do universo. Essas regras embasadas em princípios religiosos, morais e jurídicos foram enfeixadas" no PENTATEUCO, que é o ajuntamento dos cinco primeiros livros do Velho Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio".

Para o povo israelense Deus era um ser supremo que deveria ser admirado e respeitado por todos, sem restrição. Por isso, a perpetração de qualquer crime significava, antes de qualquer indagação, uma ofensa ao Senhor. Portanto, a pena correspondente ao delito "promanava de uma delegação divina". Na ocorrência de homicídio aplicava-se a pena de talião: vida por vida.

A legislação israelita somente se atenuaria com a vigência do TALMUD, intérpre-

te, por excelência do PENTATEUCO.

Em Roma, o delito e a pena adquirem caráter público: "Ali, o delito era a violação das leis públicas e a pena, a reação pública contra o delito."

Após sucessivos estádios o direito penal romano atenuaria "a aplicação das penas, chegando a abolir a de morte".

Depois de estudar o primitivo direito penal germânico que Híppel considera isento de influência religiosa contra o que se insurge Asúa, apoiado em Von Liszt, que afirma não haverem os germânicos se eximido da conciliação presumida entre o "mandato de Deus e o estatuo dos homens", o professor Paulo Nery envereda pela Idade Média onde encontrará a igreja colocando-se contra o "delito objetivo esposado pelos germanos e encarando o crime na sua função subjetiva, em face do animus, característico da vontade de praticar a ação, sem o qual seria inadmissível a figura do ilícito penal".

Em seguida, passeia pelos mares das teorias estudando as doutrinas e após dissecar as escolas o mestre chega, afinal, a Portugal onde já é sentida a grande divisão entre a culpa e o dolo, abrigada nas Ordenações Afonsinas, Manuelinas e Filipinas, as quais por óbvias razões, viriam a constituir-se na fonte, por excelência, do direito penal brasileiro.

Apesar de seu caráter cruel e injusto, as Ordenações vigoraram em nosso país, até a promulgação de nosso Código Criminal de 1830.

Exemplo nacional dessa barbárie é a execução de Tiradentes.

Na conclusão da tese com a qual o prof. Paulo Nery conquistou a cátedra de Direito Penal da Faculdade de Direito do Amazonas, alinha, o mestre, 6 proposições para a efetiva humanização da pena:

"1 – Se o crime tem o dúplice aspecto de fato biológico e fato social, e a pena, em face das condições pessoais e daquelas, oriundas do próprio meio social, influentes na pessoa do infrator, deve ser aplicada em consonância com esses fatores;

2 – A pena, na conceituação moderna, já vitorioso o princípio da sua individualização, deverá mirar a dois objetivos: a recuperação do delinqüente pela assistência reclamada, do ponto ético ou, sendo ele portador de processo psico-patológico, deverá ser-lhe aplicado o internamento, sujeito a tratamento específico;

3 – As medidas de segurança, por coerência com a natureza da humanização da pena, devem ser indeterminadas e não a prazo fixo e a cessação da periculosidade importará na revogação da medida, por ato do juiz da execução criminal.

O mesmo critério deverá prevalecer também quanto às interdições de direito;

4 – Urge que a polícia judiciária e a justiça criminal sejam constituídas de elementos especializados em Direito Penal e ciências afins;

Esse requisito para o provimento de cargos da polícia judiciária e da magistratura

criminal deve ser indispensável aos diretores e principais funcionários de estabelecimentos penais;

5 – O sistema penitenciário, para que seja concretizada a individualização da pena, terá de ser modificado e os respectivos estabelecimentos providos de aparelhamento necessário ao critério dessa humanização;

6 – O Código Penal reclama uma revisão de maneira a amoldar-se ao critério da humanização da pena e o diploma processual precisa de amoldar-se também para a satisfação dos objetivos correlatos, sobretudo no que se refere às medidas de segurança e interdição de direitos."

Mas o meu nobre antecessor não se restringiria apenas à produção de sua tese vitoriosa. É vasta a relação de seus discursos políticos, acadêmicos e históricos e, de natureza vária as conferências proferidas em diversas instituições, merecendo destaque especial a realizada na Academia Amazonense de Letras, dia 31.8.1984, intitulada *O Amazonas e a Primeira Universidade Brasileira* (pb. Rev. AAL, n.° 20), de alto valor histórico e sentimental, a qual sopra o azinhavre do silêncio banindo a pátina da maldade que teimava em macular o brilho do bronze da verdade que dá ao Amazonas a primeira Universidade Brasileira.

A saudação oficial

Senhores acadêmicos:

Elegestes para receber-me, em vosso nome, neste Templo de Sabedoria, uma das mais brilhantes inteligências dentre quantas cintilam no firmamento intelectual de nossa terra e honram as tradições culturais desta Casa: o acadêmico José dos Santos Pereira Braga.

Emprestando o fulgor de suas prédicas literárias a este Silogeu desde 1992, não sei se lhe assenta melhor o título de professor, de administrador, de magistrado ou de acadêmico, tal o íntimo e formoso entrelaçamento de qualificações afins que lhe ornam a personalidade multifária. Entretanto, sei, porque lhe acompanhei o rastro luminoso desde as tertúlias ginasianas até os nossos dias, sei que é uma honra e uma glória merecer do mestre de aulas límpidas, do magistrado sereno e culto, do administrador de méritos reconhecidos ou do imortal de rara sensibilidade no manejo das letras acadêmicas, a saudação oficial da Academia.

José Braga, a partir de sua juventude rutilante fez, do primado das letras o alvo de suas lucubrações, elegendo o apostolado da cultura como sacerdócio, na busca de seu ideal de vida, o Santo Graal de sua exisctência – a Literatura.

Subiu, um a um, os degraus da escada do saber, até atingir o topo onde se encontra. Professor, Advogado, Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutor em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Diretor Geral do Departamento de Administração do Amazonas, fundador

da escola de Serviço Público do Estado do Amazonas e Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. Fundou e é o atual presidente da Academia Amazonense de Letras Jurídicas e escreveu, entre outros títulos: Introdução ao Direito Agrário (1991); o Instituto de Comodato e sua Aplicação ao Direito Agrário; Arrendamento e Parcerias Rurais no Direito Agrário Brasileiro; Módulo Rural – Aspectos Jurídicos e Econômicos; Função Social da reforma Agrária e Desapropriação.

Eis, em breves pinceladas, a fotografia diminuída, do acadêmico que escolhestes para exercer o ofício da recepção acadêmica, dando a este modesto artesão das letras as boas vindas da Academia.

Agradecimentos finais e profissão de fé

Senhor Presidente,

Senhores acadêmicos:

O tempo é curto para traçar, com justiça, o perfil e a obra jurídico-literária de tão aureolado patrono e, o poder de síntese limitado para delinear, em pálidas páginas o vulto histórico e a obra pujante do meu antecessor imediato. Curta, também, por certo, terá sido a vossa paciência e de vossos ilustres pares e a resignação da culta platéia para ouvir-me falar, sem qualquer pendor de oratória (que era um dos predicados de Araújo Filho) e despido da fluência e do brilho da inteligência desse autêntico patrimônio moral desta terra que foi o dr. Paulo Pinto Nery. Mas, ainda quero tomar instantes de vosso precioso tempo para: agradecer, de público, o apoio, o incentivo e a compreensão que hei recebido (no meu labor literário) de minha esposa – Aníria Saboia Diniz de Carvalho –, aqui presente, neste ato representando, também, nossos dois filhos, ambos ausentes desta Capital, o Almir Diniz de Carvalho Júnior freqüentando aulas de Doutorado na UNICAMP, São Paulo, e o Alan Saboia Diniz de Carvalho, no Rio de Janeiro, acompanhando tratamento de saúde de sua filhinha Hanna; patentear meu reconhecimento pela honrosa unanimidade com que fui distinguido pelos membros efetivos desta Casa; e manifestar aos meus parentes, amigos e tantos intelectuais que vieram a este Templo de Cultura prestigiar minha investidura acadêmica. Finalmente, desejo dizer a todos que, ingressando na Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, igual à pedra bruta que chega ao lapidário para ganhar forma e expressão definitivas, quero afirmar que me seduz a idéia e me anima a esperança de que, convivendo com exímios artesãos mentais e mestres do pensamento que sois, possa abeirar-me dos filões auríferos que vos são imanentes. Aliás, só o fato de sentar-me ao vosso lado nesta assembléia de operários da cultura, é-me sobremaneira enobrecedor. Portanto, ao investir-me na dignidade acadêmica declaro-vos que estou preparado e disposto a contribuir, a somar esforços, para que a nossa Academia continue a ser o que sempre foi e há de ser sempre, um

sagrado e formoso ninho de luz a abrigar as mais cintilantes cerebrações que, de quando em quando, esplendem no horizonte e no firmamento literário desta terra, dourando os céus de nossa intelectualidade de encanto e magia.

Almir Diniz no dia da posse

ELOGIO A ALMIR DINIZ DE CARVALHO(*)

José dos Santos Pereira Braga

Foi ali... Há sempre um ali, marcando a vida,
alguma ação, emoção, fatalidade,
um amor com sabor de eternidade,
um desengano que encontrou guarida.

Um ponto, um encontro, o ápice da lida,
um desgosto de imensa intensidade,
uma paixão que, na realidade,
como toda paixão se esvai, falida.

O fato, o ato, a hora, enfim a despedida:
o vôo inicial pra liberdade;
o bem da chegada, o dissabor da ida.

Há, bem ali, numa curva da idade,
uma lembrança que, nunca esquecida,
entrou para o escrínio da saudade.

(Almir Diniz, "Referencial de Saudade")

Presidente Max Carphentier,
Acadêmicas, Acadêmicos,
Senhoras e Senhores:

Disse-me, certa vez, um amigo – amigo muito querido que ensinava e vigiava e tudo sabia da vida até mesmo filosofar – que o sinal da velhice não são as rugas, mas a saudade.

Se cometo alguma indiscrição, relevai, acadêmico Almir Diniz de Carvalho. Relevai em nome da velha e fraterna amizade inaugurada nas trincheiras do Ginásio Amazonense Pedro II, que para falar do tempo e dos acontecimentos que nos permitiram o abraço não poderei disfarçar a saudade...

Incrustada no tempo como a pedra do calceteiro, a saudade é uma segunda vivência, disse Mário Ypiranga em poesia, professando História, ao abrir o seu opulento *Roteiro de Manaus*.

Revivendo, caminho no tempo: 1950!

Ultrapassar o pórtico da legendária Casa de Carlos Mesquita, definitivamente consagrada na alma de gerações, era motivo de orgulho para qualquer um. Além do árduo exame de admissão, onde rivalizavam muitas esperanças, estudar no Ginásio, já então Colégio Estadual do Amazonas, era garantia do melhor preparo intelectual, que ali se congregavam, para o ofício da pedagogia e do amor, expressivas inteligências de nossa terra.

Calouro, mal completara treze anos, che-

(*) Discurso proferido no dia 24.03.00, na AAL.

gava eu ao Ginásio, envaidecido e temeroso. Tantas glórias, tantas histórias, tanta magia, estar ali era consagrador!

Almir Diniz de Carvalho, veterano, vinte anos, não mais, já então exercitando os dons maiores de vigorosa e privilegiada inteligência, era premiado com o poema "Meu Mundo Selvagem" ao vencer o concurso de poesias instituído pelo Centro Estudantal "Plácido Serrano", que eu mais tarde presidiria.

Foi ali... o fato, o ato, a hora marcando a vida. Não por fatalidade ou desengano, mas para o bem da chegada. O ponto, o meu encontro com Almir Diniz no seu "vôo inicial para a liberdade"...

Nunca mais deixei de interessar-me por suas conquistas e êxitos, de admirar os seus predicamentos e cultivar-lhe a amizade.

É que, não demoraria muito, nossos ideais confabulariam. Arrebatados pelo fascínio da tribuna, participamos juntos da política estudantil, desfraldando a nossa bandeira de sonhos, cuja liderança nos levaria, primeiro a ele e depois a mim, à presidência das associações desportiva e cultural do vetusto Ginásio Pedro II. Foram lutas memoráveis, porque política, ali, era coisa séria, e muitos dos que nela se exercitaram percorreriam mais tarde e ainda agora, vitoriosos, os caminhos da política partidária: governadores, senadores, deputados, prefeitos, vereadores, como testemunham as poltronas azuis deste Salão.

Comprometidos com a história, muitas vezes fomos às ruas com destemor, a voz em grito na defesa dos interesses nacionais e regionais, mobilizando estudantes e trabalhadores, que o velho Ginásio era, então, uma trincheira permanente de luta pelos ideais de justiça e liberdade.

Cavaleiro de tantas batalhas, Almir Diniz não deixaria de registrar, em 1955, com indignação, no poema "Revolta" publicado em "O Jornal", a voz das ruas nas cruzadas cívicas que empreendíamos contra os desmandos, as desigualdades e injustiças:

Sinto na alma o queixume de mil vozes
e uma orquestra de dor e de revolta
a rebelar-me a vida!
Sinto no peito chagas tão atrozes
a dor do povo (imensa dor) envolta
nesta minha ferida...
...
Revolta-me ao ver, infelizmente,
a anarquia reinar por esta terra,
em todos os quadrantes!
Que há, deuses, que há com essa gente?
Horror! Vede: o mundo aqui se encerra
em fatos degradantes!

Agora podeis compreender, Senhoras e Senhores, porque me conferiu o poeta Max Carphentier, que ao presidir esta Sessão e esta Casa projeta de mais alto os clarões de sensibilidade e inteligência, o encargo e a honra de proferir o Elogio ao Acadêmico Almir Diniz de Carvalho que chega pelos caminhos do rio para falar-nos de suas andanças, de seus encontros, do caboclo, dos deuses, da alma, do corpo, da vida.

A missão, por demais agradável para mim, divido-a com eminentes consócios e figuras exponenciais de nossas terra, cuja palavra empresto nesta noite para dizer do merecimento e das qualidades do homenageado.

Almir Diniz poderia ter sido político. E o foi. Político de verdade, na ilha do Cambixe, onde nasceu. Primeiro Prefeito Municipal do Careiro, que o instalou e administrou com conhecimento de quem sabe navegar. A alma povoada de sonhos, nunca me disse das suas desilusões com a política, a desencorajá-lo a outros vôos. Os seus pesares, as queixas, encontrei-os em forma de "Fragmentos", lendo-lhes os versos em *Caminhos da Alma*:

Minhas tardes de pensares
descambam no ocaso das ilusões
como labaredas sem vento
pelas alamedas dos penares,
queimando, tristes, meus motivos...

Pior para nós. Pior para a política, que perdeu uma das mais lídimas vocações desta terra, destas várzeas, e empobreceu pelo silêncio da sua voz, a falta do exemplo, da coragem, da inteligência, da ação.

Almir Diniz não deixaria, contudo, de emprestar, ainda, à vida pública, o seu fazer: dentre outras funções foi Diretor de Trânsito; dezoito anos Vice-Presidente e Presidente do Conselho Estadual de Trânsito; Procurador Jurídico do Departamento de Estradas de Rodagem. Filho do rio – tudo conhece da terra e do homem – destacou-se como Delegado do Amazonas junto à Associação Brasileira dos Municípios.

O jornal, no entanto, foi sempre e cedo a sua melhor oficina, que ali tudo aprendeu e ensinou.

Quanto a isso, dispenso-me de outras provas e valho-me da confissão do homenageado em prosa elegante, no livro de crônicas *O Pitoresco e o Hilariante na Imprensa*, que a pena de Manoel Otávio Rodrigues de Souza prefaciou em 1997, ele que protagonizava no magistério e na imprensa, na advocacia onde ainda pontifica, a história cultural de Manaus. "Placa de Bronze" é prova que não se contesta:

Melancolicamente, O Jornal e seu parceiro de toda vida, o Diário da Tarde, deixavam as bancas dos jornaleiros. A impensada ocorrência, a inesperada realidade e o inusitado do fato mexiam com a vaidade e o orgulho dos repórteres e redatores da casa de Archer Pinto, de Henrique e de Aguinaldo, do Aloísio também. Olhávamonos, incrédulos, sem entender nada. E alguma coisa se partia dentro de nós. Afinal naquela casa de valores (pra que modéstia?), havíamos feito escola. A escola romântica do jornalismo planiciário, não só do jornalismo amazonense, construída com linguagem poética e fraseado acadêmico, fruto, talvez, da convivência diuturna com os luminares de nossas letras e de nossas artes: Álvaro Maia, Péricles de Moraes, João Leda, Leopoldo Peres, André Araújo, Mavignier de Castro, Anísio Jobim, Mário Ypiranga, Ramayana de Chevalier, Genesino Braga, Aristophano Antony, Nonato Pinheiro, Ubiratan de Lemos, Thiago de Mello, Samuel Benchimol, Herculano de Castro e Costa; nas cores: Branco e Silva, Moacir Andrade, Afrânio de Castro, Manuel Borges... Meu Deus, que firmamento!

E um dia, pronto! Tudo acabou. Tudo? Não. Restaram as lembranças, as recorda-

ções que chegavam, trazendo a tiracolo a enxerida da saudade. Também restou a placa de bronze.

No bronze, minhas Senhoras, meus Senhores, a seguinte inscrição: "Almir Diniz – Diário da Tarde – Borracha: dinheiro, sangue e miséria – Prêmio Esso – 1956".

Verdadeira consagração! Nada menos que isso, como testemunha o poeta e confrade Elson Farias, luz alvíssima a iluminar a Cadeira de Olavo Bilac nesta Academia, inaugurando *Encontros com a Natureza*: "Almir Diniz de Carvalho notabilizou-se ao receber o Prêmio Esso de Reportagem – Região Norte, em 1956, àquela altura já reconhecido como jornalista por homens de imprensa da categoria de um Herculano de Castro e Costa e de um Herbert Moses, o legendário condutor da Associação Brasileira de Imprensa. Foi saudado, juntamente com outros jornalistas premiados nos primeiros cinco anos de concessão da láurea, pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que se fez representar pelo famoso repórter Heron Domingues, tão importante era a honraria de âmbito nacional, a mais cobiçada do país, que lhe fora conferida."

Abordando temas importantes e atuais de interesse nacional e da Região, o jornalista seria outras vezes laureado aqui e longe. Por isso, disse certa feita Herculano ao realçar-lhes os méritos: "Almir faz notícia e é notícia."

Não se enganariam os que vaticinaram a trajetória vitoriosa do homenageado, conforme depoimento de Manoel Otávio nas letras do seu prefácio:

"Em junho de 1949, no turno da noite, quando entrei na sala da redação, deparei-me com um jovem moreno, rosto arredondado e cabelo ondulado.

Interpelei o Jara.

– Quem é aquele moço?

Jara, com sua voz roufenha e inconfundível, respondeu:

– Ele veio do interior. Leva jeito. Vai brilhar se não cair na gandaia.

O nome dele era Almir Diniz. Tinha alma de repórter."

Vinha do paraná do Cambixe, o caboclo – repito-vos por necessário. Região de muitas águas e pouca terra, de várzeas férteis e vidas transitórias, que nos servia o leite, o queijo, as frutas, legumes, a carne, o mel, a pimenta e o peixe, quando João e Lídia tinham ainda motivos para ensinar aos filhos como plantar...

Almir Diniz de Carvalho nasceu em 1929: 6 de novembro. Em 47 ingressou na imprensa, em Manaus, trabalhando sucessivamente na *Folha do Povo, O Combate, A Crítica, O Jornal e Diário da Tarde*. Tempos depois, escreveria crônicas para as rádios *Baré e Rio Mar*. Bacharelou-se em 1960 pela Faculdade de Direito do Amazonas. É jornalista, advogado, pecuarista, entalhador, escritor e poeta.

Alma de repórter, o jornalismo conduziria por muito tempo os seus desígnios. A companhia, grande e boa, mereceu o registro da lembrança e da homenagem no seu livro de crônicas. Muitos, hoje, a testemunhar-lhe a

amizade, presentes nesta Casa para a emoção do encontro e do abraço.

Jorge Tufic, expressão singular da poesia desta terra e deste tempo, com assento na poltrona de Jonas da Silva, neste silogeu, realça as qualidades do companheiro de vigílias e de sonhos: "Entre 1948 e 1949 Almir Diniz já trabalhava na *Folha do Povo*, de Francisco Rezende, afiando as unhas como repórter e dando à crônica de jornal aquele jeito romântico, muito seu, espécie de prosa poética. Ambos fazíamos e publicávamos nossos trabalhos sob as lentes conspícuas do mestre Adaucto Rocha, secretário do órgão."

Prosa poética e bem humorada Diniz de Carvalho enfeixou no *Pitoresco e o Hilariante na Imprensa* crônicas verdadeiramente saborosas que retratam o jornalismo das décadas de 50 a 70, dando-nos uma nítida demonstração do ambiente de camaradagem e do espírito zombador e boêmio que dominavam as redações e oficinas dos órgãos de imprensa locais, onde conviviam profissionais competentes e intelectuais e artistas da melhor estirpe, de muitos saberes.

"Depois de encerrado o expediente das redações – recorda o prefaciador das crônicas – boêmios e sonhadores, os repórteres atravessavam as madrugadas em torno de uma mesa de bar, deliciando-se com a "lourinha" bem gelada.

Esse tipo de jornalista não mais existe. Os atuais são metódicos e burocratas, mas, na maioria dos casos, carecem de talento e criatividade, atributos que caracterizavam os redatores da época anterior à instalação da Zona Franca de Manaus" – avalia.

Para premiar-vos, a vós que nesta noite nos concedeis a graça da companhia e da tolerância, oferto-vos algumas dessas páginas saborosas, reverenciando a quantos o autor retrata em suas lembranças:

TAXISTA ESPECIAL

Deputado estadual e presidente da Assembléia Legislativa do Estado, o jornalista Arlindo Porto era, por lei, o sucessor do governador do Amazonas. Por isso, várias vezes, estando o chefe do Poder Executivo ausente, o jornalista assumiu o Governo. E, como sempre foi um cidadão fora de série, nunca se envaideceu com o cargo. Assumia o Governo, mas nunca esquecia, jamais esqueceu sua origem humilde, de batalhador incansável e aquele seu pendor inato para a gozação. Razão por que raríssimas vezes utilizou o carrão de luxo do governador. Nas poucas vezes que o fez, foi para dar cumprimento a missões oficiais, quando os compromissos assim o exigiam. No mais, de paletó e gravata, ele mesmo dirigindo o seu jipe "willys", carachata, ia aos despachos rotineiros no palácio Rio Negro e de lá saía, não raro, sob críticas de enfatuados invejosos que confundiam personalidade com poder.

Pois bem. Certa noite, estando a governar o Estado, o deputado-jornalista Arlindo Porto estacionou seu popularíssimo carango junto à calçada do Bar Avenida, pelo lado da Saldanha Marinho e foi, tranqüilamente, jantar no reservado daquele bar-restaurante, como sempre fazia nos bons tempos de aperturas, quando era apenas repórter do Jornal do Comércio.

Ao sair, encontrou, ao lado do jipe, um casal de robustos interioranos. Olhou-os meio desconfiado, procurando encontrar

neles traços fisionômicos de pessoas conhecidas. Não. Seguramente nunca os vira antes. E o Arlindo sempre foi bom fisionomista. Portanto, entrou no veículo. Então, foi abordado pelo desconhecido.

– O senhor poderia fazer uma corridinha até ali?

O governador em exercício teve ímpetos de soltar gostosa gargalhada, mas conseguiu conter-se, ao lembrar que aos jipes era permitido fazer transporte de passageiros, como se táxis fossem. (Aliás, coube-me, muito tempo depois, abolir a prática.) Fixando os usuários, simplesmente respondeu:

– Pois não. Entrem, por favor. Para aonde vamos?

– Cinema Éden.

Por ironia, tinha o mais novo taxista da cidade de passar, necessariamente, em frente ao palácio Rio Negro, sede do governo. Mas não se perturbou.

Chegando ao Éden, o cidadão perguntou:

– Quanto custa?

E o governador, impassível:

– Cinco cruzeiros.

O homem estendeu a cédula. O governador recebeu-a, escondendo um sorriso de gozação. Não ficou com o dinheiro. No primeiro posto, torrou os cinco paus em combustível.

Narrando o fato, fico a imaginar o espanto e a vergonha do popular se soubesse que havia confundido o governador do Estado com um taxista. Ou, então, se, conhecendo a identidade do motorista, fosse depois contar, no seu interior, que tivera por taxista o próprio governador do Estado. Fatalmente, os que o ouvissem teriam dito: "É história de pescador!".

Figura humana de muita estima e tantas estórias, Herculano de Castro e Costa, símbolo do jornalismo amazonense – presença eterna nos nossos corações – não poderia faltar no pitoresco e hilariante que Almir Diniz recolheu nas suas vivências e querenças profissionais. Nesta, o dedo, também, do Ulisses:

EU NÃO QUERO ENTRAR

Herculano de Castro e Costa estava no calçadão do Bar-Leiteria Americano, na Avenida Eduardo Ribeiro, quando dele se acercaram alguns admiradores, inclusive uns poucos companheiros de imprensa. Procuravam os do grupo algum divertimento grátis. Herculano olhou um por um e, em seguida, passou a informação: ali, na Rua Isabel, realizava-se uma festa, das boas. Se quisessem ir... – "Claro" – responderam, em coro, os foliões.

Foram. Herculano à frente.

Postado no alto da escada que levava ao salão, o dono da casa observou os visitantes, não convidados, se organizarem em fila. Ao lado deles, o Herculano, com a maior cara-de-pau do mundo, fazia as apresentações:

– Este é Fulano, repórter de A Gazeta; este outro é filho do dr. Beltrano; o moreno, aqui, é acadêmico de Direito; agora, este é funcionário do Estado, filho do deputado X...

O dono da casa, educado e bem-humorado, apertava a mão de cada um, repetindo aquelas conhecidas frases de efeito: "Muito prazer"; "Considere-se em casa"; "Satisfação em recebê-lo"; "A casa é sua" ...

Quando o último entrou, o anfitrião perguntou ao Herculano:

– E o senhor, quem o apresenta?

– Eu? – perguntou, admirado, o Herculano. – Eu não quero entrar...

E, virando-se, desceu a escada, entrou num táxi ali estacionado e se mandou.

Afeito aos prazeres e à bondade, Ulisses Paes de Azevedo Filho – arquivo vivo de fatos

e lembranças, imaginação fértil e criativa, espírito permanentemente zombador – não escaparia a esse relato de reminiscências e saudades:

A BARRICA DO ULISSES

Café amargo, chá de casca seca de laranja, sal de frutas, banho frio, outra gelada para rebater ... são algumas das muitas receitas para curar ressaca. Mas serão mesmo eficientes esses remédios? A rigor, ninguém sabe. Contudo, cada bebedor cumpre o seu ritual empós de uma carraspana. E fica bom, claro, cumprido o ciclo normal da embriaguez alcoólica.

O remédio do Ulisses (leia-se Ulisses Paes de Azevedo Filho) era um pouco diferente. Uma variante, por certo, do banho frio.

No sombreado do quintal da casa do festejado jornalista, era mantida uma barrica, daquelas grandes (usadas para transportar vinho, a granel), sempre cheia d'água. Água que as madrugadas frias e a sombra dos jambeiros e de uma soberba pitombeira mantinham gostosamente gelada.

Era a barrica o remédio do Ulisses. Quando chegava à sua casa mais pra lá do que pra cá, vestia, imediatamente, um short e se metia na barrica, água pelo pescoço, mergulhando seguidas vezes, até sentir-se perfeitamente curado, plenamente sóbrio, pronto para outra.

Foi por ocasião de uma dessas sessões que uma equipe de vacinadores (campanha intensiva contra a raiva) chegou à casa do Ulisses para vacinar seu pequinês. Feito o serviço, o vacinador perguntou à dona Hilda o nome do vacinado. Não era vacinado, não senhor. Não tinha nome.

– Mas tem que ter. Olhe aqui a ficha. Está vendo o local para o nome?

– Sim, senhor, mas o cachorrinho ainda não tem nome, salvo se o Ulisses já o houver apelidado.

– Pois vamos perguntar ao sr. Ulisses. Ele está?

– Está, sim. Dirija-se a ele, por favor. Ali, por aquela porta. Está no quintal.

O vacinador foi. E ficou muito espantado de encontrar o dono da casa metido na barrica, com água pelo gogó.

– Senhor Ulisses.

– Hein?

– Seguinte: acabo de vacinar o seu cãozinho e estou precisando do nome dele para preencher a ficha de vacinação...

– Hum, está funcionando melhor de que em relação aos humanos...

– O nome, sr. Ulisses.

Ah, anote lá: Sininho Bererê da Silva Consorte!

– Não, seu Ulisses, só quero o nome do cachorro.

– Ora, ora, seu moço. Você acha que é este o meu nome? Chamo-me Ulisses Paes de Azevedo Filho, e o meu pequinês Sininho Bererê da Silva Consorte. Alguma dúvida?

– Não, seu Ulisses, é que é tão esquisito, tão grande...

– Claro que é grande. O que quer? Cachorro com pedigree, tradição de família e tudo tem que ter nome grande, ou não?

Como ficou dito antes, esse jornalismo romântico, brincalhão e boêmio nutria-se, também, da erudição dos luminares de nossas letras, os quais, fosse pela convivência mais próxima, fosse pelo espaço cativo nas folhas domingueiras, faziam escola e, vez por outra, ganhavam fanáticos admiradores. Era o caso do foca que tudo lia e nada entendia, relatado pelo Almir com muita graça e o testemunho, nesta noite, de personagens vivos da época e do fato:

FOCA METIDO A LITERATO

– Chegou à redação de O Jornal com jeitos de boy. Mas não o era. Nem constava da folha! Estagiário, então? Nem isso. Apren-

diz? Talvez. Sim, sim, era um aprendiz. Sem remuneração. Claro.

Seu nome? Pouco importa. Mas, certamente, esteja onde estiver, vai lembrar, sim, ao ler esta crônica. E vai rir muito. Ora se vai. Não sei é se irá dizer para os seus subalternos e familiares: "Estão vendo? Já leram a crônica do Diniz? Ele está falando de mim: o aprendiz era eu!".

O que tinha aquele projeto de foca de magro, tinha de curioso. E gostava de ler. Embora não entendesse nada do que os mestres escreviam, deleitava-se com o fraseado acadêmico e a linguagem literária dos articulistas das folhas domingueiras.

– Seu Godot, olha só o que o Dr. Péricles de Moraes escreveu sobre o sr. João Leda!

E relia um trecho do último artigo do renomado escritor: "João Leda, com a rigidez que lhe caracterizava o estilo, revela para os nossos olhos pasmados a figura convulsionada de jesuíta, encarando-lhe as diáteses morais, como um anatomista disseca um cadáver sobre a mesa do necrotério (...) Sem julgar necessário recorrer à imitação passiva dos torneios fraseológicos de antanho exercitados pelos roupetas quinhentistas, o filólogo amazônico realizou o milagre, nos dias de hoje, de escrever com esmero, clareza e perfeição...".

Revirava as folhas e atacava, agora tomando o Daou como ouvinte:

– Seu Phelippe, ouça o que o Mavignier de Castro escreve sobre [illegible] temporal junto ao igapó: "E as chamas sibilam como línguas lambeantes de flexuosas serpentes enroscadas aos troncos ainda verdes, abatendo-os carbonizados, entre turbilhões de fagulhas ressoantes imitando enxames furiosos de vespas ignescentes...".

Depois lia, para o Bento, "O elogio da amizade", de Leopoldo Péres, enfocando Péricles de Moraes.

Outro dia, recitava para o Oscar o poema "Deusa Imortal", de Félix Valois, o velho, e para o Bianor as "Vestiduras", de Thiago de Mello.

Misturou tanta coisa bonita e para ele de significado intangível que, na primeira nota policial (batismo de foca) que lhe deram a redigir, submetida depois ao crivo do Milton Cordeiro, deu de escrever sobre o fato – um suicídio: "(...) Então, num gesto convulsionado, cortou as aveias sangüíneas do couro cabeludo".

Pensam que é brincadeira? Perguntem ao Altemir Figliuolo, que testemunhou a despedida do foca.

Não vos sirvo todo o mel. Fico por aqui, que outras coisas tenho ainda a dizer do homenageado. Mas, recomendo-vos terdes o livro na cabeceira, pois a prosa é deveras gostosa, como vistes, e muito mais podereis ver...

Ao receber, em maio de 1969, na Academia Brasileira de Letras, o jornalista Assis Chateaubriand, João Cabral de Melo Neto reconhecia as dificuldades para alguém que quisesse dar a entender a obra de um escritor que foi sobretudo jornalista. "A obra de um jornalista, todos o sabemos, não é nunca a obra de um escritor de gabinete, e uma análise puramente estilística não levaria muito longe. Para se apreender a obra de um jornalista – dizia – creio, mesmo quando se está apenas à procura de sua qualidade literária, é indispensável levar-se em conta o homem que a escreveu: desde as condições em que esse homem escreveu até o que levava esse homem a escrever."

Ungido nas águas do Cambixe, Almir Diniz de Carvalho ingressou na imprensa no final da década de 40, início dos anos 50, privando, como vimos, da companhia de intelectuais e jornalistas ainda apegados ao estilo acadêmico, das super adjetivações, das frases de

efeito, mas nem por isso deixaria de imprimir aos seus escritos, às suas crônicas, um estilo pessoal, leve, agradável e até poético, "texto claro e límpido" como lhe atribuem os que o acompanharam de perto na faina diária das redações.

Penso, e ouso fazer a afirmação por conta do que conheço em Almir Diniz, que, fugindo ao estilo hermético e rebuscado ainda em voga até mesmo nos jornais de outros centros ditos mais adiantados para dar-se ao direito de escrever como falava, o repórter e articulista não descambava para os lugares-comuns, expressões absolutamente de ninguém, senão que impôs, sempre, um estilo próprio e inconfundível.

Cercado do deslumbramento dos rios e metido no coração da luxuriante selva amazônica – única, portentosa, inigualável – Almir Diniz seria sempre ele mesmo, falando e escrevendo.

De índole mansa e pacífica, "jeitão manhoso de interiorano de fala pausada", como define Arlindo Porto, nunca o soube beligerante, a polemizar por necessidade de temperamento ou vaidade, mas o articulista comedido, sensato, estudioso dos nossos problemas, em sintonia com as idéias do seu tempo. Diligente e ético na profissão como em tudo que fez e faz na vida, "Perseguia a notícia. Fazia pesquisa de campo. Consultava alfarrábios e confrontava a informação colhida em diversas fontes" – faz justiça Manoel Otávio.

Este, em traços muito ligeiros, o jornalista Almir Diniz de Carvalho, que hoje recebemos para as glórias da imortalidade.

Sorte nossa, o cronista não se dera por satisfeito. Em vigília, publica *Nos Remansos da Saudade* (1999), relembrando antigas amizades e companhias, num relato de fatos e estórias de sua vivência interiorana, onde não poderia faltar o gozo das pescarias.

Oyama Ituassú, figura emérita das letras e desta Casa – duas vezes a presidi-la com o seu porte singular de nobreza e inteligência – presença a incandescer a poltrona de Ruy Barbosa, faz a apresentação do livro. Enamorado das estrelas e dos peixes, Oyama escreve do banco de sua canoa, revivendo noites de pescaria: "Pescar é um encanto. Saem os pescadores-amadores ao alvorecer, em busca do tucunaré, para fisgá-lo pelo corrico. É um encanto ver o peixe lutar pela sobrevivência, batalhando para libertar-se do anzol que o prende. Se é pequeno ou de médio porte, pula para o alto como bode, sacolejando violentamente a linha, no afã de livrar-se da prisão. Se é grande, mergulha com rapidez, tentando escapar de seu algoz, mesmo rasgando a mandíbula. Se a pescaria é de malhadeira, é uma alegria retirar os indefesos animais da tela que os sufoca."

"Outra face das pescarias – testemunha o prefaciador – é escutar as estórias dos caboclos e dos próprios companheiros, narrativas que, em regra, escapam da verdade. O pescador é imaginoso, fantasia e doura as suas experiências com criações mirabolantes, como forma de iluminar melhor as coisas que menciona."

Pescador, o cronista reúne nesse livro páginas antológicas, guardadas na sua lembran-

ça e fertilizadas pela imaginação como as verdes raízes que rompem o ventre úmido das várzeas.

Não vos privarei de alguns desses relatos:

A COBRA DE PARINTINS

Alberto Diniz, meu irmão e companheiro de inúmeras jornadas, pela BR-174, exibindo um jornal, queria saber do Lima, o que o nosso velho amigo achava da fotografia estampada naquele diário. Ali, estava retratada uma cobra grande, abatida por moradores da ilha de Parintins. E não era das menores!

– Seu Alberto, perguntou o Lima, assim pela fotografia, que altura o senhor dá para ela?

– Não sei, mas pelo que mostra, não deve ser inferior a um metro e vinte.

– É filhote, seu Alberto! Já vi uma que, para se ver do outro lado dela, tinha-se que usar uma escada..."

O GIRO DA ILHA

O Floriano da antiga Lavanderia Comercial era um bom contador e, certamente, um excelente inventor de estórias. Fantasioso, não raro e sempre que a oportunidade se lhe oferecia e os da assistência lhe davam o suporte da atenção "sapecava" os seus "causos" e, concluídos, ficava muito sério, bebendo os efeitos de suas notáveis "tiradas".

Uma noite em que se festejava o aniversário de uma de suas filhas, ali na avenida Carvalho Leal, bairro da Cachoeirinha, presentes, entre outros o saudoso Dr. Altevir Martins da Costa, o Arimar Diniz e seus filhos Etelmar e Arimar Diniz Filho, o fotógrafo Correa Lima, o Paulo Pimentel, o Dino Araújo, o bom Floriano saiu-se com esta:

– Certa feita, estando a pescar, decidi pernoitar na ilha do Marapatá, lado fronteiro à SIDERAMA, Refinaria de Manaus, Moinho de Trigo, Serraria Pereira e tantos outros complexos industriais. Amarrei a canoa a um galho de árvore e fiquei pensando na cobra grande que, diziam, habitava a parte mais profunda do Rio Negro, junto àquela ilha, tida como dada a encantamentos. E adormeci. Acordei já com a autora chegando, desperto por estranho barulho. Sobressaltado lancei o olhar na direção da trilha luminosa que indicava a posição das indústrias e nada vi. Atordoado pelo incrível desaparecimento de tantas edificações importantes procurei explicação lógica para o caso e surpreso conclui que, durante o meu sono, a cobra havia feito um giro de 360 graus com a ilha às costas, colocando-me, por conseqüência, de frente para as alvas praias da margem oposta do Rio Negro.

Sobre o Dr. Santa Fé, homem de brilhos, advogado, político, desportista, "cadeira cativa nas rodadas alegres dos intelectuais da terra", ficcionista que "gostava de brindar aos amigos com jóias de seu repertório de vivências...", Diniz de Carvalho não economiza palavras. Das três estórias que conta, colho esta, de sabor especial:

O ECLÉTICO DR. SANTA FÉ

Outra vez, madrugada já, voltando de um encontro com amigos, Santa Fé procurou no refrigerador o copo de leite que todas as noites dava para o seu gatinho branco, de estimação, antes de dormir. Não encontrando o que buscava, acordou a esposa, perguntando:

– Onde está o leite do meu gatinho?

– Ah!– exclamou, ela, bocejando – Está na garrafa térmica. Sabe, esqueci e misturei o leite ao café...

– Agora, sim. Ele só toma leite puro. Mas deixe, vou ver o que é possível fazer.

Apanhou a garrafa e despejou o líquido no prato do bichano.

O Branquinho olhou a mistura, emitiu uns miados tidos como de desaprovação, e tascou a língua.

Santa Fé se afastou um pouco, para tomar seu próprio lanche e, ao voltar, teve a maior surpresa. O Branquinho, com muita habilidade, havia tomado o leite, todinho, deixando no prato, apenas o café, purinho da silva.

Na última parte do livro, o autor deposita as suas saudades. Reverencia. Exalta. Comove-se. Homenageia antigas amizades e vultos da terra ou de outras plagas ligados à vida de nossa cidade.

É assim que Almir Diniz escreve sobre o romancista Mário Palmério – que conheceu e estimou – cuja permanência no Amazonas em missão particular de observação e estudo, iniciada em 1969, após suceder a Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, duraria cerca de dez anos. Dez anos de desobriga pelos grandes rios amazônicos, de convivência com a gente simples dos beiradões, de visitas aos aldeamentos e malocas, tempo em que, através de suas anotações diárias, o autor de *Vila dos Confins* reuniu o material necessário para o novo livro, *A Última Virgem,* "que nunca recebeu forma definitiva" – ressalva o homenageado – cujo "título meticulosamente escolhido definia a estrutura do romance da última floresta virgem sobre a face da terra, no limiar de sua imolação."

Na crônica dedicada ao amigo Guimarães de Paula "no momento de sua partida eterna", Diniz faz justiça ao poeta que comparece na "Pequena Antologia Madrugada" (1958), e exalta as suas qualidades e méritos, reconhecendo, com sensibilidade, "a constância de uma tristeza infinita" na sua poesia.

Homenagem póstuma, ressalta em Geraldo Pinheiro o saber e as virtudes ao traçar o melhor perfil do saudoso pesquisador e homem de letras: "Desprendido, despretensioso, compreensivo, condescendente, rigorosamente honesto, sério, Geraldo era o saber que caminhava." E testemunha: "um referencial constante e obrigatório a quantos cientistas nacionais ou internacionais aportavam em nossa província." Sobre a sua produção literária, mais de natureza espistolar, resume: "Esconde-se nas bibliotecas particulares de outros cientistas de renome, pesquisadores eméritos, espalhados pela enormidade do mundo."

Prosa inspirada e límpida, como revelam suas crônicas, merecido reconhecimento literário, Almir Diniz de Carvalho não deixaria de buscar novos caminhos para o ofício da palavra e da beleza.

"Ei-lo agora em nova missão literária, a glória tanta de escrever contos", proclama Paulo Jacob – prosa invulgar, consagração nacional, letras imortalizadas na Poltrona de Maranhão Sobrinho, nesta Casa.

"Aqui e ali, *'Sob a Concha da Panacarica'*, a beleza da arte se exalça, prós-

pera, se mistura no turbilhão perdido da terra verde e águas barrentas, chão em que nasceu e que lhe ofertou o dom da beleza de escrever", orgulha-se em dizer o consócio ilustre no preâmbulo do livro que a Universidade do Amazonas prestigou ao publicar em 1999.

Recolhendo os seus motivos, o ficcionista percorre os caminhos da selva e do rio, como que revisitando o tempo, e dali retira a matéria prima para os seus escritos. Suas histórias prendem o leitor, transportando-o aos lugares e situações descritas, tão viva a narrativa tecida com simplicidade, graça e emoção.

Vejamos o final deste ingênuo e trágico caso de amor, no conto "Curiós", quando o pássaro tenor, em desespero, aproveitando-se de um descuido do desalmado passarinheiro que o aprisionara, liberta-se e retorna ao antigo ninho, onde não mais encontra a pardinha companheira, que morrera de dor e solidão:

Reconheci naquele curió, o meu cantor predileto, pela marca na perna. Vibrei com a descoberta.

Os filhotes vieram, saltitantes, fazer-lhe festa. O machinho ensaiando trêmulos gorjeios, na tentativa de imitá-lo.

Olhou-os com indiferença. E continuou a cantar, como se desesperado estivesse.

Via-se que estava fraco, o corpo mais fino, as penas sem o brilho de costume. Assim mesmo cantava. Num dado momento, cortou o seu belo canto pelo meio. E caiu. Corri a acudi-lo: estava morto. Um filete de sangue escorria-lhe do bico, manchando de vermelho as penas da pardinha, espalhadas pelo chão.

O contista não deixa ao leitor a opção de desligar-se, a menos que feche o livro. "No igarapé", prende-nos desde o início:

Cântaro à cabeça ela chegou à margem do igarapé. Procurou olhar-se no espelho das águas sombreadas. Mas só viu um borrão indistinto. Asustou-se, entrando em desespero. Desde que já não se via reproduzida na lâmina líquida do dedo acusador do córrego, era que estava à morte. Assim rezava a superstição. Um frio paralisador entrou-lhe pelos sentidos, chegando à alma aberta ao universo das crendices. Sentou-se na grama amarelada, alongando o olhar de ressentimento pelo dédalo da corrente sinuosa, avançando em várias direções, chiando nas raízes descobertas dos tarumãs açoitados pelo fogo, chorando pétalas murchas de flores entristecidas.

Ela, também, murchara. O frescor da juventude atiçado pela força telúrica emanada daquele conjunto nativo, deixara de alimentar-se dos fluidos secretos da natureza palpitante. E os pés descalços que outrora se banhavam de santo orvalho fresco, durante as caminhadas matinais, cobriam-se agora de cinza escura e feia das quimadas repetidas.

Acometera-lhe uma espécie de desmaio. E naquele torpor surgia-lhe como numa tela de cinema o filme de sua própria existência. Via-se mocinha caminhando por antigas veredas, cobertas de ramos e cipós, levando àquele mesmo igarapé de limpidez tamanha, tão que lhe era possível, fitando-lhe o dorso espelhado, recompor o penteado desfeito, atingido pela ramagem baixa, durante a caminhada.

Vou fechar o livro por minha conta, que o gosto mesmo era prosseguir na história. Para aumentar a curiosidade, peço ao autor as últimas palavras, deixando a cada um a decisão de voltar ao "igarapé" e retomar o fio de meada:

Despertou, sentindo nos cabelos o contato macio de mãos que os acariciavam, e, nos ouvidos, o som musical de uma voz

que lhe contava uma história de paixão, de arrependimento, de renúncia e de esperança, e que lhe confidenciava um amor sincero, oferecendo-lhe companhia constante e um lar estável.

Por algum tempo deixou-se ficar, fingindo que dormia. Depois, sobreveio-lhe um choro convulsivo. E confirmou o perdão que já concedera ao moço.

"Mas... e a poesia?" – pergunta Jorge Tufic, que logo responde, convicto: "Esta, sem dúvida, ele foi cultivando em silêncio, abeberando-se dos brilhos noturnos, das viagens e pescarias entre Manaus e Careiro, Careiro e Cambixe... De quando em vez um lampejo a atestar que sua veia poética estava ali, como que hibernando, mas latente, viva como em alguns trabalhos publicados em *O Jornal* e no *Diário da* Tarde, ou na *Nova Poesia Brasileira* (1989, Rio de Janeiro), onde aparece com o poema "Racismo", ou ainda na *Antologia Poética das Cidades Brasileiras*, com o soneto "Devaneio".

Foi Carlyle, se bem me recordo, quem disse existir uma veia de poesia no coração de todos os homens. No caso do homenageado, a poesia deixa de ser uma possibilidade, um dom, uma força latente, para converter-se em culto e prédica do espírito, que o jornalista e escritor Almir Diniz jamais deixaria de ser poeta. Nasceu poeta, diz Tufic.

Como estivesse ausente das atividades literárias durante alguns anos, por força de outros misteres, comparecendo só esporadicamente em algumas publicações em nível nacional, o poeta ressurge em 1996 com grande disposição e, naquele ano publica, quase na mesma formada, três livros de poesia. No ano seguinte, mais um, além das crônicas. E, em 1998, dois novos e belos trabalhos.

Encontros com a Natureza (1996), o primeiro livro de poesia do homenageado, reflete, em determinados momentos, como Elson ressalta no prólogo, "o radical instinto do repórter, interferindo nos olhos e guiando as mãos do poeta para o registro de costumes que o tempo vai devorando e que se apagaria da memória se o milagre das formas artísticas um dia não os restaurasse."

Ao tomar conhecimento dos poemas e sonetos de Almir Diniz, "inspirados no caboclismo amazônico", Tufic resume: "Todos belos e autênticos, como o luar e a piracema dos rios de nossa terra. Clarões de sensibilidade, doações espontâneas da natureza pródiga em achados poéticos; eis aqui, afinal, a dourada cobertura estelar de uma carreira solenemente voltada para os sublimes garimpos da verdade e da beleza."

Festejemos a beleza:

FOGUEIRA DE ENCHENTE

Era tosca a jangada e era fogueira
De bubuia no jardim que se afogava,
Na jangada de imbaúba e bananeira,
A fogueira junina crepitava!

Joelho n'água, a moça recitava
Quadrinhas... e cantava a desfeiteira;
Um rapaz de calção, que a namorava,
Alimentava o fogo e a brincadeira.

Das canoas a moçada disparava
Os rojões, foguetões, traques, bombinhas,
Iluminando a noite e os campos d'água...

Na varanda da casa que se ilhava,
Um grupo que encenava as pastorinhas
Falava de sua dor, de amor, de mágoa...

Acostumado a ouvir e contar estórias, o poeta recolhe no imaginário popular uma das mais instigantes estórias de sedução: em noites de festa e de lua, envolto em mistérios, o boto namorador deixa o rio para conquistar a donzela e celebrar o amor:

Inteligente, lépido e vadio,
O boto pelas festas se insinua,
Dança e flerta a donzela que cultua
O amor ao sangue azul... tão fugidio...

Feito príncipe, atrai pra beira-rio
A mocinha da festa – ela vai nua...-
E ali, no banheiro que flutua,
A seduz, e se vai... – só ela o viu...

Irresignado, Diniz de Carvalho expõe a face do homem forte e desesperançado que o extrativismo enclausurou nas lonjuras do abandono, condenado pela audácia de sonhar:

Sonolento, levanta o mosquiteiro,
a tipóia de tucum, a deixa atada,
pelas frestas pesquisa a madrugada,
segura o jamaxi, parte ligeiro.

Poronga na cabeça, o seringueiro
vai sangrando madeiras, pela estrada,
ao som estranho, pega na espingarda,
foi recrutado, então é um guerreiro...

E o soldo, e as honrarias, promoções?
– malária, beribéri, uns poucos réis,
saudade da família e isolamento...

Era um "brabo", oriundo dos sertões,
E nos novos rincões de igarapés
Plantou cruzes, pagando o atrevimento...

Caminhos da Alma, com o prefácio do escritor Arlindo Porto, patrimônio intelectual do jornalismo e das letras do Amazonas, que ilustra e honra a Poltrona de Dom Frederico Costa, nesta Academia, reúne poemas antigos e novos, em que o poeta canta as suas angústias, os sonhos, as sombras, os seus desejos, os caminhos, os tempos, a deslizar na sua "arca-invento", livre o pensamento, "pelos mares da utopia".

... são velhas lembranças –
assim como as tranças
deixadas na infância,
sem leme, a vagar –
que o tempo insensível,
severo, infalível,
esqueceu de apagar.

Com "suas asas de vento", o poeta penetra os "condados etéreos" na sua rota de "Vôo" e retorna angustiado:

Fiz-me pássaro e voei
sobre castelos dourados
tingidos de antigo
e sobre templos luzentes
mesclados de História,
de luxo e honraria
...
Vi a virada das épocas
e a vinda de novas eras
com a mutação dos costumes
e o desuso da ternura...
E do alto dos meus cumes
vi incensarem a tortura,
a intemperança, a ousadia,
cobrindo excelsos valores
com o rigor da tirania.

...
Voltei, pássaro, voltei
do passado ressurgido...
E encontrei no meu retorno
o desvalor como adorno
No meu tempo corrompido:
seqüestro, drogas, suborno...
Não sei nem porque voei...

Mesmo assim, o poeta não deixaria de alçar novos vôos, que seu espírito não se alimenta nas planuras. Deu-nos, ainda em 1996, outro livro de poesia: *Corpo de Mulher.*

Erasmo Linhares, que conosco – o homenageado e eu – participara das lides estudantis e, já ali, nas refregas ginasianas, sem embargo da sua simplicidade e modéstia, revelava grande espírito de liderança, mercê das qualidades intelectuais e morais que realçavam a sua personalidade, descerra o livro.

Introduzindo o leitor na obra, o escritor, jornalista, professor e combativo companheiro, hoje a viver na nossa saudade, assim escreve com o seu jeito simples e direto de dizer as coisas: "O tema sobre o qual Diniz trabalha, poderia sugerir erotismo ou algo menos qualificado. Mas não, não há erotismo, nem um traço daquilo que poderia ferir sensibilidades. O que há é lirismo, é exaltação à beleza. É a sutileza de desvendar com os olhos do poeta a figura magnífica da fêmea."

Mais adiante, examinando a estrutura do livro, que se divide em quatro partes (estudo e definição da anatomia da mulher; exaltação; manifestações corporais; encontros e desencontros), Erasmo Linhares completa: "São quatro partes harmônicas, nas quais Diniz exercita-se nas várias vertentes da poesia e o faz muito bem, oferecendo-nos um livro cheio de enleio e cuja leitura nos dá prazer, tanto quanto nos pode dar a beleza de uma mulher". A observação profunda do poeta "ganha as cores e as luzes do lirismo", como ressalta o prefaciador ao destacar o poema "Ventre":

Quase sempre tostado, plano e belo,
quando desnudo nutre claro apelo
eriçando seus pelos de veludo.

Assim também quando, sensível às marcas do tempo, retrata as Rugas:

São caminhos, ciratrizes,
que operários do tempo
com duras mãos de desgosto
e ferramentas de lágrimas,
plantaram como raízes
nas lisas bandas do rosto.

As "Lágrimas" deslizam na beleza destes versos:

Nascem lá do fundo da alma,
das vertentes do silêncio,
como as correntes marinhas
vêm lá dos confins do mar.
São fontes de sentimento,
são rios finos de mágoas,
são veios que só deságuam
quando se pode chorar.

Com fôlego admirável, o poeta não repousaria a sua lira. Após a tríade poética dada à estampa em 1996, em 97 Almir Diniz publica *Andanças poéticas*, "um livro de registros," mas nem por isso um livro de memórias. "Não interessa a esta coletânea – diz, coerente, o autor – um assunto básico, orientador do trabalho, porque, antes de tudo, objetiva, simples-

mente, a marcação das andanças do autor em vilegiatura de muitos lustros de observação continuada pelos caminhos da vida, abeberando-se das diversas fontes de inspiração. Também não obedece a uma seqüência lógica de caminhadas cronológicas."

O poeta vagou pelo mundo garimpando versos e lembranças:

Fui batear esperanças
no garimpo de minhas crenças,
em pedregosas montanhas
onde o labor me levava,
guiando minhas andanças
rumo a jazidas tamanhas
que o vento solto apontava.

João Chrysóstomo de Oliveira – cujo brilho ainda refulge entre os espaldares bordados de ouro deste recinto místico – diz ao prefaciar o livro, acompanhando o poeta nas suas itinerâncias, que Almir Diniz, habituado ao encantamento das águas, partiu "em busca de novos quadros e cenários a comparar com as paisagens inimitáveis do seu berço." Assim, "O poeta esvoaça por toda parte do globo, sem desancorar o barco dos seus sonhos do porto das suas lucubrações íntimas e muito pessoais."

Nesse vagar sem roteiro, Almir caminha sem pressa, sem compromissos, a celebrar a poesia. Diante do "Mar", extasia-se:

Gingando na rede curva
de fundo verde e manchado
de algas, búzios e areia
e franjas de espuma e nata...
É o mar que chia e se turva
e se derrete, cansado,
na praia que se incendeia
em lindo luzir de prata.

Contempla "O Luar" nas alvacentas praias de João Pessoa:

Um facho claro de luz,
como chicote celeste,
vergasta o véu da distância,
rasgando o ventre da noite.

Em Foz de Iguaçu, deixa-se consumir diante da beleza das águas que despencam do alto majestosas:

Havia poeira d'água...
neve subindo no espaço,
como cortina de mágoa
envolta num grande abraço!

E lá em baixo, curvado,
aos beijos com a catarata,
um arco-íris molhado
vestia nuvens de prata.

Filho de todas as latitudes, o poeta celebra a vida no renascer das "Folhas", nas longínquas fronteiras com a Colômbia:

E renovada a seiva, milagrosas,
ei-las belas, nos galhos, como rosas
renascidas, na mágica da vida.

Num dia qualquer, deleita-se ao "Ocaso" nas terras santas da Bahia:

A noite fita o ocaso e se deslumbra,
e enfeitada de estrelas fulgurantes,
dá-se, enfim, a deleites esperados.

Almir Diniz continuou nas suas andanças a imortalizar a beleza de muitos chãos.

Retornaria, porém, sem demora, ao seu mundo de águas e de peixes, de florestas e mistérios, que mister era voltar.

Seus derradeiros livros de poesia, *Os Deuses* e *O Elogio do Caboclo*, surgem nesse retorno, publicados, ambos, em 1998.

No penúltimo livro, redefinindo o seu universo, elege deuses, mitos e lendas e os eleva no romantismo de seus versos :

As águas são meu universo
de lagos, de corredeiras
e também de encantarias;
de igarapés, prosa e verso,
de mares, de cachoeiras,
de furos e pescarias!

Por isso mesmo que vindas
das nascentes dos meus olhos
ou do meu bazar de choros,
acho-as sempre férteis, lindas,
e se emergem dos abrolhos
são flocos, cristais e louros.

A LUA

Eis que o deus Dia, morto de ciúme
da Noite, que dengosa lhe fugia,
pensando que a outro deus ela queria
vez que, sempre, à tardinha o despistava,
pôs-lhe no encalço a Lua a quem dourava
cumulando-a de luz e de perfume.

ARCO – ÍRIS

Vi-o curvado, como se saudando
um ser supremo e era – era o Horizonte;
vinha do alto de onde não se via
até em baixo – ali beijava a fonte.

UIRAPURU

Além de artista silvestre
que encanta com belo canto
aos que ouvem esse cantor,
quando morto eis que se investe
de poderes e de encanto
– doces algemas de amor.
Trespassado pela seta
de maga zarabatana
– com "preparo" de pajé –
é certo que atinge a meta:
o talismã nunca engana
– amansa qualquer mulher...

Ainda uma vez, para o encanto de nossas letras, Jorge Tufic comparece no prefácio, agora para falar do *Elogio do Caboclo:* "O Zé deste longo poema de Almir Diniz é rei, um rei caboclo, ou simplesmente caboco, como quer e pode o confrade Mário Ypiranga Monteiro; portanto, mestiço, um produto bem definido de índio e branco; naquele o seu lado verde e florestal, neste o do insaciável predador da natureza – quando a soldo do capital voraz – seja ela amazônica, aziática ou nordestina, lembrando, aqui, o tempo em que as benesses de Deus, através da Mata Atlântica, cobriam do Rio Grande do Sul à Praia de Iracema."

Adiante, prossegue: "Almir Diniz, nascido e vivido no interior amazônico, fica bem à vontade ao fazer o elogio do caboco. Sabe-lhe, como ninguém, a paciência, o conformismo e a estóica postura num banco de canoa. Não surpreende, portanto, este longo poema, que começa figurativamente por um furo na mata ciliar do rio, e vai, aos poucos, desdobrando-se em vastos igarapés de nossa misteriosa hinterlândia, chegando a gravar, como por parte de máquina filmadora, os tranqüilos

paranazinhos do velho Cambixe, até sair novamente pela calha fluvial de águas negras ou barrentas, no meio das quais se desenham lagos, ilhotes e mágicos igapós em forma de sonetos."

Para o último regalo desta noite, desta festa, um brinde ao "rei":

Ali, vive o rei.
Um rei de si mesmo.
Seu castelo é de brumas,
o palácio de espumas.
Não tem trono de ouro
nem sólio de prata,
seu assento
– o banco de proa –
nem é de cedro,
é de louro.

O estandarte é o remo;
a insígnia, o facão;
a bandeira, a verdade;
o pendão, a franqueza;
o roto chapéu de palha
é coroa e simboliza
o poder da realeza;
seu pavilhão é a moral;
seu reinado, a natureza.

Quem o vê assim, à-toa,
sentado tão natural
na poltrona que é só banco,
banco rosco de canoa,
não consegue acreditar
que seu ocupante é rei,
de reinado singular.

Presidente Max Carphentier,
Acadêmicas, Acadêmicos,
Senhoras, Senhores:

Calo-me agora. E deixo a tribuna. Nela não estive sozinho – testemunhais.

As palavras chegaram-me dadivosas, felizes, belas, verdadeiras: João Crhysóstomo, Elson, Arlindo, Tufic, Oyama, Paulo Jacob, Erasmo Linhares, Herculano, Manoel Otávio. Não vos poderia privar da beleza e da graça a que vos acostumastes nesta Casa em noites assim de gala e de flores!

As Academias, o sabeis, foram feitas não para promover e incentivar as letras, mas para conservá-las.

Ao retratar desta tribuna a vossa permanente devoção aos valores estéticos e literá-rios, Acadêmico Almir Diniz de Carvalho, fazendo justiça aos vossos predicamentos intelectuais, penso haver dito, como impõe a praxe, as razões pelas quais a Academia Amazonense de Letras vos recebe nesta noite.

O que ainda não disse – e vos digo agora – é que a Academia vos recebe jubilosa. Com isso, não cumpro uma formalidade, mas digo do consolo que nos traz a vossa presença entre nós.

ELOGIO DE JOÃO RIBEIRO E NONATO PINHEIRO*

Francisco Gomes da Silva

Senhor Presidente,
Senhores acadêmicos,
Senhores e Senhoras,

Sou uma vocação telúrica irresistível, acabada. Em mim, no que sou ou não sou, no que faço ou deixo de fazer, nos meus numerosos defeitos e nas minhas possíveis virtudes, vive e sobrevive agitando-me a alma, o coração e o espírito, a gloriosa terra onde nasci.

Continuamente, vejo a vida, a gente, o berço, os fatos, as datas, a longa caminhada, de mim, de meus conterrâneos, da velha Serpa. Mais que um mero testemunho do que ela foi e do que ela é, dos seus avanços e recuos, das suas angústias e alegrias, sou uma criatura do seu criador, um participante ativo, permanente e angustiado de sua história, de sua caminhada e das suas canseiras. Amo, deploro, sorrio e choro ante os seus sonhos, as suas coisas, a sua perene juventude e a sua precoce velhice.

Nutri-me das tradições da minha terra, dos seus costumes, das suas lutas. Vadiei nos seus estirões. Brinquei nos seus igapós. Corri os seus campos. Briguei nas suas ruas. Transpus os seus quintais. Arenguei nos seus palanques. Passei por quase todos os degraus de sua escala social. Bebi na fonte natal exemplos, lições, ensinamentos.

Em Itacoatiara nasci e, de conformidade com a fala de São Paulo aos Filipenses, "aprendi o segredo de viver em toda e qualquer situação, estando farto ou sofrendo necessidade. Tudo posso naquele que me dá força". Toda a minha existência está apoiada nos modelos de caráter puro, de dignidade e coragem que foram meus pais. Iletrados mas ricos de sabedoria e fartos de experiência, Pedro e Olívia Gomes formaram uma família unida por laço matrimonial e por doze filhos nascidos dessa união, opulenta das virtudes que foram apanágio da antiga educação moral e espiritual. Ainda hoje, inobstante os avançados anos do seu desaparecimento, sinto por eles uma emoção cordial e afetuosa, alimento a sensação de que ambos estão aqui bem próximos de mim.

Senhores acadêmicos:

Minha eleição para esta Casa, traduzindo um gesto de benemerência vossa, cau-

* Discurso de posse na Cadeira nº 20, da Academia Amazonense de Letras.

sou-me um primeiro impacto de perplexidade. Ao conhecerdes em mim alguma credencial ao título de acadêmico, persignei-me e, desde logo, fiz uma auto-análise; medi minhas parcas qualidades intelectuais e culturais, questionando de mim para comigo mesmo se efetivamente estava à altura de alçar tão grande vôo. Embora acalentasse no íntimo do meu ser esperanças e devaneios, próprios da natureza humana, jamais sonhei algum dia atingir a tamanha altitude.

A rigor, a escolha de um acadêmico deve vir precedida da análise e avaliação objetivas de sua obra. Essas exigências visam aferir o alto valor científico, literário ou cultural de que é portador o novo escolhido. Daí as sociedades de letras privilegiarem os homens mais cultos, as figuras verdadeiramente representativas da grandeza espiritual.

Significa dizer que o forte da vida acadêmica são os benefícios culturais que ela induz e produz. Simbolicamente, a união dos confrades advém da troca de experiências e da utilização em ordem alternada desses benefícios culturais. Como se chegasse trafegando por uma via de duas mãos, o recém-vindo cruza com os que o antecederam e, imediatamente, integra-se ao grupo. Sua história e biografia perdem a feição íntima e, somadas às dos demais, se homogeneizam. Desembarcado, o novo recipiendário dá e ao mesmo tempo recebe; enriquece e é enriquecido. Esse ajuntamento de homens cultos só se transforma num organismo simbiôntico, só resulta numa integração forte e verdadeiramente consistente se os acadêmicos, todos, forem realmente qualificados. Neste caso, a entidade cresce e se faz respeitar, interna e externamente.

Entretanto, mesmo a despeito de ser constituída por um elenco respeitável de poetas, prosadores, juristas, vernaculistas, tribunos, escritores pujantes e inteligências de escol, a Academia Amazonense de Letras surpreendeu ao me designar para estar entre vós. Foi um acontecimento sem dúvida *sui generis* e infringente da normalidade, pois, em condições ideais, jamais um grupo de universalistas elegeria um escritor vocacionado ao provincianismo puro e simples.

Ex abrupto, vossa escolha ganhou marca verdadeiramente excepcional porque a incipiência de meus conhecimentos e a insignificância de minha bagagem cultural destoam dos objetivos primaciais deste Silogeu. Se, por um lado, a liturgia da promoção enaltece, pelos salamaleques que produz, por outro, esconde a pequenez do homenageado e a parcimônia de conteúdo deste recipiendário.

Realmente, abraçando o fascínio de me fazer historiador, até aqui minha obra tem sido exclusivamente conduzida a revelar o município de Itacoatiara e, por serem localistas, meus trabalhos não apresentam qualidades literárias dignas de nota, de expressão de beleza, de sensibilidade comovedora que a Literatura, como Arte, está apta a proporcionar.

Minha formação é menos do intelectual integrado no mundo das letras propriamen-

te dito que do simples rabiscador de textos históricos. Daí a procedente afirmativa de que a minha ascensão ao vosso convívio tisna o tecido da tradição acadêmica. De conseguinte, avalio que espalhada a notícia de minha sagração muitos críticos haverão de questionar as razões que vos levaram a cometer gesto tão estúrdio.

Os mais sóbrios e os menos intolerantes, eventualmente concertados com a vossa benignidade, dirão que tal gesto deveu-se à intenção de homenageardes o interior amazonense. Certamente que sim, pois, ao direcionardes a meu favor tamanha honra, indicastes não concordar com o descaso flagrante perpetrado em relação à comunicação da memória coletiva na periferia estadual. Sinalizastes algum desencanto em relação a uma certa "elite cultural" que trata de forma avarenta e monopolista o estudo da história regional, contribuindo para arrefecer a luta em favor da revitalização das coisas de ontem e impedir que se torne viva e atuante a lembrança do nosso passado. Balizastes que não estais aliados àquela categoria de críticos que enaltece a sua própria produção, reputando à dos outros referências de fraca importância; que forma juízo de valor com o objetivo de obscurecer os méritos de outrem, tratando os escritos alheios como informes desprovidos de originalidade e sem nenhum crédito abonatório.

Deixastes em suma subentendido que sois contrários à "arrogância" e ao "complexo de superioridade" demonstrados pelos governos que, através de políticas ditas "desenvolvimentistas", dão atenção somente às regiões metropolitanas, menosprezando e acelerando o esvaziamento das áreas periféricas — prática essa danosa, que contamina a coletividade em geral, fomenta a difusão de idéias e de ações, estimula a criação de uma sociedade de incluídos e excluídos, de úteis e inúteis, desrespeitando-se um dos direitos humanos fundamentais, que é o direito das regiões pobres e dos homens do interior ao desenvolvimento progressivo.

Universalistas que sois, não abjurastes de prestigiar o apêndice de escritor regionalista que sou. Portanto, vossos sentimentos convergiram com minhas idéias e com meus ideais, pois que, arremedando o cientista Djalma Batista (1916-1979), na sua "Saudação" pelo ingresso nesta Casa do amazonólogo Arthur Cézar Ferreira Reis" (1906-1993), em 27.01.1967,

> *nós ambos não concebemos a Amazônia senão na sua unidade geográfica, florística, faunística, hidrográfica, geológica e antropológica, respeitadas as diferenças puramente locais (...) que desejamos desenvolvida, bem povoada e melhor aproveitada nas suas potencialidades, terra bem-amada, que deve ser um dia um reduto da inteligência e um domínio da civilização* (cf. Djalma Batista, in Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 12/Manaus/jul/1968, p. 169).

Minhas senhoras e meus senhores:

Fiel aos objetivos desta Casa, farei, a seguir, o elogio de meu patrono, o polígrafo

brasileiro JOÃO RIBEIRO, e do último ocupante da cadeira que a mim foi consignada, o filólogo amazonense padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO.

Na galeria de brasileiros ilustres, avulta o poeta, cronista, crítico literário, historiador, moralista e filólogo JOÃO RIBEIRO de Andrade Fernandes. Natural de Laranjeiras, Sergipe, aí nasceu a 24 de junho de 1860 e faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de abril de 1934. Fez os primeiros estudos na cidade natal e no Ateneu de Sergipe, em Aracaju, seguindo em 1880 para a Bahia, onde cursou o primeiro ano da Faculdade de Medicina de Salvador.

Fixando-se no Rio de Janeiro, dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, que os exerceu toda a vida. Aí também aprofundou os estudos para os quais se sentia inclinado: literatura e filologia. Teve atuação intelectual intensa, deixando obra vasta. Em 1881 começou a trabalhar no jornal "O Globo", que então se inaugurava sob a direção de Quintino Bocaiúva (1836-1912). Quatro anos depois prestou concurso para o cargo de oficial de secretaria da Biblioteca Nacional. Em 1887, submeteu-se novamente a concurso para a cadeira de português do Colégio "Pedro II", com a tese "Morfologia e colocação de pronomes". Embora aprovado, só três anos depois foi nomeado, mas a cadeira que lhe coube foi a de História Universal e especialmente do Brasil.

Em 1895, representou o Brasil no Congresso de Propriedade Literária, realizado em Dresden, permanecendo um ano na Alemanha. No ano seguinte, participou do Congresso de Catálogo das Ciências, promovido pela Royal Society, em Londres. Retornou à Europa em 1901, como assessor da delegação, presidida por Joaquim Nabuco (1849-1910), encarregada das negociações do litígio anglo-brasileiro na questão da Guiana.

Em 1914 seguiu pela última vez para a Europa, onde pretendia fixar residência definitivamente, estabelecendo-se na Suíça. Para isso, vendeu em leilão tudo o que possuía, inclusive a sua biblioteca. A eclosão da primeira guerra mundial forçou-o, no entanto, a regressar ao Brasil.

João Ribeiro não formou entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1896, por estar na ocasião residindo na Europa. Mas foi eleito na primeira vaga, quando do falecimento de Luís Guimarães Júnior (1845-1898), em 1898, sendo recebido por José Veríssimo (1857-1916). Entre os prêmios literários distribuídos em anos alternados pela Academia Brasileira, inclui-se o "Prêmio João Ribeiro", destinado a incentivar obras de filologia, etnografia e folclore.

Professor de curso secundário, escreveu inúmeras obras didáticas, gramáticas, antologias e compêndios, das quais se destacam "Seleta clássica" (1905) e "História do Brasil" (1900), modelo de concisão, uma das mais lúcidas interpretações do contexto nacional, sobretudo no período colonial, assinalando a contribuição do índio e do negro na formação brasileira, até então menosprezada. Apesar de

carente de atualização, essa obra não foi superada até hoje, pela qualidade da síntese e do estilo.

Neste particular, João Ribeiro reconheceu nobremente a influência do historiador alemão Gottfried Heinrich Handelmann (1827-1891), admitindo na sua "História do Brasil" que havia assimilado muitos 'pontos de vista' de que necessitava para compreender o fenômeno da formação histórica brasileira, sobretudo o do 'particularismo' no desenvolvimento do Brasil. E acrescentou:

> *Handelmann notou esse particularismo, que era o mesmo da Alemanha, com a diferença que nós lhe dávamos o exemplo selvagem e bravio desse gênero de formação nacional. O Brasil, de fato, desde os meados do séc. XVI, começou a nascer ao mesmo tempo em diferentes pontos, incomunicáveis quase. As distâncias e o sistema colonial favoreciam esse crescimento e a independência dos núcleos criadores mais o agravava. O sistema colonial ligou esses núcleos à metrópole, mas não o ligava entre si. A unidade existia na relação e na raça, mas definhava ou estava ausente na administração* (cf. João Ribeiro, "Historiadores", in "Crítica", Rio, 1952).

Insta salientar que Handelmann, apesar de nunca ter vindo ao Brasil, escreveu em 1860 "História do Brasil", baseando-se em sólida bibliografia, tanto portuguesa como alemã e francesa. Era uma síntese do período colonial e das primeiras décadas do império, destinada a exercer grande fascinação nos historiadores brasileiros posteriores, a ponto de merecer a seguinte opinião de José Honório Rodrigues (1913-1987):

> *A obra de Handelmann foi a concepção mais arrojada, mais original, mais criadora que a história do Brasil já conheceu, pela novidade do plano, pelo tratamento dinâmico e não estático do processo histórico* (cf. José Honório Rodrigues, "História e historiografia", Petrópolis, 1970).

Sob orientação do patrono da cadeira nº 20 desta Academia Amazonense, o estudo da história brasileira passou a obedecer uma periodização nova, substituindo a divisão tradicional. O assunto não interessara muito nossos historiadores, depois de passageira atualidade nas primeiras décadas da independência. No século XX, variaram relativamente pouco as subdivisões dos grandes períodos históricos, os quais são baseados na história político-institucional: período colonial, império e república. Sob a influência de João Capistrano de Abreu (1853-1927) e João Ribeiro, inspirados, em boa parte, nas lúcidas sugestões de Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), as subdivisões, geralmente aceitas, deixaram de ser meramente políticas, tomando em conta, também, os aspectos econômicos e sociais.

Sempre atento às coisas do Brasil, João Ribeiro fez uma análise histórica e etnográfica da carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500), dando destaque irrecusável ao documento e sua importância, publicada no Rio de Janeiro, em 1910, sob o título de "O Fabordão".

Como filólogo, destacam-se ainda os seguintes trabalhos: "Dicionário gramatical" (1889), "Estudos filológicos" (1902), "Frases feitas" (1ª série, 1908, e 2ª série, 1909) e "Curiosidades verbais" (1927). Merece menção muito especial o estudo "A língua nacional"

(1921), marcando as diferenciações entre o português do Brasil e o português de Portugal.

Outro aspecto da obra desse notável brasileiro é a feição humanística. Dos ensaios com essa característica, os mais importantes são: "Páginas de estética" (1905), "Notas de um estudante" (1922), "Colméia" (1923) e "Cartas devolvidas" (1926).

O Brasil deve ainda a João Ribeiro valiosa contribuição para o estudo do folclore, nas conferências que reuniu, sob o título "O folclore, estudos de literatura popular" (1919). Os estudos do folclore brasileiro foram de início orientados por interesses literários. Nosso autor é apontado como o primeiro a sistematizar o tema, ensaiando dar-lhe tratamento científico, na obra acima citada. Se, antes dele, os folcloristas nacionais davam atenção quase que exclusiva aos aspectos espirituais da cultura popular, como crenças e superstições, e às manifestações orais dessa cultura, mitos, contos, baladas, rimances, advinhas, provérbios, etc., a partir de sua obra o âmbito do folclore alargou-se quando se incluiu a cultura material, o artesanato, utensílios domésticos, ferramentas, utensílios agrícolas e outros acessórios da vida do povo. Passou a dizer que o folclore estuda tudo o que constitui o equipamento mental do povo, desde que distinto da procedência técnica, sejam, os ritos, os tabus, os valores estéticos ou outros ligados a esses objetos materiais.

Trabalhando o afro-americanismo no domínio da vida material e cotidiana, o polígrafo João Ribeiro contestou o etnocentrismo dos brancos, que consideram suas civilizações superiores às do negro. Dos mais críticos e objetivos historiadores nacionais, levantou milhares de palavras ou expressões híbridas derivadas de termos africanos no Brasil. Nesse campo de trabalho foi um dos pioneiros, haja vista a dificuldade encontrada pelo pesquisador desejoso de descobrir afro-americanismos da vida social e cotidiana dos afro-americanos: estes foram obrigados a se submeter às leis do país no qual tinham de viver, conformando-se com os costumes da sociedade global, onde se deviam integrar, depois da supressão do trabalho servil, na qualidade de novos cidadãos. Era-lhes necessário, portanto, a fim de manterem sua herança africana, reinterpretá-la nos termos do homem branco.

Dos mais completos homens de ciência e de cultura, João Ribeiro lutou por decifrar o caráter controverso do étimo de *Brasil*, informando quanto à maior ou menor importância de cada hipótese no quadro de estudo do vocábulo. Filiando-se à corrente majoritária dos filologistas, lingüistas e historiadores que advogam a tese de que o nome de nosso país teria origem francesa, escreveu um interessantíssimo capítulo intitulado "O primeiro galicismo", inserido em seu livro "Colméia".

Poeta, à feição da época, sem nenhum realce especial, João Ribeiro deixou contudo uma coletânea admirável de contos, intitulada "Floresta de exemplos" (1931). Estreou na imprensa carioca, até a data oficial de introdução do Simbolismo no Brasil (1893), e con-

quistou notoriedade como parnasiano. Como sabemos, o Parnasianismo cultivava determinados cânones, como a correção métrica e gramatical; ampliação dos recursos formais; clareza e precisão vocabular, isto é, o vocábulo usado em sua acepção exata.

Em sua obra de crítica literária, nosso elogiado cita os "Versos apocalípticos" e "Fim de mundo", do poeta alemão Jacob Hoddis (1887-1942), adepto do expressionismo, movimento literário e artístico que dominou os círculos intelectuais da Alemanha, sobretudo na segunda década deste século. Foi ainda tradutor de "Coração", principal obra de Edmondo De Amicis (1846-1908), que à época do seu falecimento andava pela quadragésima edição em língua portuguesa.

Da vasta obra de João Ribeiro, compilada por Múcio Leão (1898-1969), a relação de uma edição completa compreenderia nada menos de 57 volumes. Destes, poucos foram publicados. Os volumes de "Crítica" versam sobre um período de cerca de quarenta anos de atividade jornalística, desde os romances de Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922) aos primeiros livros de Gilberto Freire (1900-1987) e José Lins do Rego (1901-1957).

Senhor presidente:

Feito o bosquejo ao redor de João Ribeiro, cumpre-me falar, agora, sobre um dos amazonenses mais ilustres deste século, que o meu destino e o meu signo não me deixam escapar a honra e a glória de sucedê-lo nesta Casa: o padre Raimundo Nonato Pinheiro.

Como é da prodigalidade dos filologistas, Nonato Pinheiro não economizava adjetivos encomiásticos nas suas orações e escritos. Fui seu companheiro no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, onde ele pontificou como orador oficial. Um dia me chamou de "talentoso" e, por ocasião de minha posse no Sodalício da rua Bernardo Ramos, referiu-se a mim com elegância e liberalidade. Naquela solenidade repetiu a grandeza da oratória, deixando os presentes quase hipnotizados diante de seu verbo incandescente, e no final da sua fala, foi mais aplaudido que o admitido do momento, confirmando-se o que a respeito dele escrevera o acadêmico Moacir Couto de Andrade.

Generosidades para comigo ele as efetivou em pelo menos duas outras oportunidades: em setembro de 1965, através do "Jornal do Comércio", fazendo menção elogiosa ao lançamento de meu primeiro livro, e em agosto de 1969, pelas páginas de "O Jornal", solidarizando-se e praticamente encampando a luta que eu, afoitamente, naquela ocasião suscitara sobre qual dos nomes deveria figurar na medalha que o governo do Estado pretendia cunhar em comemoração ao tricentenário de Manaus: Pedro da Costa Favela ou Francisco da Mota Falcão ?

Ao tempo - e já se foram trinta anos! - ainda não havia televisão em Manaus, sendo comum ler-se colunas inteiras de jornais dedicadas aos "duelos culturais", debates en-

tre homens cultos, alguns deles membros desta Agremiação. Padre Nonato Pinheiro foi um grande expoente, vulto dos mais destacados na defesa de suas teses. Jornalista consagrado, escrevia quase que diariamente na imprensa local, enfocando diferentes assuntos, mas especialmente os dedicados à literatura, à historiografia e à filologia.

Natural de Manaus, filho de Raimundo Nonato Pinheiro e Diana de Macêdo Pinheiro, Raimundo Nonato Pinheiro fez o curso primário no Instituto "São Geraldo", o secundário no Colégio "Dom Bosco" e o eclesiástico nos Seminários de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão.

Nascido aos 10 de maio de 1922 e formado sacerdote em 27 de outubro de 1946, enveredou precocemente pelo caminho das letras, da arte de bem falar e da linguística. Além de dedicar-se com inteireza aos estudos da língua portuguesa, dominava com maestria a língua francesa. Orador dos mais consagrados, tanto no seio da Igreja Católica quanto no da vida civil, sua palavra arrancava aplausos das multidões que acorriam para ouvi-lo, *verbi gratia*, nas praças públicas e nos recintos fechados. Trocou correspondência com as mais respeitadas figuras de escritores e intelectuais estabelecidos Brasil afora.

Além de membro do Conselho Estadual de Cultura, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, da União Brasileira de Escritores do Amazonas, da Associação Amazonense de Imprensa, da Sociedade Amazonense de Professores e do Instituto de Antropologia da Amazônia, foi redator e/ou colaborador dos jornais "A Gazeta", "Diário da Tarde", "O Universal", "O Jornal", "A Tarde" e "A Crítica".

Amante dos clássicos, para ele próprio vale o que um dia Nonato Pinheiro escrevera a respeito de Felix Valois Coelho (1898-1958), nestes termos:

> *Sua prosa limpa refletia imediatamente os brios do vernaculista, para quem o conhecimento do idioma pátrio era qualquer coisa de basilar na cultura de um homem. Nada tinha, porém, de impertinente na defesa e no ensino da língua. Conhecendo bem a sintaxe portuguesa, e mantendo permanente contubérnio com os venerandos padrões da vernaculidade, admitia, entretanto, os fatos da linguagem em nosso país e mostrava-se indulgente em face de certos deslizes cotidianos, de que não escapam doutores de borla e capelo. Haja vista a próclise no início dos períodos, vergastada impiedosamente como atentatória do decoro do nosso idioma, sem embargo dos exemplos de alguns luminares das letras clássicas, entre os quais a suma autoridade do padre Antônio Vieira, que absolvem o falso brasileirismo, que traz no bojo a marca indelével do velho lusitano* (cf. Nonato Pinheiro, in Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 8/Manaus/ set/ 1958, págs. 98/99).

Professor de línguas no Ginásio Amazonense "Pedro II", no Instituto de Educação do Amazonas e na Escola Técnica de Comércio "Rui Barbosa", publicou as seguintes obras: "Fulgores de um Episcopado", "Dom João da Mata" e "Panorama Intelectual do Amazonas". Escreveu centenas de artigos e

crônicas nos jornais de Manaus e na Revista da Academia Amazonense de Letras. Além destes e dos inúmeros discursos proferidos, a maioria feita de improviso, padre Nonato Pinheiro deixou, esparsas, verdadeiras pérolas de produção literária, tendo em algumas oportunidades admitido que

É confrangedora a decadência literária dos tempos atuais, com o desaparecimento progressivo dos estetas da pena. Enquanto a ciência progride ostensivamente, parece que a arte vai sendo vítima de tristes estorcegões. A decadência artística é geral. Um prurido de novidades extravagantes, sob capa de modernismo, devasta dolorosamente os domínios estéticos (...) Laboram ilusos os que só sentem a crise social. Tão profunda e aguda como a da economia é a crise que golpeou de morte as belas artes (...) A aristocracia das letras foi implacavelmente destroçada... (cf. "Estética literária", in Revista da Academia Amazonense, nº 3/Manaus/set/1955, págs. 23/24).

Ainda:

Todos os grandes autores possuem sua expressão literária característica, estampam nos escritos a própria fisionomia, como o Divino Mestre gravou a Santa Face no pano da Verônica. A firma de um escritor, nas páginas de sua lavra, é simples luxo que se acomoda à praxe universal, pois o estilo já representa a marca de origem. É a rubrica mais verdadeira do autor, e como grito de autenticidade (...) A verdade inconcussa não destrói a possibilidade de se formar o estilo com a lição dos grandes exemplares (cf. "A expressão literária de Péricles Moraes", idem, nº 6/Manaus/ago/1956, págs. 127/128).

E mais:

Uma das maiores doçuras da vida de um intelectual é o contubérnio cotidiano com sua biblioteca. Os livros põem ao nosso alcance os tesouros da sabedoria antiga e as conquistas coetâneas da ciência. Arquivam para a perenidade as melhores produções da inteligência humana, no campo das ciências, das letras e das artes. Glorificam os mais altos expoentes da humanidade, as mentalidades culminantes do espírito humano. São uma espécie de cristalização da história do homem sobre a terra, em todas as manifestações de sua inteligência e em todos os setores de suas atividades. Em edições sucessivas, reproduzem as lições dos mestres, as descobertas dos cientistas, as abstrações dos filósofos, os ditames dos pensadores e moralistas, as criações dos artistas, as páginas de ouro dos prosadores e poetas, os cálculos dos matemáticos, as sublimes intuições dos gênios (...) É no silêncio eloqüente das bibliotecas, que têm qualquer coisa de comum com a solitude musical dos claustros, que compensamos as deficiências e as falhas que trazemos das escolas... (cf. "Elogio do livro", idem, nº 8/Manaus/set/1958, págs. 26/27).

Memorialista admirável, o acadêmico padre Nonato Pinheiro mourejou por quase quarenta e cinco anos neste Silogeu, desde sua posse, aos 10 de janeiro de 1950, sob as boas vindas de seu confrade Djalma Batista, até falecer, em 10 de dezembro de 1994. Na ocasião em que se festejou o jubileu desta Casa, o notável compatrício produziu um alentado trabalho evocativo e ao mesmo tempo vatídico, afirmando a certa altura:

Tudo é história. E história é evocação. E evocação é vida... Marchemos para frente sem o temor da morte, porque já estamos na corrente da imortalidade. Sobreviveremos em nossas produções, no mármore e no

bronze do livro, na seiva de um pensamento luminoso e fecundo, no brilho de um verso de ouro. Reviveremos nas evocações dos nossos sucessores (cf. "Evocações acadêmicas" idem, nº 12/Manaus/ jul/1968, pág. 43).

Cumpriu-se o prognóstico. Embora materialmente morto, o último ocupante da cadeira consagrada ao egrégio João Ribeiro garantiu duração contínua no espaço e no tempo e, revivescido através de suas obras e dos laços de amizades que construiu entre nós, acha-se espiritualmente presente neste momento de intensa celebração. Será sempre lembrado, aqui e alhures, como um dos príncipes e primazes deste Sodalício.

Suprema honorificência a minha, em substituir o padre Raimundo Nonato Pinheiro, sem dúvida um dos mais notáveis e versáteis vexilários das letras amazônicas !

Além da elevada honra da substituição, o destino ainda me premia com a glória de ser saudado pelo doutor Robério Braga, homem de pensamento e de ação, nosso penúltimo presidente. Na permanente e inevitável sucessão de homens e idéias que o mundo faz acontecer, este notável intelectual e legítimo escritor amazonense, após empunhar com galhardia e inteligência o bastão de comando desta Agremiação, recentemente transferiu o título de *primus inter pares* ao celebrado poeta Max Carpentier, o qual, igualzinho a seu antecessor, desde logo foi contaminado pelo vírus da operosidade, demostrando preocupação com a mantença e o desenvolvimento deste Silogeu.

Senhores acadêmicos:

O momento é propício à quase oração. Seduzistes-me e deixei-me seduzir. Julgando-me plenamente adotado por vós, exulto agora de alegria. Neste momento da minha celebração, totalmente despojado de vaidade, ao ser entronizado na cadeira nº 20, elevo meu coração, minhas mãos, meu olhar e minha voz para proclamar que o vosso gesto, que foi além da conta, enche-me de admiração, respeito e reconhecimento.

Por que me permitistes cruzar os umbrais desta Academia e receber agasalho no seio desta tertúlia, ouso confessar que cresce em mim um sentimento compulsivo de somar e trabalhar em perfeita sintonia convosco. Imbuído, pois, do sentimento de mutualidade, afirmo-vos que não medirei esforços para contrabalançar defeitos reais ou fantásticos no referente às minhas habilidades ou aos meus atributos intelectuais e culturais e ser fiel a este Sodalício.

Enfim, unindo minha voz à vossa voz para cantar o poder de vossa benemerência e a alegria de minha chegada a esta Casa, diviso na platéia – além de minha esposa e filhos – minha tia Nair, meus irmãos, primos, cunhados, sobrinhos e amigos, e entre estes o prefeito da minha cidade, com os quais compartilho a minha felicidade e divido a glória desta noite memorável, para mim inesquecível.

Muito obrigado !

Proferido perante o colegiado da
Academia Amazonense de Letras
Noite de 14/abril/2000, Manaus-Am

Francisco Gomes da Silva - Resumo Biobibliográfico

- Natural de Itacoatiara/Am, onde nasceu aos 24.11.1945.

- Procurador de Justiça aposentado, Advogado militante, Professor, Escritor, Orador e Historiador.

- Membro/sócio efetivo da Associação Brasileira de Reforma Agrária, da União Brasileira de Escritores do Amazonas, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, da seção amazonense da Ordem dos Advogados do Brasil, da Associação Amazonense do Ministério Público e da Academia Amazonense de Letras.

- Cursos primário e ginasial concluídos em sua terra natal (1954/1964).

- Curso de Magistério de nível de 2° grau realizado no Instituto de Educação do Amazonas, em Manaus/Am (1965/1967).

- 1° ano do Curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas, em Manaus/Am (1968).

- Curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, em Manaus/Am (1968/1972).

- Seminários, Encontros e Cursos de extensão e/ou aprimoramento: "Administração Hospitalar" (São Paulo-SP, 1972 e 1973, Recife-PE, 1975, e Rio de Janeiro-RJ, 1975); "Direito Fundiário" e "Regime de Propriedade Agrária" (Caxias do Sul-RS, 1975, Rio de Janeiro-RJ, 1976, Manaus/Am, 1976, e Cuiabá-MT, 1977); "Estudos Amazônicos" (Manaus/Am, diversos anos); e de "Atualização Para Professores de Nível Superior pela Universidade do Amazonas" (Itacoatiara/Am, 1991).

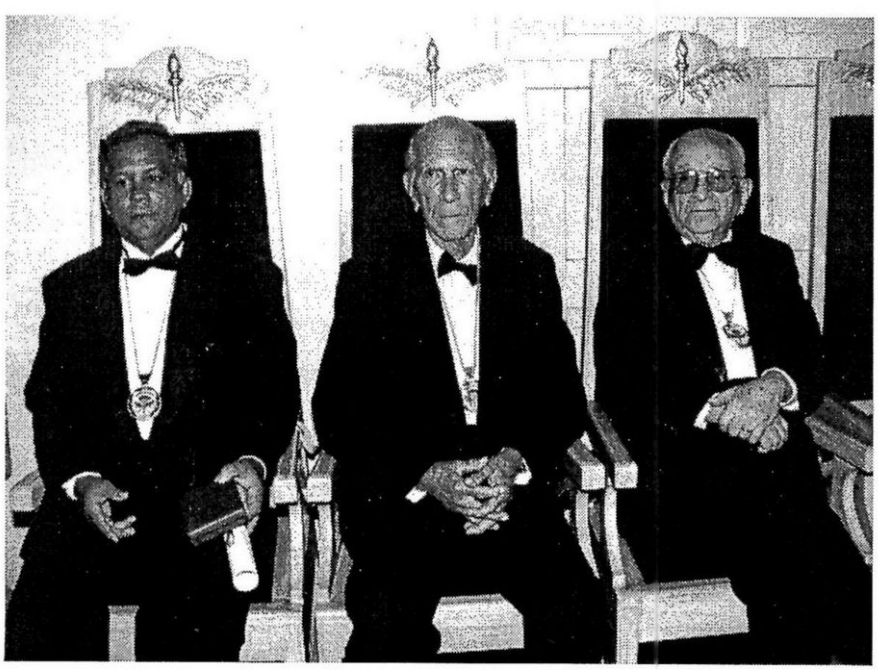
- Servidor público da Fundação SESP (atual Fundação Nacional de Saúde), órgão do Ministério da Saúde – junho/1965 a agosto/1970; administrador e assistente jurídico do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Manaus – agosto/1970 a setembro/1976; assessor sindical e jurídico de sindicatos de trabalhadores rurais do interior do Amazonas, da Delegacia Estadual da CONTAG/Am e da FETAGRI/Am – agosto/1974 a outubro/1976; fundador e secretário executivo da Associação dos Hospitais do Estado do Amazonas – janeiro/1975 a setembro/1976; membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Manaus – dezembro/1975 a maio/1976; assessor de liderança parlamentar da Assembléia Legislativa do Estado – janeiro a março/1977; assessor jurídico do Departamento de Terras da Secretaria de Estado da Produção Rural – abril/1977; Executor do Projeto Fundiário Manaus, órgão zonal do INCRA/Am – abril/1977 a abril/1978; advogado da Coordenação Fundiária da Coordenadoria Regional do INCRA/Am – maio e junho/1978; Promotor de Justiça de Primeira Entrância titular das Promotorias de Justiça das Comarcas de Itapiranga, Silves, Maués e Itacoatiara – junho/1978 a maio/1983; assessor jurídico da Cooperativa Mista Agropecuária de Itacoatiara

– junho/1981 a junho//1984; assessor do Gabinete do Governador do Estado do Amazonas – maio/1983 a maio/1984; Promotor de Justiça de Segunda Entrância titular da Oitava Promotoria de Justiça, da Quarta Curadoria Judicial, da Curadoria de Família e Sucessões e da 3ª Vara Criminal da Capital – junho/1984 a outubro/1986; suplente de Deputado eleito à Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas diplomado pelo Tribunal Regional Eleitoral – janeiro/1987; assessor do Gabinete do Governador do Estado do Amazonas – novembro/1988 a novembro/1989; assessor da Prefeitura Municipal de Itacoatiara – janeiro/1989 a janeiro/1993; vereador à Câmara Municipal de Itacoatiara – janeiro/1993 a julho/1996; assessor jurídico, responsável pelo Núcleo de Questões Fundiárias e coordenador da Coordenaria de Questões Judiciais da Procuradoria Geral da SUFRAMA – novembro/1996 a janeiro/1999; assessor parlamentar da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas – fevereiro/1999 até a presente data.

- Autor dos anteprojetos de Lei Orgânica – transformados em lei e atualmente em vigor - dos municípios de Itacoatiara, Itapiranga e Silves.

- Pesquisador consagrado, FRANCISCO GOMES DA SILVA publicou os seguintes livros: **1965**: "Itacoatiara. Roteiro de uma cidade"; **1970**: "Itacoatiara: administrações municipais, realidade presente"; **1979**: "Centenário de São José do Amatary"; **1997**: "Cronografia de Itacoatiara" – 1° volume; **1997**: "Itacoatiara. Roteiro de uma cidade", 2ª edição revista e ampliada; **1997**: em co-autoria, "Instituto Alfredo da Matta ontem e hoje: uma história de saúde pública (1955-1997)"; **1998**: "Cronografia de Itacoatiara" – 2° volume; e **1999**: "A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara".

- Tem outros livros em elaboração, quase todos versando a temática de Itacoatiara.



Francisco Gomes da Silva, Oyama Ituassú e Jauary Marinho.

ACOLHENDO UM IMORTAL(*)

Robério Braga

Senhor Acadêmico Presidente
Ilustrados acadêmicos e acadêmicas
Autoridades
Senhor Francisco Gomes da Silva

Vinde. Tendo atracado a canoa no porto da frente, podeis subir que vos esperamos em aguardo que, se não tardava na noite de hoje, chega em tempo de boa hora. Entrai. E o que vamos ter convosco é uma conversa de sala, uma daquelas que os amigos fazem beirando o luar nas noites bem quentes nos rincões mais distantes do Amazonas, como as de Serpa de antes, onde os vossos sonhos foram sonhados e o vosso mundo fez-se um dia.

Vinde. Podeis deixar bem postos na igarité, o remo das ilusões e a cuia das esperanças. Com eles cortastes os rios, varando os igapós e desafiando os temporais. Com eles aqui chegais, portando na saca de juta vossos apanhados de história, agora transformados em troféus que a grandeza acadêmica – e só ela – pode conceder.

E porque acabastes de chegar fizestes a primeira fala, dando de vós a conta do ser e do pensar, pregando os receios, dividindo as esperanças, rasgando o coração em prece. Dissestes quem sois. A que vindes. Porque chegastes. O que trazeis. O que animou vosso espírito na caminhada por entre a selva, rompendo as águas de barro e de negro.

E tal como acabais de dizer, vos recebemos. E não deveis temer o que nos dissestes.

É o sopro do rio, é o canto do pássaro, é a luz da manhã, a pureza da terra, a leveza da alma. É tudo que trazeis. Renovai conosco a casa de Adriano e sentai para a conversa do azul que nestes salões se fazem há mais de 80 anos, que não são tantos, senão um tênue e duvidoso sinal de eternidade para os que falam e um clarão de imortalidade para os que ouvem incrustados nestas paredes..... paredes que transpiram o real valor da láurea acadêmica que é repercutir no tempo e nos confins do tempo a obra da criação do homem.

De mim vos concedo a palavra, o ver

(*) Discurso de Recepção a Francisco Gomes da Silva na Academia Amazonense de Letras, em 14 de abril de 2.000, sob a presidência do escritor e poeta Max Carphentier, na cadeira de João Ribeiro de que foi ocupante anterior o padre Raimundo Nonato Pinheiro.

bo das sagradas escrituras, de que falo também com o coração, carregando a esperança e os sonhos que não esmaecem. Esperanças e sonhos que me dão vida, concedem o pão, aliviam as incertezas, fluidificam o espírito, conduzem-me na sofreguidão, se transformam em bálsamo que se derrama por sobre as feridas do corpo.

Recomponho os dias que nos aproximaram para trazê-los comigo ao vosso encontro. Deveis lembrar – estávamos na faculdade de direito. Fazia pouco vosso primeiro livro – *Itacoatiara, Roteiro de uma Cidade* - com a benção editorial e o acalanto do prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis, fizera-se inscrever na historiografia em que Manoel Anísio Jobim fora mestre. Inquieto - bastava-me uma tribuna para reunir idéias e lançar manifestos às transformações sociais – vós me conduzistes em abraço que ainda pressinto ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas para o encontro com João Rebelo Corrêa e André Vidal de Araújo que ornaram-me cavaleiro daquele silogeu. Fazia pouco haviam saído em *O Jornal* meus primeiros artigos, estudos modestos dos verdes anos. E aqueles mestres sonharam.....Dei-me por inteiro ao Instituto que ao depois conferiu-me a toga magistral da presidência. De vós soube do recolhimento à Serpa com novos desejos e aspirações.

Recolhido, guardastes os serões de estudos e pesquisas confiando no tempo. É que o caboclo sabe do tempo e do temporal, conhece os sinais da chuva e os segredos da mata, guarda consigo as estórias de um mundo mágico e quase impenetrável. Sabe das horas de bonança e de quietude. Conta do tempo às estrelas, fala com o firmamento, prepara-se para a colheita. Assim fizestes e logo depois publicastes - *Itacoatiara : administrações municipais, realidade presente*, em 1970 e *Centenário de São José do Amatary*, em 1979.

E então os serões foram interrompidos. Calou-se o escritor. A dor do seu povo e a desilusão tamanha, forjaram o político. Violentas disputas parecem ter edificado em vós a fortaleza das resistências de Esparta. Fostes massacrado pelas oligarquias. Era o homem e o ideal enfrentando os coronéis e as máquinas de votos, as fraquezas da justiça e a sanha dos poderosos. Se a prefeitura não foi alcançada, como Vereador de Itacoatiara foi possível inscrever-se no rol dos absolvidos que são poucos entre os que caminham por trilhas tão ásperas e turvas. E pela absolvição voltastes aos serões de estudos já então guardado pela armadura que o ministério público confere aos que portam as suas vestes.

E o que deixastes naquela marcha que fizestes ? Pelas palavras e gestos fostes capaz de reanimar os espíritos livres e lançar sobre vosso povo os votos da certeza e da esperança ? Destes canto a fé e pregastes como bom pastor, crendo nas transformações que podíeis anunciar ? Se não foram palavras largadas pela falsa vontade de realizar o bem através da ação

de governo, como creio que não hás de ter lançado, não pregastes em vão, nem de vós perdeu-se o verbo e a convicção. Há confiança plantada nos corações dos que vos ouviram e há luz na caverna de suas dores. Sim, porque diante de vós estiveram os crédulos, os idealistas, os revolucionários, ouvindo a pregação cívica que construíeis nas paliçadas da política como instrumento de transformação dos povos e defesa dos humildes.

E como havia tantos guardados nos recolhimentos das horas muitas de solidão que só o historiador conhece na conversa miúda, muitas vezes sem resposta, conversa que vai travando anos a fio com os documentos que pode folhear, foi de um logo que pudestes dar a público quase trinta anos depois de tanta espera paciente – tal qual a do caçador mais experimentado - cinco livros, cinco herdeiros, – *Cronografia de Itacoatiara*, em dois volumes; a segunda edição de teu primogênito trabalho; *Instituto Alfredo da Matta: uma história de saúde pública*, estes em 1997 e no ano seguinte *A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara.*

São estes os guardados preciosos que acabais de depositar neste salão. E com este gesto, possível pelo acolhimento de meus pares nesta confraria, podeis mandar encostar na beirada, com a quilha de proa aprumada o velho navio " Itapuranga" que passava, e desta vez não mais deveis ficar a procura de um porto seguro para atracar, correndo caminhos ainda escuros, enchendo de dúvidas as manhãs. Volvendo os olhos d'alma que purificam também o coração, podeis ver no porto de onde partistes um dia , não mais o aceno saudoso da velha mãe sofrida, mas o sorriso largo de quem aplaude a vossa vitória, com as bençãos e os augúrios do novo dia e reúne as mãos em prece, bendizendo o que se deu convosco. E podeis vestir de azul e doirado vosso manto singular de Acadêmico e assumir o posto nesta Casa.

E se aqui chegais com este ornamento intelectual, diz a tradição que vem de França onde primeiro se fez Academia, deveis sentardes entre ilustrados, e guardar dos de antanho os saberes e as honrarias, muito mais dos que tenham também conferido aos estudos da história o maior empenho. Deveis ficar em par com Agnello Bittencourt, Manoel Anísio Jobim, Arthur Cezar Ferreira Reis e João Nogueira da Matta, para falar dos encantados, dos que são luz e memória, e também em par com o mestre Mário Ypiranga Monteiro, João Mendonça de Souza e Jefferson Peres, para dizer dos que brilham na seara da história nos tempos de agora. Outros luminares refulgem nesta Casa, sendo mestres e mestras na poesia, na filosofia, no direito, na magistratura e todos vos recebem.

Estais na Casa de Adriano Augusto de Araújo Jorge, o sábio que o mar das Alagoas lançou sobre o rio das Amazonas, o mesmo mar que nos confere a graça do encontro com Gebes de Mello Medeiros que fez deste fim de mundo sem fim a sua tapera. Adriano era o mestre, augusto por todos os saberes, símbolo

e propulsão da Academia nos seus primeiros longos anos, voz que se derrama ainda hoje nestes salões.

Chegais da Serpa, berço que dividis entre nós com o poeta Elson José Bentes Farias que nos escritos muito bem festejados viu as imagens claras de um mundo seu, tisnou de verde o barro da juventude, contou episódios do rio, enfrentou o ciclo das águas, falou das canções primitivas, não desconheceu o romanceiro da criação, versou do amor e da fábula, derramou-se de amor por Manaus em belo roteiro lírico, tornou a palavra sempre natural, decantou a floresta e ainda agora nos falou do adeus a Diana e das aventuras de um comandante. Aqui estando, é porque compreendeis o valor da honraria que desejastes.

Esta é a casa de Péricles Moraes, o gênio da planície; de Ramayana de Chevalier, o médico, tribuno e jornalista; André Vidal de Araújo, o sábio da vida beneditina; Alberto Gaudêncio Ramos, o pastor das almas cristãs; Leopoldo Peres, o tribuno excelso; Huascar de Figueiredo, o orador fulminante; Benjamin Lima, o jornalista e dramaturgo que a inspirou; Araújo Lima, o mais consagrado dos estudiosos da Amazônia; Álvaro Maia, o mártir da política; Raimundo Monteiro, o poeta das faces múltiplas das enamoradas musas; e de figuras excelsas ainda maiores, que também selaram com a Academia, como vós o fazeis, o voto da imortalidade.

E que devo dizer-vos da Casa que acaba de vos acolher, com a palavra que sirva para a compreensão precisa do mundo em que adentrais? Digo-vos também pela palavra de Genesino Braga ao receber aqui neste mesmo salão de fulgurações, não faz muito, ao mestre Manoel Bastos Lyra, em expressões que não ouso repetir mas das quais recolho o sentido e a inspiração. A Academia é sedutora e vaidosa. Há tempo certo para dela enamorar-se proclamando seus desejos, como ela é capaz de compreender certos menosprezos que ficam a fazer os que dela não conseguem aproximar-se, embora faceiros. Foi assim mesmo que traduziu Josué Montello com sua peculiar linguagem que seduz a quem o pode ler por inteiro. Os que logram o acolhimento, não devem crer que a consagração dos louvores da recepção conclui a sua obra mas, antes de tudo, devem renovar o compromisso clarificado na expressão de Machado de Assis que recomendava unirem-se os haveres de antanho e dos modernos para que o patrimônio comum dos povos pudesse ser constituído. Deveis adentrar com o firme propósito de persistir no trabalho que tendes feito.

E não quero falar-vos da Academia dos Esquecidos, a primeira em solo brasílico, nem das outras tantas que se foram construindo pelo sonho e enlevo dos seus gênios – a dos Felizes, Seletos ou dos Renascidos, mas da que acabais de ingressar, em que pontificaram nomes expressivos das nossas letras, oradores, religiosos, magistrados, cientistas, filósofos, jornalistas, médicos, historiadores e que vos re-

cebe com as grandezas estelares e singelezas humanas de todos nós que a conformamos neste começo de nova era.

"A cada instante morremos", é verdade o que diz Thiago de Mello - o poeta das liberdades . E se é verdade a ela agrego a clara certeza que me invade o coração, sempre nas horas de iluminação do sentimento, de que assim também vivemos a cada instante, a todo o tempo em que o homem se vê a semelhança de seu Deus, construindo sua hora, edificando seu altar na trajetória da vida em busca de realizar-se na plenitude.

Não há fazeres missionários, nem paixões, nem seduções que encarnem outros valores no meio de nós. Deste porto podeis olhar as margens longas do rio e tendes uma tribuna estelar, com um dígito quase centenário, para vosso uso longo. Olhai ao longe, olhai perto, olhai bem junto a vós e havereis de ver com os mesmos olhos que têm contemplado os livros e a natureza, reconhecido o belo e consagrado o santo, olhai e vereis que ao vosso redor há os que clamam pelo futuro e declinam da esperança. Os mesmos sonhos de amanhã e de fé que vos trouxeram ao nosso cais.

Senhores,

É deles que ouso falar-vos. Sim, porque esta tribuna imponente, em hora de sagração não deve ser unicamente para a glorificação dos imortais e de suas obras. Há sonhos destruídos e universos em ebulição em cada ser que desconhece os sinais que representam as palavras, no homem que busca realizar-se, no acalanto que procura esconder a miséria que se alastra, em cada escola mal conduzida, no mago que não consegue editor, ou nos documentos que se perdem com as marcas do tempo e do descaso, em cada um que se rasga, em todos que se desfazem.

E se falo dos que não escrevem, dos que não respeitam a memória histórica, dos que mutilam o acervo memorial da gente brasílica, daqueles que padecem de fome pelo alimento do corpo e restam até sem o bálsamo do espírito, é porque confio que há de haver ressonância a esta proclamação no presente pela força do que somos, e creio que ela há de inscrever-se para o depois com a indignação que temos pelo tanto que falta aos que espiam nas choupanas, convivem nas palafitas, pelejam nas fábricas, vagam pelas ruas, secam e morrem pelas esquinas, murmuram nos leitos, padecem nos isolamentos, terminam na ignorância.

Há murmúrios de dor nos olhos de muitos que nos cercam, solidão nas companhias que se agregam, morte nas vidas que se debatem, sofrimento em muitos sorrisos que se fazem tímidos e desesperançados, escuridão na luz, muita vez.

E se assim faço é também porque confio que havereis de manter vossa vocação: historiador, tendes dado a vossa terra a reconstrução de seu passado, assinalando os fatos, ressaltando os personagens, espargindo o saber recolhido das lições dos que a construíram, entre sábios e homens e mulheres mais sim-

ples, assim como revivendo a paisagem que conforma o desenho urbano de Itacoatiara. É do que não vos deveis afastar. De outros experimentos também vos falo: da política deveis guardar os caminhos de defesa dos humilhados para que não silencie em vós o gladiador, porque são poucos os que se armam para estas lides em que a voz e a autoridade de ser e pensar servem aos oprimidos; e do direito, cujos cânones conheceis pela formação acadêmica do bacharelado e pela defesa da lei no cumprimento da missão funcional da promotoria pública, e deste deveis guardar a serenidade e o espírito de justiça.

Sim, porque da rápida incursão pelas lides na imprensa em que servistes ao jornal *A Crítica,* do exercício de atividade como comerciário e na administração pública, não há falar-se tenham influído na vossa formação, porque foram raros momentos que mais representam a transitória passagem em busca do sustento pessoal, quando os estudos acadêmicos se realizavam.

Recolho de Arthur Cezar Ferreira Reis as primeiras palavras que vos iniciaram no campo de trabalho literário em que agora vos consagrais:

> *"...É de se registrar que se trata de produção em flor, de quem podia estar entregue às distrações que a idade explica, mas preferiu pensar em termos de maturidade, senão envelhecendo cedo, pelo menos assumindo uma atitude que o revela num caminho diferente e numa compreensão cívica de suas obrigações para com a coletividade a que se dispôs servir com tanta decisão e tanta dignidade..."*

São palavras que datam de setembro de 1965, ditadas também pela emoção com que o historiador e governante constatava as enormes possibilidades das inteligências que despontavam em Manaus, para cuja valoração concretamente concorreu com um governo eficiente e dinâmico no campo das letras, ciências, ensino e cultura. Foram ações efetivas de governo, gestos pessoais de orientação e estímulo, prestígio de tornar-se amigo, meios e modos que um homem austero no comando do Estado, rigoroso na defesa dos interesses nacionais em que acreditava, nacionalista e amazônida por excelência, como foi Arthur Cézar Ferreira Reis, adotou como conduta que fincou estímulos e despertou vocações intelectuais. O vi de perto e com ele convivi nos anos novos dos meus dias, e, do mesmo modo, como em ceia pascal, dele recebi o estímulo, a orientação, o caminho, a amizade e até a confidência recebi.

Senhores meus:

Ouçamos, na palavra do próprio escritor Francisco Gomes da Silva as suas razões para os estudos da Velha Serpa, com o que declara no primeiro volume da *Cronografia de Itacoatiara*,

> *"..... Não sendo um especialista, porém ombreando com os poucos que fogem à tentação de deixar nossa terra cair no vazio do esquecimento, com apaixonada curiosidade nos últimos trinta anos vimos coletando dados sobre Itacoatiara para desenvolver trabalhos de divulgação das coisas do seu povo...."*.

É quase o que repete ao apresentar o

segundo volume da mesma obra, fincando a explicação do seu labor, quando diz,

> *".... Dessa luta cansativa mas agradável de busca e rebusca nos arquivos, de mergulho numa grande multiplicidade de fontes, de entrevistas com anciãos, temos obtido resultados emocionantes, e ao mesmo tempo refletido quão extraordinária é a importância que as lições de ontem podem proporcionar ...."*

Digo-lhes, senhores acadêmicos, a obra de Francisco Gomes da Silva toda ela voltada para o campo da história, é consistente, resulta de pesquisas longas e anotações que se confrontaram muitas vezes, é minudente, varando dos arraiais de Itaquatiara para outros centros que irradiavam influência para o seu recanto e segue em curso de completar-se pelo ânimo com que persiste debruçado sobre os arquivos.

Foi do que lhes falei – os saraus de estudos valeram trinta anos – confessa o escritor –, reunindo, anotando, comparando, lendo e relendo, fazendo, repetindo.... salvando ..... perdendo, trazendo-os nest'ora à Academia Amazonense de Letras.

E trazeis para compor a cadeira de que foram ocupantes José Chevalier Carneiro de Almeida e padre Raimundo Nonato Pinheiro. O fundador que dedicou vida e alma ao silogeu, foi professor dos mestres, fez escola formando gerações que brilharam com raro fulgor, pai e orientador de Ramayana – o orador, e de Carlyle – o filósofo; esta é também a poltrona do padre Nonato, o sucessor que se entregou ao estudo da filologia, mas que neste púlpito quase o transformava em altar da palavra, muitas vezes com ímpeto de convulsionar e sofreguidão para romper o infinito. Debateu-se consigo mesmo, com suas razões e ansiedades, feriu-se, lavou-se, cravou de ponta todas as ofensas, arrebatou pelo discurso. Falava dos homens da terra, tecia crítica sobre os do seu passado, reconstruía idéias, reencarnava místicos, esgrimava valendo-se dos clássicos de todos os tempos, mas era humano e não fugiu às imperfeições. A ele aplica-se com justeza o que disse de Pericles Moraes: " *todos somos um tecido estranho de sombras e luminosidades* ".

Perdoai as sombras, ainda que plenamente feliz pelo encontro das flores que encantam minha vida, não me foi permitido iluminar as minhas sombras, próprias do que sou neste plano de vida, e foram elas, por certo, que não me permitiram exaltar de vós outros valores, e reconhecer como merecida a caminhada que tendes usado na vida com a simplicidade com que a construístes, com a modéstia com que vos mantínheis reservado.

Sentai. Vestido de azul e oiro. Sois acadêmico. Estais consagrado. Agora, trabalhai ainda mais tecendo a trajetória do futuro com a reconstrução do passado na busca da concretização do sonho da imortalidade, o de não morrer inteiramente e preservar-se com a floração do espírito, na sucessão dos sóis e das luas, entre nós pelo falar dos índios, no traçado da palha, no silêncio das rezas, na tradição da Academia.Sentai.

Vestido de azul e oiro. Sois acadêmico.

Dai as mãos ao fazer, é para o que vimos. Vamos ter juntos, por longos anos, a conversa de sala que vos falei, beirando o luar, recontando as estórias, dizendo das bênçãos, renovando as esperanças, tecendo no fio da palavra os desenhos da vida. Agora não deveis estranhar o que vos digo em tom que recusa o estilo acadêmico mais grave, mas o verso do poeta diz por mim e pelo meu coração , e por todos os acadêmicos que vos abraçam nesta hora soleníssima, como uma das "*Canções de Cordialidade*" de Manuel Bandeira, já aqui versada por Djalma Batista ao acolher Thiago de Mello

"Amigo, seja bem-vindo!
A casa é sua.
Não faça cerimônia,
Vá pedindo, vá mandando!."

E há perfume no ar, olhos que vos espreitam, mãos que vos afagam, vozes que vos aclamam, palavras doces que vos sussurram, conclamações que vos fazem. E só vós podeis ouvir, ver e sentir porque brotam d' alma, impregnada de emoções no turbilhão de recordações que passam agora pelo vosso espírito como estrelas que rebrilham no firmamento.

E podeis guardar esta hora em formoso relicário, recolhido bem junto ao peito, ela é só vossa, eterna e única. Sois acadêmico.

DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA n. 6(*)

Rosa Mendonça de Brito

Tendo a República de Gênova ousado desafiar o poder de Luís XIV, foi o magistrado supremo forçado a ir a Versalhes implorar clemência ao grande rei. Enquanto admirava os jardins monumentais onde em tudo a natureza fora vencida, as fontes brilhando ao sol, as florestas de laranjeiras, as maravilhosas terraças, perguntaram-lhe o que lhe causara maior admiração, ou lhe parecia mais extraordinário em Versalhes. E o ousado magistrado respondeu: "O que mais me espanta é a minha própria presença".

Assim também a mim, senhores acadêmicos, o que mais devia espantar, a mim mulher e filósofa, em meio às cintilações literárias que se me oferecem nesta noite às minhas recordações e aos meus olhos, o que mais me devia espantar nesta hora era a minha presença entre vós, nesta tribuna, se uma reflexão não me viesse fortalecer e acalmar.

Encoraja-me o fascínio que a Filosofia exerceu e exercerá sempre nesta Casa, pela presença eterna de Adriano Jorge – presidente perpétuo, inteligente singular – ele que foi acima de tudo um pensador, a deslumbrar a todos com o seu saber e verbo estonteante, aos contemporâneos e aos que, pela informação, puderam conhecer-lhe a vida e o pensamento.

Tranqüiliza-me não vos ter inquietado a minha ousadia, que esta Academia conferiu, faz meio século, as glórias da imortalidade a uma mulher, diante do talento e da sensibilidade poética de Violeta Branca, que tanto exalta as nossas letras e esta Casa.

Setenta e seis anos de existência da Academia! Quarenta espaldares dourados; quarenta luminares do saber: uma única mulher!

Fez silêncio esta Casa à obra de outras merecidas inteligências? Deixaram-se as mulheres reprimir pelo determinismo cultural? Ou terá sido o recolhimento em que muitas se acomodam?

Senhoras e Senhores:

O homem nasce para hominizar-se. Frente a esse desígnio humano, somos todos, ao chegar ao mundo, apenas um projeto.

Não preparamos de antemão um lugar para viver. O mundo nos é dado, e está andando. Passageiros no mundo, não mais podermos fazê-lo parar. E ainda que nos fosse possível

(*) Discurso proferido no dia 18.11.94, na AAL.

deter a sua marcha para descer, pretendendo nova direção, estaríamos, mesmo parados, numa postura de quem está andando...

No mundo, toda uma cultura, toda uma ciência, toda uma memória a aprender; linguagem, gestos e significados, expressões a assimilar. Nele, também, a possibilidade de um distanciamento do mundo a fazer e refazer; e essa possibilidade, essência da liberdade, transforma o homem em fautor de um outro mundo.

Assim, uma leitura, uma visão de mundo incluirá sempre uma transformação, uma mudança provocada pela nossa presença. O esforço de compreensão do mundo é um ato de consciência, que nos permite ultrapassar as contradições e os elementos opressivos nele existentes; consciência que deve ser acompanhada de uma ação sobre si mesma e sobre o mundo, isto é, de intervenção na sociedade e na natureza, na tentativa de ultrapassar o seu inacabamento. Esse inacabamento abre o debate e a possibilidade de intervenção do homem no mundo. Utilizando-se da reflexão e do tempo histórico, o homem irá aprender, escolher e praticar.

Nesse momento, o homem se pergunta sobre a sua natureza, a sua origem, o seu destino; começa a perceber que é responsável por si; que tem de fazer escolhas. E, novamente, se inquieta e se interroga: o que desejo ser? O que pretendo fazer? Assim, dando-se respostas quase sempre inconclusivas, irá o homem, sempre hesitante, traçar o seu projeto existencial.

É certo que a realização desse projeto não depende apenas da sua vontade, mas do tempo e do espaço em que se insere. Contudo, se a base da existência humana é a liberdade, e o que faz de si depende essencialmente de seu livre arbítrio, é a liberdade que, em última instância, obriga o homem a fazer-se ao invés de apenas ser.

Nesta perspectiva antropocêntrica, o homem é o futuro do homem. Porém, aliado ao sentimento de independência, atormenta-o o sentimento de impotência; ao entusiasmo de poder, contrapõe-se o desespero de não poder, o que leva o homem a fazer e refazer constantemente o seu projeto, na esperança de viver em paz e ser feliz.

Nessa dinâmica do mundo e da vida, o homem reformula, transforma dinamicamente o seu projeto existencial, que o amadurecimento biológico e intelectual lhe permite vislumbrar novos horizontes e pretender novos caminhos.

Nesta perspectiva, o valor e o sentido da vida encontram-se na escolha que o homem faz de si mesmo. "O passado, o presente e o futuro devem viver nessa eternidade sem passado, sem presente e sem futuro que é a inteligência, que é a cultura, que é o sentido humano da vida".

Tendes-me aqui, senhores acadêmicos, sucedendo ao escritor João Nogueira da Mata, pela consagração de vossos sufrágios, a experimentar, ainda temerosa, os primeiros momentos de intimidade com esta Casa, mas não me escusarei de dizer-vos que esta conquista e esta gló-

ria jamais constituíram para mim uma ambição consciente, tão distante a vida me colocara, que meus olhos sequer podiam alcançar estas alturas.

Tendes-me aqui, presidente Oyama César Ituassú, a reconhecer, agradecida, o estímulo desde quando ofereci a vosso juízo as credenciais que julgava possuir para ingresso no Silogeu. Tocaram-me o coração vossas palavras e gesto!

Vejo hoje, senhoras e senhores – e não vos digo em tom apologético – que tudo que fiz, sobrepondo-me às adversidades do meio e às contingências da vida, reflete para mim a afirmação e a força do querer humano.

Na sensibilidade poética de José, companheiro querido, a minha saga:

"Venho do rio, da mata,/pisando várzeas e terra firme/ no duro trabalho da roça/ e estradas dos seringais./Canoa, remo, tarrafa;/ tigela, balde e poronga;/ terçado, enxada e cambito;/ teto de palha de ubim/ e piso de paxiúba/ nos confins do Juruá./ Menina tecendo sonhos.../ Promessa de um novo dia;/ amanhã sempre amanhã!/ Quilhas cortando os rios./ Esperança, liberdade!/ Vida é recomeçar..."

A conquista da cidade, aos quatorze anos, foi ato de determinação que me impus, alentada pela esperança e uma obstinada vontade de realização. Aqui não poupei trabalho nem pena, realizando, na idade dos sonhos e prazeres mais ingênuos, árdua peleja na superação de dificuldades materiais e barreiras culturais, ânimo e crença sempre renovados a cada pequena conquista, num fazer e refazer constante de objetivos e metas.

Impulsionada por uma grande força interior jamais perdida, preliei sempre, resistindo e vencendo, como se a menina pobre tivesse aprendido, na escola espartana que a vida lhe reservou, estas sábias lições de filosofia: "É preciso que nós homens, tenhamos coragem, quando nos pomos a refletir sem vendas nos olhos. Devemos avançar no escuro, de olhos abertos, proibindo-nos de renunciar ao pensamento".

Vocacionada para o magistério, antes realizei sem fadiga os mais modestos ofícios. Hoje, professora universitária, contemplo a trajetória de vinte e cinco anos dedicados à educação.

Filosofia e Pedagogia constituem, para mim, áreas prediletas do saber. Na minha meditação, cultivando as letras filosóficas, tracei como objetivo derradeiro, neste fazer e refazer que marcaram a minha vida, participar convosco deste Cenáculo de amor à Arte, à Ciência, à Verdade, à Liberdade, à Justiça, à Humanidade, com a convicção de que cabe ao homem, consciente de sua existência, projetar-se para o futuro e fazer-se.

Aqui me encontro, senhores acadêmicos, fascinada diante do dever de falar-vos da figura estelar de Adriano Jorge – que conheceis e amais – ele que foi e será sempre um primado intelectual e afetivo que tanto orgulha e engrandece esta Casa e esta terra.

Do que li e ouvi sobre essa inteligência prodigiosa, do que pude recolher de seu pensamento, em teses, crônicas, discursos e artigos, Adriano Augusto de Araújo Jorge foi, sem exagero, "um semeador de luz", constituindo para esta terra, como disse Djalma Batista, "uma verdadeira instituição", galvanizando "com a sua nobre inteligência, com a sua bondade franciscana e, sobretudo, com a bravura altiva e singular de suas atitudes, a história de quase toda a metade deste século, no Amazonas". Em reconhecimento à sua obra humanitária, o Amazonas perpetuou-lhe o nome em três significativas homenagens: o bairro de Adrianópolis, onde viveu; o antigo Sanatório Adriano Jorge, e o Plenário da Câmara Municipal de Manaus.

"Médico, professor, filósofo e pensador. Grande alma, notável espírito, coração magnânimo" – assim está gravado em sua lápide.

Humanista, outro não poderia ser o sentido que Adriano daria à sua existência, que o Humanismo como prática de vida supõe a crença no homem, nas suas possibilidades, e esperança no fazer da humanidade.

Assumindo uma postura humanista, o homem situa-se no mundo procurando pela sua práxis transformá-lo no seu mundo. O verdadeiro humanismo impõe qualidade e densidade às relações humanas, na busca real do reconhecimento do valor da pessoa humana em sua totalidade. Colocando o homem no centro de todas as preocupações – artísticas, filosóficas, políticas e morais – tem seu ponto de partida na subjetividade do indivíduo, cujo destino é viver no mundo, compreendê-lo e dominá-lo.

Foi este o humanismo que Adriano Jorge adotou e viveu ao pisar esta terra nos idos de 1900, aos 21 anos de idade, vindo das Alagoas, sua terra natal.

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, veio para o Amazonas em período áureo, sem contudo deixar-se atrair pela cobiça, "mas sem dúvida ansioso de participar de uma humanidade nova, em terra nova, agitada de problemas novos para o cientista, para o médico e para o intelectual".

Em Inquéritos Íntimos (1917), ele próprio confessa: "Se eu fosse rico? Rico de quê? De dinheiro? Em mim isto não seria possível... Sou rico de invejável saúde e milionário de esperanças magníficas. Logo, sou feliz".

Humanista, Adriano Jorge via o homem, e conseqüentemente a si mesmo, como uma totalidade, por isso capaz de pensar e agir nos vários campos do fazer humano. Assim, embora afirme que a medicina não era a sua verdadeira vocação, fez dela sacerdócio, revelando-se ao mesmo tempo o educador, o político, o filósofo, o cientista social.

Os méritos profissionais atribuídos ao médico Adriano Jorge – médico dos ricos e dos pobres – Djalma Batista os proclama com a autoridade de homem de ciência: "Como clínico, Adriano teve sobre os médicos contemporâneos – inúmeros deles ilustres e notáveis – uma grande superioridade: era o olho clínico, a intuição diagnóstica quase divinatória, que

o fazia deslindar com rapidez quadros mórbidos ao parecer nebulosos. Nisto de precisar um diagnóstico foi inigualável até morrer. Quase todos os casos difíceis e complicados da clínica manauense, em 48 anos sucessivos, tiveram sua audiência, por solicitação dos próprios assistentes que lhe reconheciam (que lhe reconhecíamos, diz Djalma) o poder soberano de atinar com a classificação nosológica precisa, enxergando um caminho onde só havia densa treva, interpretando sintomas e sinais aparentemente desconexos, traçando, com isso, diretrizes à terapêutica e possibilidade à formação do prognóstico".

Para quem madrugou na ciência, a distância dos centros culturais mais avançados não o impedia de estar, em suas formulações especulativas, ao lado dos grandes valores do pensamento nacional, e do que de mais novo ocorria no mundo.

Ao tempo em que se discutiam na Bahia, no Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo as novas doutrinas e as novas perspectivas teóricas no campo da medicina, do direito, da sociologia, da psicologia, da educação, da filosofia, Adriano Jorge as estudava, discutia, criticava e ensinava em Manaus.

Na política, vamos encontrá-lo presidindo o Partido Revisionista do Amazonas, sob a liderança nacional de Rui Barbosa; na Assembléia Legislativa e na Câmara de Vereadores, que também presidiu. Sempre altivo e intransigente na procura da Verdade e na defesa das liberdades, seus discursos eram brados de esperança, páginas memoráveis de coragem e civismo.

Foi marcante a sua presença em momento trágico da História do Amazonas, protestando compadecido e indignado contra o bombardeio de Manaus, em outubro de 1910, colocando a sua inteligência, o seu braço e a sua vida, como ele próprio declara, a serviço da causa que abraçou.

Sua vida pública foi sempre um constante combate contra todas as indignidades e torpezas. Nessa luta sem trégua, uma grande Fé e uma invencível coragem o acompanharam, conforme proclama no manifesto *Ao eleitorado do Amazonas*, em 1912: "Fé – para confiar, apesar de todos os desastres de nossa vida republicana, na triunfante reabilitação da Pátria; coragem – para fincar na brecha, com o mesmo velho ardor de outros tempos, a pelejar a eterna batalha do seu fervoroso credo cívico contra os que desonram a República".

Falando do seu sentimento político, revela-se ainda mais ao povo amazonense: "Conheci aqui os primeiros entusiasmos e os primeiros desalentos nesse tumultuar de paixões que é a vida pública; tive aqui no entrechoque implacável das lutas políticas, o meu batismo de fogo e o meu batismo de sangue. (...) Aprendi aqui a amar os dignos, a perdoar aos irresponsáveis, a desprezar os vendidos e profundamente odiar a todos os infames".

Em *O revisionismo*, escrito em novembro de 1924, esgrima na defesa da revisão constitucional, desfraldando nestas lonjuras a

bandeira do grande Rui – voz destemida a contagiar a consciência nacional.

Adotando uma postura jurídico-filosófica, Adriano Jorge analisa e critica com proficiência os preceitos constitucionais. Sustentando a necessidade de que se procedesse à revisão da Carta Republicana de 1891, o que afinal ocorreria em 1926, afirma categórico: "Não são as liberdades e franquias outorgadas ao povo brasileiro pela Constituição Federal que nós, os revisionistas, queremos suprimidas ou atenuadas, visto que nunca, até hoje, tivemos, nós os do povo, a experiência dessas franquias e liberdades. Queremos a efetivação desses direitos, a objetivação dessas liberdades, a realização dessas franquias, pelo cerceamento da faculdade de fazer o mal, de que tanto têm abusado as classes dirigentes do país".

O psicólogo e o sociólogo, em Adriano, comparecem em vários escritos. Em 1909, numa crônica dedicada ao *Carnaval*, sentencia em análise crítica imparcial que "a aglomeração do carnaval forma uma multidão neurótica e febril, cujo ruidoso contentamento, pelo impulso e pelo brusco de suas manifestações, pode ser catalogado nos domínios da loucura."

Na *Oração aos professorandos de 1935*, estigmatiza o sentido da vida moderna no mal-estar criado pelas ideologias negativistas de aniquilamento e de ódio. Analisa com sabedoria a falência da civilização ocidental. Critica o comunismo europeu e lamenta "que os seus ideais tenham galgado distâncias, atravessando mares e oceanos e chegado até nós com o seu fragor de terremoto, abalando em seus alicerces a ordem social".

Analisa e critica, ainda, em *O problema dos prisioneiros* (1944), a forma desumana e cruel como os invasores alemães e japoneses tratavam os povos invadidos. Em *Unha por unha, pelo por pelo*, outubro de 1944, repudiando a guerra, fala-nos de sua caridosa ansiedade de vingança contra os malfeitores que sacrificavam a sua geração e desgraçaram o mundo civilizado.

À grande figura do médico, do psicólogo, do político, do sociólogo, junta-se a majestade do educador. Catedrático em Língua Portuguesa e História Natural, Adriano Jorge foi também professor de psicologia, pontificando na Escola Normal, hoje Instituto de Educação, e no antigo Ginásio Amazonense Pedro II, ao lado de outras inteligências luminares. Suas aulas eram sábias e belas lições gravadas ainda hoje na memória de seus alunos. Tratava com erudição todos os assuntos da cátedra: das questões elementares da gramática às grandes construções da literatura; dos rudimentos da fisiologia humana à complexa distinção dos fenômenos físicos e vitais.

Plínio Coelho, incendiando de luz este salão em memorável noite que guardo para sempre nos meus olhos e no coração, disse, ao pronunciar o elogio ao acadêmico José Braga, com o encanto e fulgurância de sua oratória, percorrendo lembranças e saudades: "Também queremos, neste ponto, recordar o nosso querido mestre, "(...) lembrando "que em uma de

suas eruditas aulas, falando sobre o aparelho auditivo se demorou em derredor da membrana do tímpano, buscou na sua vibração o isócrono na geração do som no movimento do martelo, bigorna e do estribo ao percutir no nervo acústico, comparando-a com o sincronismo de notas musicais para se perder passando pela Física, na teoria da relatividade, deixando-nos aturdidos pelo aticismo da linguagem e cultura polifórmica, fazendo com que um dos colegas pedisse o seu retorno à Terra."

Sacerdote da educação antes que professor, ao paraninfar os professorandos de 1935, estabelece com clareza as diferenças fundamentais entre instruir e educar. Como ensina, pode-se instruir pervertendo-se, mas é impossível educar senão aperfeiçoando e aprimorando.

Para ele, o grande "erro da pedagogia moderna está em ser incompleta, em não encarar o homem sob todos os aspectos de sua organização mental e moral-psíquica. A pedagogia não é, não pode ser, não deve ser apenas uma ciência natural, fenomênica, como as ciências físicas, (...) ela tem de ser, como a moral, como o direito, uma ciência normativa, isto é, tem que estudar os fenômenos sociais, que são o seu objeto, não como de fato o são, mas como devem ser, para que se não criem conflitos e distúrbios no seio das coletividades."

Entendendo que é a educação que realiza a cinzeladura moral e a modelagem psíquica, Adriano coloca sob sua alçada a eficácia profilática das manifestações anti-sociais e anti-humanas que dominam a civilização contemporânea.

Senhoras e Senhores:

Até aqui, busquei compreender o médico e o cientista social Adriano Jorge na sua práxis e nos seus fazeres do cotidiano. A partir de agora, convido-vos a folhear comigo as páginas da sua especulação filosófica e de suas convicções religiosas.

Na explicação do fenômeno da vida, tratando do conceito de evolução em *À margem do conceito de evolução* (sem data), Adriano realiza uma incursão profunda nos meandros da questão: partindo de Lamarck com a idéia de adaptação ao meio e o princípio de que a função faz o órgão, passa pela concepção darwiniana da luta pela vida e da seleção natural e chega à atualidade, cuja orientação quase unânime é a repulsa a quaisquer teorias exclusivistas, para questionar ao fim: "De onde nos vem então a ilusão de uma patente finalidade, de uma evidente harmonia, no seio dos fenômenos da vida?"

Mostra que esta ilusão decorre do estágio em que se encontrava a ciência, de sua incapacidade de reproduzir a vida em laboratório e manipulá-la ao seu grado; de ainda ser insustentável a idéia leibziniana da harmonia preestabelecida; de ainda aceitarmos todas as idéias de relatividade em biologia.

A exemplo de Platão, o processo de conhecimento, para Adriano, representa uma progressiva passagem das sombras e imagem

turvas ao luminoso universo das idéias. Em *A Luz*, notável conferência pronunciada no dia 24 de outubro de 1906, nos salões do Ideal Clube, Adriano procura explicar o despertar da racionalidade, da consciência humana: "Após largos séculos de animalidade apenas subconsciente, no início desse extraordinário trabalho de diferenciação cerebral que lhe veio a dar a preeminência zoológica, o homem pôs-se um dia a mirar estarrecido o sol escaldante, que lhe fazia doer a pupila indagadora... E o homem, que apenas acabava de emergir da irracionalidade e da bruteza dos instintos para a consciência e para o entendimento, (...) o homem quedou-se em êxtase, encantado da infinita beleza da noite constelada, surpreendido da inefável magia do luar puríssimo, assombrado da majestosa imponência do sol..."

Adepto da filosofia existencial, Adriano coloca como uma de suas preocupações o problema do pessimismo e do sofrimento. Em *Pessimismo: Otimismo dinâmico*, janeiro de 1946, afirma que "a inquietação humana é talvez a modalidade mais trágica e mais flagrante do pessimismo, (...) e que Schopenhauer, de fato, não estudou o pessimismo; o que ele fez foi dissecar e exibir, como forma extrema do pessimismo, a vertigem apavorante e desgarradora do desespero humano... Dominar a consciência de inferioridade e buscar em nosso próprio esforço a fortaleza para fazer e melhorar as realizações do nosso espirito, é, segundo Adriano, função do otimismo..."

Em *Função histórica do sofrimento*, escrita em 1947, ensina: "ao surgir no mundo, o homem encontrou o clima esmagador e asfixiante do Terror Inicial. A angústia colocou-lhe na cabeça a coroa de espinhos da consciência da sua debilidade ingênita e deu-lhe a certeza de que, pelo quinhão de dor e de ansiedade, é apenas um pobre ser de melancolia perdido no seio da Natureza (...) Somente na idade fetal o homem, evidentemente sem consciência do seu estado, é realmente feliz; o nascimento, rompendo todos os equilíbrios entre os dois organismos até então solidários desarticula essa felicidade e entrega à atmosfera e à luz um ser de tristeza irreparável. (...) Sem o estímulo do sofrimento nunca o homem seria capaz de evolver das brutezas da pré-história para os requintes da civilização atual".

No campo espiritual, da Fé, Adriano Jorge transmudou-se de ateísta para teísta fervoroso e carismático. Não do ateísmo materialista que nega a existência da divindade, senão daquele que crê na sua existência, mas desacredita na sua interferência no fazer da humanidade. Essa transmudação não foi um ato de conciliação com Deus, mas de entrega, que nele já acreditava, como declara, em verdadeira profissão de fé, ao pronunciar belíssima oração no Primeiro Congresso Diocesano de Manaus, a 2 de junho de 1942.

Confessou, ainda, que foi o magnetismo sobrenatural e a inusitada caridade cristã de Dom João da Matta, Bispo Diocesano, que fez chegar a seu coração a presença divina,

passando aquele momento a assinalar, na sua vida, a mais refulgente e santificadora conquista moral: a Fé. Fé não apenas na existência de Deus, mas, também, na sua eterna presença na humanidade. E prossegue de forma lapidar: "Os que cremos em Deus, os que cremos nas promessas de Cristo, os que cremos na Vida Eterna e proclamamos a santidade da Igreja, sentimos o frêmito desse mistério sagrado e divinizador, pairando sobre nossas almas, como uma imensa asa, que, na palpitação do seu glorioso e rútilo remígio, nos inunda de luz imortal – a Eucaristia!"

"Também sobre mim, numa suprema e paternal misericórdia, apesar de toda a minha indignidade, incidiu uma sentelha desse clarão. Porque eu também – eu, 'uma espécie de aborto', como de si próprio disse São Paulo – recebi, a branca, a pulcra, a sagrada esmola."

Naquele momento falando em praça pública, Adriano Jorge apresenta profundo estudo de Filosofia da Religião. Reconhece que a civilização implica forçosamente Religião, e resume: "Foi a religiosidade, intrínseca e congênita na própria organização humana, a genetriz do anseio para a Luz, da aspiração do Infinito, do esforço ascencional para a Glória. Anseio, aspiração, esforço, que condicionam, caracterizam e definem a verdadeira civilização".

Contrariando a posição dos evolucionistas, Adriano conclui categórico: "Em que pese aos homens de ciência ainda adstritos às interpretações do mundo, em termos de filosofia evolucionista, (...) têm eles de admitir, por força que, nessa escala zoológica, tão claramente niveladora, como eles a compreendem, há um ser estupendo, que criou o Direito; e limitou a liberdade de cada qual pelo respeito à liberdade alheia; e criou a Moral; e concebeu a Justiça; e compreendeu – ele talvez o Único na série animal – que há de morrer um dia; e tem certeza instintiva da Vida Eterna; e é capaz de virtude; e é capaz de sacrifício; e é capaz de heroísmo..."

"Esse ser, de puro milagre da bondade divina, é o homem; o homem sobre cujos ombros de cariátide gigantesca pesa o fardo glorioso da sua dignidade e da sua semelhança com Deus; o homem, com quem Jesus fraternizou e ao qual outorgou, no legado eterno da Igreja, erguida sobre o pedestal dos Evangelhos, a sua assistência perpétua, na suprema misericórdia da Eucaristia".

Terá sido este, senhoras e senhores – e não poderíamos imaginá-lo mais digno, mais humano – o sentido da vida de Adriano Augusto de Araújo Jorge, ele que assumiu na práxis a plenitude de suas mais elevadas convicções, deixando-se guiar pela Bondade, pelo Amor, pela Verdade, pela Justiça.

Senhores Acadêmicos:

Deixarei a tribuna, pelas mãos do poeta, para sentar-me entre vós.

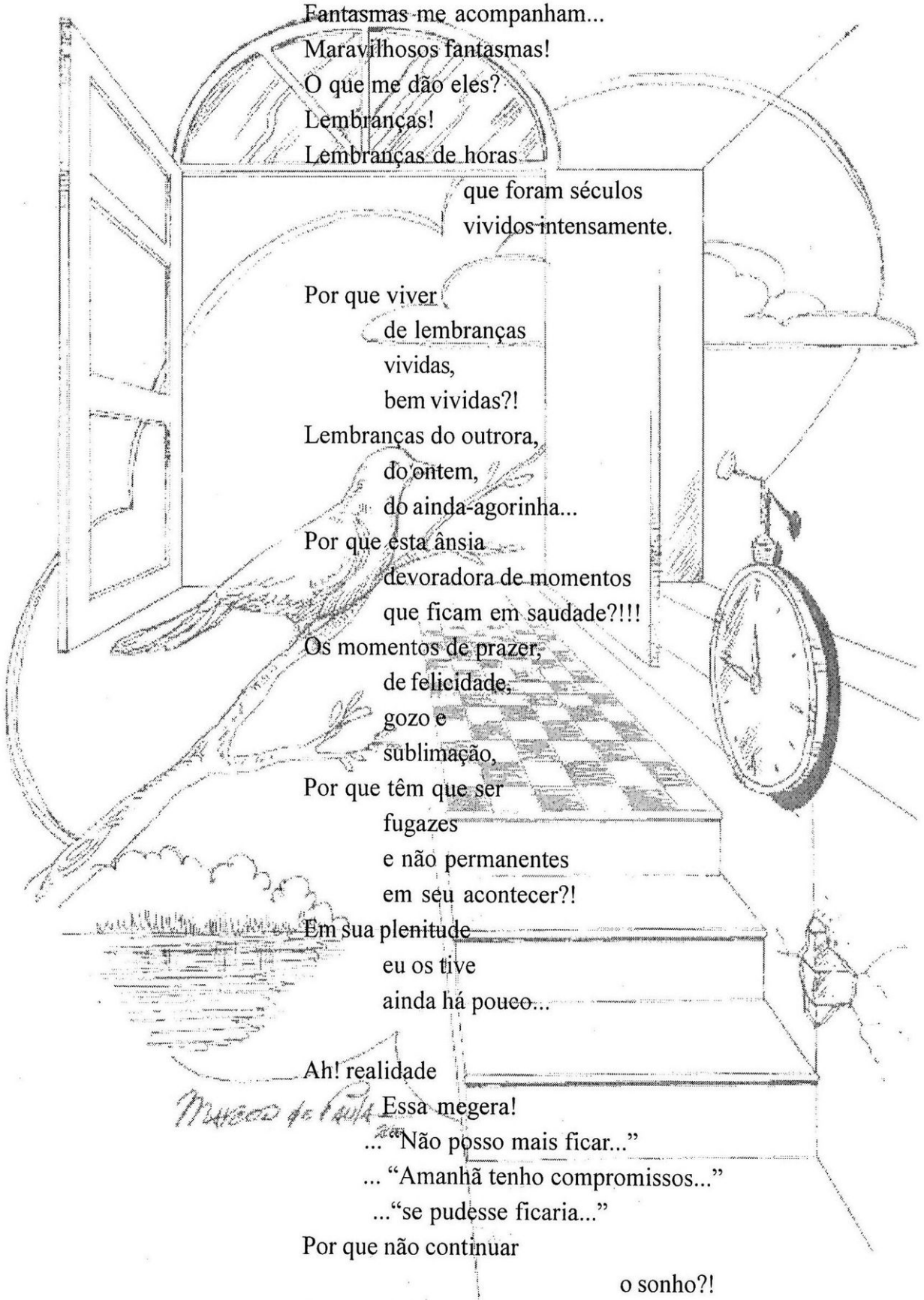
Em meio a tantas presenças tangíveis, vejo ampliar-se este cenário, e posso, a exemplo de Max Carphentier em noite memorável ao transpor os umbrais desta Academia,

"transformar esta tribuna, que é também altar, em ponte móvel sobre o passado e sobre o mundo invisível e encontrar-me (...) com a lembrança intacta de meu glorioso Patrono", cuja figura recolho pelas pupilas do Padre Nonato Pinheiro, ao reunir o desenho físico aos traços indeléveis de sua personalidade, em síntese que quase o materializa em meio de nós: "As pupilas que uma vez recaíam sobre aquela face olímpica, em que se aninhavam clarões, reterão para sempre a imagem impressionante. Cabeleira basta, olhos graúdos e fulgurantes. Testa larga, onde tinham folga todos os talentos, deteve na Academia e fora dela o primado da inteligência, da cultura, e da eloqüência. Na Academia, presidindo às sessões solenes, era de vê-lo no uso da palavra, que se lhe derramava dos lábios franjada de ouro e púrpura. A cabeça era um vulcão em erupções incessantes. E o verbo escachoava solene, harmonioso e pulcro, numa verdadeira enxurrada de policromia e beleza, qual torrente que arrastasse uma apoteose de flores e de estrelas! Nunca dos nuncas se me deparou até hoje orador mais imaginoso, a deixar o auditório invariavelmente imantado, em êxtase, suspenso de seus lábios... E a palavra admiravelmente se adjetivava com a fisionomia em chamas, porque aquela cabeça me dava a impressão de flutuar entre os astros, tal o sentido de luminosidade e altura que imprimia no ouvinte".

Eis-me aqui, diante de vós, Senhor Adriano Augusto de Araújo Jorge! Em pouco estarei na poltrona encimada de ouro, que é vossa e sempre vossa, a ela conduzida pela figura luminar de Max Carphentier, em quem se fundam a beleza do verbo, a grandeza da alma, a excelência do espírito acadêmico. É ele um sábio beneditino – recolhido, circunspecto, modesto, de sentimentos nobres – por si e pelos de ontem, que o ligam a grandes ideais.

Senhor Adriano Jorge: a mim, que não vos pude ver com os olhos, encontrando-vos na maturidade da vida por entre escritos, crônicas, conferências, discursos, depoimentos; que fui conhecer-vos o pensamento retirando dos sinais gráficos a vossa sabedoria ali depositada; é a vós que preciso rogar em tom de quase súplica me permitais, ao descer da tribuna, por-me na Casa que jamais cessou de viver sob o vosso augusto patrocínio, e receber as luzes que aqui podem os humanos encontrar pela imortalidade acadêmica.

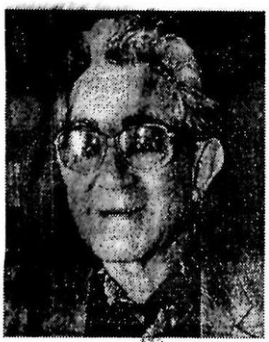
Faz silêncio em mim! Pareço viver a intimidade do meu ser. É preciso que assim se faça no simbolismo da sucessão acadêmica. Vou sentar-me na poltrona que é vossa, Senhor Adriano Jorge! Guiai a quem ousou romper tantos grilhões para aqui chegar, e concedei-me a graça da vossa proteção.



inquieta...
Fantasmas me acompanham...
Maravilhosos fantasmas!
O que me dão eles?
Lembranças!
Lembranças de horas
que foram séculos
vividos intensamente.

Por que viver
de lembranças
vividas,
bem vividas?!
Lembranças do outrora,
do ontem,
do ainda-agorinha...
Por que esta ânsia
devoradora de momentos
que ficam em saudade?!!!
Os momentos de prazer,
de felicidade,
gozo e
sublimação,
Por que têm que ser
fugazes
e não permanentes
em seu acontecer?!
Em sua plenitude
eu os tive
ainda há pouco...

Ah! realidade
Essa megera!
... "Não posso mais ficar..."
... "Amanhã tenho compromissos..."
..."se pudesse ficaria..."
Por que não continuar
o sonho?!
Por quê?!!!



ÂNSIA

Áureo Nonato

Esta ânsia,
Que sempre me acompanha,
de viver.
Viver:
Viver,
Intensa e delirantemente...
Vai acabar?!

Não,
Não vai acabar...
Ah! seres que amei
- intensa e delirantemente —
Sonhando
O Sonho
do nunca acabar,
Diluíram-se no tempo.
Uns,
frágeis e meigos pássaros
amedrontados
Não resistiram à ânsia incontida...
Outros,
belas e delirantes
alvoradas
de um tempo radioso
que não houve,
Tornaram-se apenas carnes,
carnes possuídas
e abandonadas.

Mas,
minha ânsia
de viver
- intensa e delirantemente -
Não acabou...
Mais uma noite-madrugada

SAUDAÇÃO A ROSA MENDONÇA DE BRITO

Max Carphentier

Depois, muito depois do desabrochar de uma Violeta Branca, acontece-nos o surgimento de uma Rosa. Anos e anos, décadas tivemos de esperar por uma nova primavera. Isso nos dá a medida exata do nosso deserto...

(MC)

Como instituição guardiã do anseio de mais luz sobre a terra dos homens, cabe à Academia interpretar, em noites como esta, todo o perfil das luzes que nos chegam. Mas, nesta oportunidade, em que recebemos a Dr.ª Rosa Mendonça de Brito, inverte-se a proposição. A Academia, por minha voz designada pelo grande presidente Oyama, a Academia não interpreta a luz que nos chega, mas a luz que vem até nós é que nos interpreta, porque vem soberanamente cercada, e antecedida, e conduzida pela Filosofia, que desde o cálice de Sócrates, é um triunfo da razão sobre a amargura. Pela Filosofia, que desde o cálice de Jesus, é um triunfo da amargura sobre a perdição. Pela Filosofia, que desde os nossos cálices diários, triunfa da amargura e da perdição e chega a ser a pura fé do intelecto. Pela Filosofia, que é o campo da atividade e do sonho da Acadêmica Rosa.

De fato, senhores, a Dr.ª Rosa, aporte de mais luz que nos chega, dedicou toda sua mocidade ao mais difícil exercício intelectual que existe, que é construir, através das idéias e dos conceitos filosóficos, um caminho para o homem. É o caminho aberto pela sistematização miraculosa do pensamento. É o caminho da Filosofia. Estou convencido de que ao filósofo é exigido, quase impossivelmente, que ele seja humilde e, ao mesmo tempo, que seja detentor e conservador da maior das riquezas, que divido, neste instante, em três grandes tesouros: a sabedoria do mundo, a sabedoria da vida, a sabedoria de Deus. O filósofo sabe a sabedoria do mundo, porque investiga o mundo e sua mecânica; o filósofo sabe a sabedoria da vida, porque perscruta a vida e o seu mistério; o filósofo sabe a sabedoria de Deus, porque convive com o aparente silêncio do Mistério e sabe de quantas perfeições difíceis é feito o tudo e é feito o nada. Então, a Filosofia mostra-nos um caminho que interminavelmente se desdobra a partir da terra e só encontrará repouso na última curva do Infinito.

---

* Discurso proferido na Academia Amazonense de Letras, quando da posse da Dr.ª Rosa Mendonça de Brito na cadeira nº 6, de Adriano Jorge, em 18.11.94.

Assim nos chega Rosa Mendonça de Brito, irmã nossa, equatorial claridade filha dos nossos rios. Assim nos chega a professora da Universidade do Amazonas, ensaísta cujo pensamento é acolhido e festejado pela Revista Presença Filosófica, pela *Revista Ciências Humanas*, do Rio de Janeiro; pela *Revista Convivium*, de São Paulo, e pelos *Anais do Centro de Estudos Filosóficos de Londrina*. Assim nos chega a debatedora e expositora de congressos, seminários e encontros sobre temas relevantes da vida pensamental brasileira. Ela tem a *Medalha Comemorativa do Sesquicentenário de Nascimento e Centenário de Morte de Tobias Barreto*, conferida pelo Governo do Estado de Sergipe. Ela pertence ao Conselho Editorial da *Revista do Pensamento Brasileiro*, editada na Bahia. Ela é, reconhecida nacionalmente, especialista na obra de Kant e no neokantismo brasileiro. Assim ela nos chega, amorosa de sua terra e de sua gente, a que serve como educadora desde 1970. Mulher estudiosa, profundamente dedicada ao saber científico como a forma por excelência de evolução da humanidade, eis que a Filosofia é a "rainha de todas as ciências". Assim nos chega a bela sucessora pensamental de Adriano Jorge. Vem numa esteira constelada que a poesia de Violeta Branca ainda hoje espalha pelo chão de Manaus. Vem nas vigílias sacrificiais de estudos intermináveis, tão íntimos de seu antecessor João Nogueira da Mata. Vem repleta de todas as cintilações, assim da razão como da alma, que seduziram para sempre as pupilas jamais fechadas dos guardadores da Beleza e da Verdade.

Acadêmica Rosa Mendonça,

Ainda que a vôo de pássaro inexperiente, devo deter-me no exame de vossa extensa produção filosófica. Permiti-me, pois, destacar:

1) A monografia intitulada "Filosofia, Educação, Sociedade e Direito na Obra de Arthur Orlando da Silva". Nesse trabalho, vosso mérito é interpretar, insuperavelmente, a obra do pensador pernambucano, e o faz com tanto esmero, que as páginas sobre as quais vos debruçastes sem dúvida resultaram mais claras e profundas, porque ora conseguistes dar-lhes a coroa da síntese, ora o território universal do vosso pensamento. Vós sabeis, o intérprete que tem luz própria acaba sendo um multiplicador de clarões, porque tudo que chega até ele se dilata. Seguindo, mas iluminando, os passos de Arthur Orlando, fazeis preciosas ilações críticas sobre a Escola Jurídica do Recife, sobre a teoria do conhecimento, sobre a teoria do real do ideal, sobre o espaço e o tempo, sobre a teoria educacional, sobre a doutrina jurídica, enfim, sobre as questões mais fundas da inquietação humana e do evolucionismo social. Arthur Orlando finalmente encontra o seu melhor leitor, a estudiosa com preparo suficiente para retirá-lo dos escombros do olvido e colocá-lo entre os maiores pensadores brasileiros. Vosso ensaio será, por isto, sempre guardado pelo espírito de justiça que o inspirou. Um autor que tenha a sua obra revista e recupera-

da no tempo é praticamente uma espécie de ressuscitado. E a história da humanidade muito deve aos ressuscitadores de luzes – a cuja linhagem pertenceis – que constituem especialíssimo conclave que assegura a integridade da linha de evolução do pensamento.

2) Outro de vossos ensaios alentados é "O Republicanismo Democrático", em que vos revelais possuidora do vasto instrumental da ciência política, que vos possibilitou estudar, entre outras questões, os conceitos de igualdade e de república, o sistema de governo proposto pelos republicanos, daí resultando, de vossa inteligência, contribuição efetiva à historiografia do pensamento político brasileiro. Em certo momento de vossas reflexões, dizeis: "A igualdade absoluta entre os homens não pode subsistir, pois que em todo o universo, composto talvez de uma matéria única, o grau de temperatura, a diferente força de atração molecular, e a disposição interna dos átomos, apresentam-se, em seu complexo, combinações que formam corpos cuja variedade é infinita e quase se pode dizer que não há dois que sejam iguais. A única igualdade que pode existir é a igualdade social, isto é, que todos tenham igual direito de desenvolver todas as forças de que foram dotados pela criação; não deve haver liberdade para uns e coação para outros."

Diante do que, com percuciência, dizeis sobre a igualdade humana, Doutora Rosa, o antigo argumento de que os homens não podem ser iguais porque a natureza os fez desiguais fica restrito ao campo da matéria, e cede espaço para que se entenda o conceito de igualdade como algo magnificamente maior que parâmetros físicos, raciais e culturais. Igualdade é construção política que se realiza na solidariedade social, em que todos os dons humanos são reunidos como as pedras de uma catedral. O que a natureza não realiza, o homem busca. Ocorre-me agora, inspirado em vosso pensamento, que os dons devem ser para nós verdadeiras oferendas que temos de fazer transitar das mãos da liberdade para as mãos da fraternidade, e das mãos da fraternidade para as mãos de Deus. Assim, igualdade é o resultado social de o homem, superando a diversidade da matéria, chegar à comunhão no espírito.

3) Quem perlustrar o itinerário de vossas produções há de notar que vossas preferências intelectuais deságuam repetidamente no vasto estuário da crença na Liberdade, como se vossa principal vocação fosse encontrar caminhos do pensamento que vos leve a descortinar a aspiração de ser livre – individual e coletiva – realizada como um corpo retalhado de sacrifícios que finalmente tivesse encontrado na paz a sua vitória definitiva. Com esta determinação perquiridora, debruçando-vos sobre a obra de Kant, deste-nos o denso ensaio "Realização da Liberdade", que é, a um só tempo, uma janela para a crítica da razão pura e facho para as veredas da Liberdade. Depois de realizardes a pacificação de tremendas antinomias, podeis afirmar nesse estudo:

"A autonomia da razão pura prática não é mais que a conformidade com a lei moral e não há liberdade senão em relação à lei moral que deve ser realizada na existência do homem precisamente em liberdade." Mais adiante, em vossas conclusões, sintetizais: "A Liberdade, que tem como objeto o Supremo Bem e o Soberano Bem político, alcança seu fim último, respectivamente: 1) pela realização da liberdade interna através da moralidade e da felicidade; 2) pela realização da liberdade externa através do Direito." Nesta assertiva, nobre Acadêmica, temos que a felicidade da moral e a moral da felicidade são mais importantes do que a própria Liberdade, eis que aquelas realizam esta ao nível do interior do ser. Isso faz-me lembrar o claustro dos santos e as algemas dos heróis, que, privados da vida externa, mas moralmente felizes na fé e no ideal, sentem-se livres como as orações que circulam no coração de Deus e como as bandeiras eternas empunhadas pelos ventos.

Também, não nos iludamos: a Liberdade externa ao homem é campo minado onde só o Direito pode perduravelmente edificar. Não o direito casuístico dos fariseus; não o direito ardiloso dos escribas; não o direito que perpetua a desigualdade, mas o Direito que tem o espírito da Lei, quer dizer, que tem a alma da misericórdia; mas o claro Direito de realização dos dons superiores do homem; mas o direito que seja substância de amor codificada. Neste passo, permito-me revelar-vos que me sinto compadecido pelos legisladores do não, aqueles que sentem verdadeira volúpia pelas normas restritivas. Infelizmente, já vi homens estudiosos murcharem, ficarem secos de viverem velando, no presente, a norma que foi feita para o ontem; já os vi definhando na proclamação de alíneas tristes e severas, reflexo da pequenez amarga de sua visão de mundo. Esses, tanto fazem, tanto fazem, que encontram meios de sacrificar o justo, e impedem que corram para nosso refrigério os ventos do Sermão da Montanha. Por causa disso mesmo, o próprio meio, que eles inoculam de estreiteza e de atitude desamorosa, ali engendra um déspota, mais além promove uma assembléia pérfida que com uma canetada só derruba tudo, e leva ao pó as disposições em que gozaram e em que se consumiram até as cinzas.

4) Chego rapidamente à vossa principal meditação, a tese de doutorado intitulada "A Filosofia de Kant no Brasil (Ciclo do neokantismo)", publicada pela Universidade Gama Filho em 1984, em que estudais detidamente, entre outros aspectos, a idéia geral do Neokantismo, o legado neokantiano da Escola do Recife e a transição do Neokantismo ao Culturalismo. Essa tese cobre sistematicamente mais de um século de evolução do pensamento, desde a interpretação de Kant por Hermann Cohen à teoria tridimensional do Direito, de Miguel Reale. Nela aprendo que um grupo de intelectuais antipositivistas da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, como celebrassem significativamente o bicentenário de Kant, sugeria que o neokantismo no Brasil não morrera com Tobias Barreto. Contudo, diz o filósofo Antonio Paim, "não se havia apurado a natu-

reza dos vínculos entre o grupo em apreço e o neokantismo." E Paim prossegue, numa afirmação que vos consagra, Dr.ª Rosa, e praticamente me dispensa de emitir juízo sobre vossa tese: "Essa importante lacuna no conhecimento da filosofia brasileira, veio a ser preenchida por Rosa Mendonça de Brito na tese intitulada *A Filosofia de Kant no Brasil* (Ciclo do Neokantismo)." Concedo-me salientar neste ponto, Senhores Acadêmicos, que antes de a Academia destacar o nome de Rosa de Brito para elavá-la à dignidade acadêmica, já o trabalho da pesquisadora era reconhecido além do nosso Estado.

Algumas palavras devo dizer sobre o vosso discurso. Trata-se de peça literária límpida e profunda, como o rosto da lua em vossas recordações. É a reverberação amável de vosso ser, tal a espontaneidade e a sinceridade com que foi escrito. Representa também a primeira grande iniciativa, que conheço, de estudo metódico e completo da vida e da obra de Adriano Jorge. Isso já a recomenda à gratidão desta Casa.

É-me grato lembrar agora de toda uma tarde, entrando pela noite, em que convivi com vossas páginas de posse. Delas guardo, com gratidão, a generosidade de vossas referências a este poeta. Guardo na inteligência o respeito pela organização mental que tendes, a qual traduz disciplina interior e experiência no trato do conflito de idéias. E guardo no coração um som indefinível, uma espécie de pequena voz que ouvi de uma menina do Juruá, que cantava: "Promessa de um novo dia; / amanhã sempre amanhã./ Quilhas cortando os rios./ Esperança, Liberdade,/ Vida é Recomeçar./" Essa menina, Senhores Acadêmicos, hoje senhora de ideais vividos e realizados, que encontrou no estudo um caminho de solução da existência e a maneira de transformar o seu ser em matéria que se gasta no projeto de renovação iluminada do mundo, é agora chamada a amenizar, com sua graça e sabedoria, a aridez e a solidão augusta deste Silogeu. Venham da sua cultura, do seu sorriso e do seu afeto a palmeira, a água e o fruto para o nosso deserto. Vamos festejá-la, Senhores Acadêmicos, lembrando o que ela nos disse: "O valor e o sentido da vida encontram-se na escolha que o homem faz de si mesmo."

Dou-vos, finalmente, Acadêmica Rosa, em nome de todos, as nossas boas-vindas. Abraço-vos com a ternura de vossos pares e de vossa família. Ficai conosco. Sede feliz conosco. Realizai vosso sonho entre nós. E deixai que vos diga:

Soneto à Rosa Mendonça de Brito

A Rosa que chegou veio do rio.
Veio da solidão de águas perdidas,
Com um rosto de menina aberto ao frio
E um sonho de mulher aberto à vida.

A Rosa que chegou veio cantando,
Como as ramagens cantam pelos ninhos.
Veio por entre rosas caminhando
A Rosa que cresceu por entre espinhos.

A menina talvez tenha crescido,
Como o lago que viu crescer na enchente
Até chegar aos pés do seu vestido...

A Rosa que nasceu dessa criança
Seja pra nós, sua terra e sua gente,
Rosa de amor, de sonho, de esperança!

ELA

Áureo Nonato

Ela já faz sua ronda
à minha volta.
Sinto que ela vai chegar.
Ela vem chegando aos poucos...
Misteriosamente,
provocando
em meus pensamentos,
em meus sonhos,
antevisões mágicas
de minha reintegração
definitiva
na noite cósmica.

Ela vem chegando aos poucos...
Sorrateiramente,
tentando
subjugar
meus sentidos,
meus membros,
meus pensamentos.

Sinto que ela vai chegar.
Sei que ela vem chegando...
Mansamente.

Quem é ela?
Megera,
prostituta,
anjo bom
ou cruel?!

Como é ela?
Bela,
sedutora,
feia
ou angelical?!

Ela já faz sua ronda
à minha volta.
Sinto que ela vai chegar...

Decisivamente,
tentando de vez turvar
minha alegria da vida
e essa ânsia incontida
de viver;
tentando
de vez levar
para a eternidade
essa combinação
de ficção e realidade
que é a minha vida;

levando-me
à salvação
ou danação
da minha alma.

LIMO DA TERRA

Áureo Nonato

Sou ativas glândulas (sexuais)
quando penso
e sonho
e sinto poesia
brotando
dentro de mim.
Sou vísceras,
mas não as comando.

Sou amor,
Sou ódio,
Sou cólera
e... medo.
- Nasci bom,
medíocre ou mau! -
Sou um amontoado,
contínuo,
de passados
não concluídos,
debruçados sobre
o presente
na expectativa inconsciente
dos meus possíveis
futuros
sem fronteiras...

Quem sou eu?...
- uma história
enriquecida pela vivência
de momentos

mais que pelos anos
da idade real.
Mudança e permanência!
- duzentas mil células
de tecidos,
dois milhões de micróbios
vulgares,
dois bilhões de moléculas
de albumina
postas em fila
formam o meu ser.
Mas diante de uma montanha
ou do nosso planeta
torno-me
minúsculo (sou limo da terra).
Na realidade,
porém,
a minha grandeza
ou a minha pequenez (espaciais)
não tem a menor
importância.
O que me é
específico
não possui
dimensão física.

Meu lugar
no mundo
não depende
de meu volume.
Sou harmonia de sangue,
de nervos
e de... alma.
Os animais,
as árvores
e as montanhas
me comovem...
... sou limo da terra.

NOTICIÁRIO ACADÊMICO

janeiro a junho 2000

Comemorando o aniversário natalício do Acadêmico, a Rede Amazônica levou ao ar o documentário "Mário Ypiranga - Vida e Obra", com texto e apresentação do historiador Abrahim Baze. (jan.)

Inaugurada as galerias de ex-presidentes e membros efetivos da AAL (fev.).

Posse do escritor Almir Diniz na caderia nº 5, cujo Patrono é Araújo Filho. A saudação foi do Acadêmico José Braga. (mar.)

A Secretaria da Cultura edita o discurso "Panorama da Intelectualidade do Amazonas", do saudoso Acadêmico Padre Nonato Pinheiro. (mar.).

A Academia inscreve o Acadêmico Thiago de Mello como candidato ao IX Prêmio Reina Sofia de Poesia Iberoamericana. (mar.)

O Acadêmico Newton Sabbá Guimarães remete à presidência uma via dos originais de sua tradução, para o espanhol, do livro "Amazônia Panteísta", do ilustre Mavignier de Castro. (abr.).

O Acadêmico Laffayette Vieira lança seu livro "Meus Versos", em concorrida noite de autógrafos na Livraria Valer (abr.)

Posse do historiador Francisco Gomes da Silva na cadeira nº 20, cujo patrono é João Ribeiro. O discurso de saudação foi do Acadêmico Robério Braga. (abr.).

O Acadêmico Dom Luiz Soares Vieira recebe o título de Cidadão do Amazonas, na Assembléia Legislativa do Estado. (abr.)

Com as fortes chuvas, o muro frontal do Instituto Benjamim Constant desaba, arrastando parte do muro e do portão de entrada da AAL. (abr.).

O Acadêmico Arlindo Porto faz conferência no Tribunal de Contas do Estado, sobre o tema "Os 500 Anos do Brasil". (abr.).

Os Acadêmicos Elson Farias e Thiago de Mello participam da Bienal do Livro, em São Paulo, sob o patrocínio da Secretaria da Cultura. (mai.).

A Academia apóia o XIII ENAP - ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS E II ENCONTRO DE ESCRITOS NO AMAZONAS, com a participação dos Acadêmicos Elson Farias e Max Carpentier. (jun.).

O Acadêmico Plínio Coelho encaminha à AAL um exemplar de seu livro "Vozes da Amazônia" (poesia), editado em São Paulo.

O Acadêmico Robério Braga realiza palestra sobre a vida e obra de Adriano Jorge, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, a convite da Academia Amazonense de Medicina. (jun.).

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM